

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

LÉCIO BARBOSA DE ASSIS

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE RIO DAS RÃS: ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E
EXTRALÍNGUÍSTICAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

LÉCIO BARBOSA DE ASSIS

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE RIO DAS RÃS: ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E
EXTRALÍNGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2019

A866c	Assis, Lécio Barbosa de. A concordância nominal de números na Comunidade Quilombola de Rio das Rãs: análise das variáveis linguísticas e extralinguísticas. / Lécio Barbosa de Assis; orientador Jorge Augusto Alves da Silva -- Vitória da Conquista, 2019. 162f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) -- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Inclui referência F. 156 – 163. 1. Português Afro-brasileiro. 2. Concordância nominal de número. 3. Sociolinguística. 4. Sócio- história – Português Brasileiro I. Silva, Jorge Augusto Alves da (orientador). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III. CDD: 469
-------	--

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The nominal number agreement in the quilombola community of Rio das Rãs: analysis of linguistic and extralinguistic variables

Palavras-chave em inglês: Sociolinguistics. Afro-Brazilian Portuguese. Theory of Variation and Change. Nominal Number Agreement. Rio das Rãs.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Presidente-Orientador); Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB); Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS)

Data da defesa: 29 de março de 2019

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística

LÉCIO BARBOSA DE ASSIS

**A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
RIO DAS RÃS: ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 29 de março de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Jorge Augusto Alves da Silva

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB

Ass.: Valéria Viana Sousa

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Instituição: UEFS

Ass.: Silvana Silva de F. Araújo

Aos meus familiares e amigos que, com muito carinho e apoio, me
ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, humildemente, agradeço ao Grande Pai, Origem e Centro de toda a Existência, Deus de Luz e de Verdade, Que incessantemente concede bênçãos, proteções e orientações em nossas vidas.

Ao Excelso Senhor Bom Jesus da Lapa, que nos concede a cada dia, milagres e Luz.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), por proporcionar esta valiosa experiência acadêmica.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

A meu orientador, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, que de modo contínuo, expressa sua generosidade, confiança e alegria nos nossos trabalhos de estudo e pesquisa. Sou grato pela permissão de trilhar este gratificante caminho da pesquisa sob sua orientação.

À Profa. Dra. Valéria Viana Sousa, pela sua existência radiante e por acreditar sempre no potencial de seus alunos.

A todos os professores do PPGLin, em especial à Profa. Dra. Vera Pacheco por toda a atenção e carinho e à Profa. Dra. Elisângela Gonçalves pelas contribuições no Exame de Qualificação.

À minha amiga, colega de curso e colega de trabalho Maura Cangirana pela parceria nesta empreitada, e que sempre foi meu ponto de referência pelos seus esforços intensos, entusiasmo e dedicação para trilhar os caminhos da pesquisa.

Ao meu amigo Danilo da Silva Santos pelo apoio, incentivo, paciência e dedicação durante os estudos no Grupo de Pesquisa da UFOB - *campus* Bom Jesus da Lapa, que possibilitaram a chegada até aqui.

Aos colegas do curso, pela oportunidade de compartilhar momentos muito divertidos em nossas vidas, em especial Maura, Francisco, Emerson, Rai, Mari, Mirian, Ricardo e Danilo Sobral.

Agradeço aos amigos do Grupo de Pesquisa e Família JANUS, pelas discussões sociolinguísticas, pela companhia na participação dos eventos acadêmicos e pelo apoio e incentivo na realização desta pesquisa.

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

Ao Prof. Dr. Lucas Campos, por ter aceitado o Estágio de Tirocínio Docente em suas turmas do V Semestre (2017.2) dos Cursos de Letras Vernáculas e Modernas, na Disciplina de Linguística Histórica e pela sua simpatia, disponibilidade e valiosas sugestões.

Aos graduandos dos Cursos de Letras Vernáculas e Modernas, do semestre acadêmico 2017.2, com quem tive o privilégio de discutir algumas ideias presente no meu projeto de pesquisa durante o estágio de Tirocínio Docente e pela experiência compartilhada nas aulas de Linguística Histórica.

Às pessoas que concederam entrevistas e informações durante os trabalhos de campo na Comunidade de Rio das Rãs e aos professores e funcionários da Escola Municipal Elgino Nunes de Sousa, especialmente à Diretora Juvenice, à Coordenadora Pedagógica Ilane, Professora Rose e ao Professor Jonas, pela indicação e apresentação dos informantes e pela acolhida em todos os momentos que estive na Unidade Escolar.

À Direção, coordenação pedagógica, professores, funcionários e aos queridos alunos do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, em Bom Jesus da Lapa, escola em que eu trabalho, pelo apoio e compreensão neste momento importante da minha vida acadêmica e profissional.

À Banca Examinadora, à qual tenho grande admiração. Agradeço A Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo que aceitou participar da banca.

Um agradecimento especialíssimo a minha família, minha mãe, irmãos e sobrinhos pelo amor, carinho e compreensão pelas minhas ausências durante este tempo.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Quilombo é uma palavra originária de *kilombo*, da língua africana *bantu*. Entre seus vários significados, o mais comum é acampamento ou fortaleza. Mas afinal, o que é um quilombo? Alguns livros de história falam que quilombo é um lugar escondido formado por escravos negros fugidos na época da escravidão. Como a escravidão acabou há mais de cem anos, parece estranho falarmos de quilombos hoje em dia. Mas, para entendermos melhor vamos usar o quilombo Rio das Rãs como exemplo. [...] Era gente que não acabava mais, todos meio parentes entre si. Gente que criou comunidades nas margens do rio São Francisco, no interior da Bahia (no atual município de Bom Jesus da Lapa), em meados de 1800, e lá ficou plantando, caçando, pescando, cuidando do gado, construindo casas, dançando suas danças e cultuando seus deuses. Juntos, mantiveram sua cultura e seus modos de vida naquele lugar, e também lutaram muito pelo direito de viver nas terras onde haviam plantado raízes (MEIRE CAZUMBÁ).

RESUMO

O presente estudo toma como objeto de análise sociolinguística e sócio-histórica o emprego da Concordância Nominal (CN) de número entre os elementos do interior do Sintagma Nominal (SN) no Português Afro-brasileiro, registrado em amostras de fala da comunidade quilombola de Rio das Rãs, no município de Bom Jesus da Lapa, no oeste do Estado da Bahia, *corpus* constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Analisamos os grupos de variáveis linguísticas através da perspectiva atomística (marcas precedentes, tonicidade, saliência fônica, posição do constituinte com referência ao núcleo e classe gramatical) e da perspectiva não atomística (função sintática do SN, realização do núcleo, posição do SN em relação ao verbo e saliência fônica) (SCHERRE, 1988) e as variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária, escolaridade e estada fora da comunidade), considerando empiricamente o desempenho dos falantes quanto à aplicação da regra de concordância estabelecida pela gramática normativa. Seguindo as premissas teórico-metodológicas da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008 [1972]) e Sócio-histórica (ROMAINNE, 1982), os dados foram analisados quantitativamente, utilizando o programa estatístico *Goldvarb-X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) estabelecendo uma relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas, para observar o comportamento linguístico da comunidade através das amostras de fala. Foram utilizados 3.519 dados retirados das entrevistas de 24 informantes, sendo verificada a aplicação de regra da concordância nominal de número em 24% das ocorrências analisadas. Os dados obtidos nesta pesquisa fornecem evidências, sobre o vernáculo do oeste baiano, relacionadas aos caminhos da variação e mudança linguística que remontam a sócio-história do Português Brasileiro (PB).

PALAVRAS-CHAVE

Português Afro-brasileiro. Concordância nominal de número. Sociolinguística. Sócio-história.

ABSTRACT

The present research takes as an object of sociolinguistic analysis the use of the Nominal Number Agreement (CN) among the elements of the interior of the Nominal Syntagma (SN) in Afro-Brazilian Portuguese, recorded in speech samples from the quilombola community of Rio das Rãs, in the city of Bom Jesus da Lapa - Bahia, corpus constituted by the Historical Linguistics and Sociofunctionalism Research Group of the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), groups of linguistic and extralinguistic variables were analyzed through atomistic and non-atomistic perspectives (SCHERRE, 1988), empirically considering the performance of the speakers regarding the application of the rule of agreement established by the normative grammar. Following the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, WEINREICH, HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]) and Sociohistorical (ROMAINNE, 1982), data were analyzed quantitatively using Goldvarb-X statistical program (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) establishing a relationship between linguistic and extralinguistic variables, to observe the community's linguistic behavior through speech samples. A total of 3,519 speech occurrences were used by 24 informants (12 males and 12 females, aged 25 to 35, 45 to 55 years and 65 years of age, and educational level of 0 to 2 years and 3 to 5 years) , being verified the application of rule of nominal number agreement in 24% of the analyzed cases. The data obtained in this research provide evidence about the vernacular of western Bahia, related to the paths of variation and linguistic change that go back to the socio-history of Brazilian Portuguese (PB).

KEYWORDS:

Sociolinguistics. Afro-Brazilian Portuguese. Theory of Variation and Change. Nominal Number Agreement. Rio das Rãs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Bom Jesus da Lapa	24
Figura 2 – Território das Comunidades Negras de Rio das Rãs.....	25
Figura 3 – Casa de taipa em Rio das Rãs	33
Figura 4 – Escola Municipal Elgino Nunes de Souza.....	39

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Frequência geral da marcação de plural	114
Gráfico 2 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável <i>marcas precedentes</i>	117
Gráfico 3 – Tonicidade.....	119
Gráfico 4 – Presença de Marca de Plural no SN abordagem atomística segundo a variável <i>saliência fônica</i>	121
Gráfico 5 – Classe gramatical do PPVC (GUIMARÃES, 2014) e Rio das Rãs	130
Gráfico 6 – Comparação entre o Português Afro-brasileiro de Rio das Rãs e o Português Popular (GUIMARÃES, 2014) e Culto (MEIRA, 2015) de Vitória da Conquista	138
Gráfico 7 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável <i>faixa etária</i>	140
Gráfico 8 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável <i>Escolaridade</i> no português popular (GUIMARÃES, 2014) e culto (MEIRA, 2015) de Vitoria da Conquista e do português afro-brasileiro de Rio das Rãs	142
Gráfico 9 – Presença de marca de plural no SN segundo <i>escolaridade</i> e <i>faixa etária</i> para o sexo masculino	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Origem, cor, gênero dos escravos e forros da Freguesia de Santo Antonio do Urubu nos livros de casamentos	29
Quadro 2 – Quadro de distribuição dos habitantes das freguesias de São José de Carinhanha de Santo Antônio do Urubu e de Bom Jesus da Lapa por identificação de cor, de origem e condição segundo registros cartoriais	30
Quadro 3 – Informantes segundo o perfil social	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência geral da marcação de plural: presença vs ausência.....	114
Tabela 2 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável marcas precedentes	115
Tabela 3 – Presença de Marca de Plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável tonicidade	118
Tabela 4 – Presença de Marca de Plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável saliência fônica	120
Tabela 5 – Presença de Marca de Plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável saliência fônica nos itens irregulares e regulares.....	121
Tabela 6 – Saliência fônica no PPVC (GUIMARÃES, 2014), Português Culto (MEIRA,2015) e Rio das Rãs.....	122
Tabela 7 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável posição do determinante com referência ao núcleo do SN	124
Tabela 8 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável Posição do determinante à esquerda do núcleo	125
Tabela 9 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem atomística</i> segundo a variável classe gramatical.....	126
Tabela 10 – Classe gramatical do PPVC (GUIMARÃES, 2014) e Rio das Rãs.....	129
Tabela 11 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem não-atomística</i> segundo a variável função sintática.....	131
Tabela 12 – Reconfiguração da função sintática	132
Tabela 13 – Função sintática comparação em Alto Xingu e Rio das Rãs.....	132
Tabela 14 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem não-atomística</i> segundo a variável realização do núcleo	133
Tabela 15 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem não-atomística</i> segundo a variável <i>posição do SN em relação ao verbo</i>	134
Tabela 16 – Presença de marca de plural no SN <i>abordagem não-atomística</i> segundo a variável <i>saliência fônica</i>	135
Tabela 17 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável <i>Sexo</i>	136
Tabela 18 – Comparação entre o Português Afro-brasileiro de Rio das Rãs e o Português Popular (GUIMARÃES, 2014) e Culto (MEIRA, 2015) de Vitória da Conquista	138
Tabela 19 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável <i>faixa etária</i>	139

Tabela 20 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável Escolaridade	142
Tabela 21 – Presença de marca de plural no SN segundo Estada fora da comunidade	143
Tabela 22 – Presença de marca de plural no SN segundo cruzamento das variáveis <i>escolaridade</i> e <i>sexo</i>	145
Tabela 23 – Presença de marca de plural no SN segundo cruzamento das variáveis <i>escolaridade</i> e <i>faixa etária</i>	146
Tabela 24 – Presença de marca de plural no SN segundo cruzamento da <i>escolaridade</i> e <i>estada fora da comunidade</i>	146
Tabela 25 – Presença de marca de plural no SN segundo <i>faixa etária</i> e <i>sexo</i>	147
Tabela 26 – Presença de marca de plural no SN segundo <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i> para o sexo feminino	148
Tabela 27 – Presença de marca de plural no SN segundo <i>faixa etária</i> e <i>escolaridade</i> para o sexo masculino	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

4-M	Teoria dos quatro morfemas
AAVE	African-American Vernacular English
APERJ	Atlas Etnolinguístico do Estado do Rio de Janeiro
CEDITER	Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CN	Concordância Nominal
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro e Barbalha – Cariri Cearense
Det.	Determinante
DNIT	Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
EJA	Educação para Jovens e Adultos
EMITec	Ensino Médio com Intermediação Tecnológica
FUNDIFRAN	Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBaiano	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
ModE	Modificador Externo
ModI	Modificador Interno
N	Nome
NSN	Núcleo do sintagma Nominal
NURC	Norma Culta Urbana
PR	Peso Relativo
PB	Português Brasileiro
PCVC	Português Culto de Vitória da Conquista
PortVix	Português Falado na Cidade de Vitória
Pós-det.	Pós-determinante
PPVC	Português Popular de Vitória da Conquista
Pré-det.	Pré-determinante
Pro	Pronome
PROFALA	Português falado no Ceará

PVOLP	Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
SA	Sintagma Adjetival
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicional
SV	Sintagma Verbal
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFOB	Universidade Federal do oeste da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIP	Universidade Paulista
UNISA	Universidade de Santo Amaro
UNOPAR	Universidade norte do Paraná
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
USA	United States of America (Estados Unidos da América)
VARSUL	Variação Linguística na Região Sul do País

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 RIO DAS RÃS.....	23
2.1 ASPECTOS GERAIS	23
2.2 LUTAS E RECONHECIMENTO	26
2.3 ASPECTOS SOCIAIS	34
2.4 A EDUCAÇÃO NA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE RIO DAS RÃS.....	36
2.5 COMUNIDADE DE FALA	41
3 CONCORDÂNCIA NOMINAL	46
3.1 CONCORDÂNCIA NOMINAL E A TRADIÇÃO GRAMATICAL	46
3.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL NA GRAMÁTICA DESCRITIVA.....	49
3.3 CONCORDÂNCIA NOMINAL NA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA	50
3.4 O SINTAGMA NOMINAL	57
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	62
4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	62
4.1.1 A Variação e Mudança Linguística	66
4.1.2 Variação estável ou mudança em progresso.....	69
4.2 LINGUÍSTICA SÓCIO-HISTÓRICA.....	70
4.3 TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: CONCEITOS E APLICAÇÕES.....	77
4.4 TEORIA DOS QUATRO TIPOS DE MORFEMAS OU 4-M MODEL.....	81
5 METODOLOGIA	86
5.1 A PESQUISA DE CAMPO.....	86
5.2 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	86
5.3 OS INFORMANTES	87
5.4 AS ENTREVISTAS.....	88
5.5 PROCESSAMENTO DOS DADOS.....	89
5.6 LEVANTAMENTO DE DADOS	90
5.7 APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS	91
5.7.1 Abordagem Atomística.....	93
5.8 ABORDAGEM NÃO ATOMÍSTICA.....	101
5.8.1 Configuração sintagmática	102
5.8.2 Realização do núcleo	103
5.8.3 Função sintática.....	104

5.8.4 Posição do SN em relação ao verbo	105
5.8.5 Número de constituintes do SN.....	106
5.8.6 Número de constituintes flexionáveis do SN.....	107
5.8.7 Saliência fônica.....	108
5.9 AS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	108
5.9.1 Sexo	109
5.9.2 Nível de escolaridade.....	110
5.9.3 Faixa etária	111
5.9.4 Estada fora da comunidade	111
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	113
6.1 ABORDAGEM ATOMÍSTICA	113
6.1.1 Marcas precedentes.....	115
6.1.2 Tonicidade	118
6.1.3 Saliência fônica.....	120
6.1.4 Posição do determinante com referência ao núcleo do SN.....	123
6.1.5 Classe gramatical do constituinte	125
6.2 ABORDAGEM NÃO ATOMÍSTICA.....	130
6.2.1 Função sintática do SN.....	131
6.2.2 Realização do núcleo	133
6.2.3 Posição do SN em relação ao verbo	133
6.2.4 Saliência fônica.....	134
6.3 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	135
6.3.1 Sexo	136
6.3.2 Faixa etária	139
6.3.3 Escolaridade	141
6.3.4 Estada fora da comunidade	143
6.3.5 Cruzamento das variáveis extralinguísticas	144
7 CONCLUSÕES.....	151
REFERÊNCIAS.....	156

1 INTRODUÇÃO

O território do Rio das Rãs é uma região localizada no município de Bom Jesus da Lapa, no oeste do estado da Bahia, distante aproximadamente 70 km da sede do município, tendo o curso d'água Rio das Rãs como limite natural entre os municípios de Malhada e Bom Jesus da Lapa. O território de Rio das Rãs é formado pelas comunidades quilombolas de Batalhinha, Brasileira, Capão do Cedro, Exú, Riacho Seco, Mocambo, Pau Preto, Retiro e Rio das Rãs. A comunidade quilombola de Rio das Rãs está situada na foz do curso d'água Rio das Rãs e à margem direita do Rio São Francisco, conservando os usos e costumes dos antepassados que viveram nesta região do médio São Francisco².

Esta pesquisa³ toma como objeto de análise sociolinguística o emprego da concordância nominal de número entre os elementos do interior do sintagma nominal no português afro-brasileiro, registrado no *corpus* de amostras de fala da comunidade quilombola de Rio das Rãs, considerando empiricamente o desempenho dos falantes quanto à aplicação da regra de concordância estabelecida pela gramática normativa.

O interesse em analisar a variedade falada na comunidade quilombola de Rio das Rãs foi motivado pela necessidade de compreender a formação sócio-histórica do português brasileiro, através do estudo de uma comunidade rural afro-brasileira que viveu em condições de isolamento ao longo do período de exploração e povoamento da região do médio São Francisco. As comunidades negras rurais de Rio das Rãs chamam a atenção pelas histórias, tradições e lutas de resistência pela conquista do território e afirmação da identidade étnico-social. No âmbito das pesquisas realizadas sobre o território de Rio das Rãs, não encontramos estudos linguísticos sobre a variedade da língua falada na comunidade, fato que despertou ainda mais para a realização deste estudo, com o intuito de contribuir para a compreensão da realidade sociolinguística do português brasileiro do oeste da Bahia.

Os dados analisados pela observação da fala espontânea dos informantes desta comunidade demonstram que a realização da regra de concordância nominal de número constitui regra variável condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Na tentativa

² “São quatro trechos característicos. O Alto São Francisco, das cabeceiras até a Serra da Canastra, em Pirapora/MG. O Médio São Francisco está localizado entre Pirapora e Remanso/BA. A partir daí, o Submédio São Francisco vai até Paulo Afonso/BA, onde o Baixo São Francisco se estende até a foz, no Oceano Atlântico”. Disponível em: <http://www.dnit.gov.br/hidroviarias/hidroviarias-interiores/hidrovia-do-sao-francisco>. Acessado em 10/01/2019.

³ Pesquisa aprovada de acordo com a Resolução CNS 196/96 pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR com CAAE nº 74667317.8.0000.5578 e Parecer nº 2261889.

de uma investigação reflexiva e teórico-metodológica dos processos de variação e mudança linguística, que foram observados nessa comunidade de fala, partimos da seguinte reflexão: Quais fatores linguísticos e extralinguísticos estariam motivando o baixo índice de aplicação da regra de concordância nominal entre os falantes desta comunidade? No entanto, de tal pergunta principal derivam-se outras, tais como: Haveria uma mudança em curso? Qual seria a tendência de tal mudança: mudança para a aquisição de marcas ou para a perda de marcas?

Para responder a tal pergunta, formulamos as seguintes hipóteses:

I. No português popular, a aplicação da regra de concordância no sintagma nominal constitui regra variável motivada por fatores linguísticos, tais como a posição linear dos constituintes do SN, a posição do constituinte em relação ao núcleo do SN, a classe gramatical do constituinte, a saliência fônica, a classe gramatical, a tonicidade do elemento pluralizável, a configuração sintagmática do SN, realização do núcleo, a função sintática, a posição do SN em relação ao verbo, o número de constituintes do SN e o número de constituintes flexionáveis do SN. Para cada uma dessas variáveis, elaboramos uma hipótese que há de ser devidamente esclarecida na **Seção 6**;

II. No português popular, a aplicação da regra de concordância no sintagma nominal constitui regra variável motivada por fatores extralinguísticos, tais como escolaridade, sexo do informante, faixa etária e estada fora da comunidade. Para cada uma dessas variáveis, elaboramos uma hipótese que há de ser devidamente esclarecida na **Seção 6**;

III. Presumimos ainda que há uma mudança em curso considerando que, a nosso juízo, os mais jovens e as mulheres tendem a apresentar um comportamento linguístico cada vez mais próximo de um padrão urbano;

IV. Ademais, inferimos que o vernáculo⁴ da comunidade esteja se alterando em direção à aquisição de marcas dada à proximidade com outras culturas e a ampliação de expectativas, por meio de um constante processo de urbanização.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a variação linguística quanto à aplicação da regra de concordância de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal na fala da comunidade quilombola de Rio das Rãs, e como objetivos específicos: (i)

⁴ “Vernáculo é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. [...] é a enunciação e expressão dos fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enuncia-los” (TARALLO, 2007[1985], p. 19).

investigar o desempenho linguístico dos falantes do português afro-brasileiro da comunidade quanto ao índice de aplicação da regra de concordância de número entre elementos flexionáveis do sintagma nominal; ii) demonstrar como fatores linguísticos e extralinguísticos estariam motivando o baixo índice de aplicação da regra de concordância nominal entre os falantes da comunidade.

Para alcançar os objetivos propostos, tomamos como base o referencial teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]), a Socio-histórica (Romaine, 2009 [1982]) como proposta para descrição científica do uso da concordância nominal de número em constante processo de variação e mudança.

Com o intuito de desenvolver as ideias que estruturam esta Dissertação, o trabalho teve a seguinte configuração: após a Introdução, apresentamos a **Seção 2**, intitulada RIO DAS RÃS, discorre sobre a sócio-história da comunidade de Rio das Rãs, apresentando brevemente o processo de ocupação, os conflitos pela posse da terra, origem e formação étnica (CARVALHO, 1993; 1995; SOUZA e ALMEIDA, 1994 a;1994b; NEVES, 2003; DUTRA, 2007 e NOGUEIRA, 2011) , o acesso à escolarização (PURIFICAÇÃO,2015), a composição da comunidade de fala (LABOV, 2008[1972]; ROMAINÉ, 2000 [1994]) e as características da comunidade de prática (ECKERT;MCCONNELL-GINET, 2010; MEYERHOFF, 2011) inserida no grupo social estudado.

Na **Seção 3**, CONCORDÂNCIA NOMINAL, fazemos uma breve discussão sobre o fenômeno da concordância nominal de número a partir da concepção da gramática normativa (BECHARA, 2009; CEGALLA, 2009), da gramática descritiva (PERINI, 2009; CASTILHO, 2014) e dos estudos sociolinguísticos (SCHERRE, 1988; FERNANDES, 1996; ALMEIDA, 1997; LOPES, 2001; ANDRADE, 2003; SANTOS, 2010; MARTINS, 2013; GUIMARÃES, 2014; MEIRA, 2015; TABOSA, 2016 e SCARDUA, 2018), bem como o conceito de sintagma nominal (AZEREDO, 2000; SILVA e KOCK, 2002; PERINI, 2005; 2007; CASTILHO, 2014), essencial para a compreensão deste estudo.

Na **Seção 4**, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, abordamos os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, baseados na Teoria da Variação e Mudança Linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]), bem como os estudos fundamentados na Linguística Sócio-histórica (Romaine, 2009 [1982]). O fenômeno em estudo também é explicado, nessa seção, pela Teoria da Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI, 2003; 2015; LUCCHESI e

BAXTER 2009) e pela Teoria dos 4-M (MYERERS-SCOTTON; JAKE, 2000; 2016; MYERS-SCOTTON, 2001).

Na **Seção 5, METODOLOGIA**, apresentamos, resumidamente, sobre as etapas da pesquisa de campo, como a constituição do *corpus* da pesquisa, o perfil dos informantes, as entrevistas, o processo de coleta, armazenamento e levantamento de dados, o modelo estatístico utilizado para a interpretação dos dados levantados.

Na **Seção 6, APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS**, são apresentadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas, partindo de duas perspectivas de análise do fenômeno da concordância nominal, de acordo com a proposta de Scherre (1988): *abordagem atomística* a fim de analisar cada item flexionável do sintagma nominal e, *abordagem não atomística*, a fim de investigar a estrutura sintagmática, além das variáveis extralinguísticas ou sociais.

Na **Seção 7, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**, tratamos da análise e discussão dos dados, apresentando as variáveis independentes selecionadas pelo programa estatístico *Goldvarb-X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005), bem como a influência exercida por cada variável linguística e extralinguística, tanto isoladamente quanto relacionadas a outras variáveis através do cruzamento dos dados.

E por último, são feitas as considerações finais acerca da variação do uso da concordância nominal condicionada aos fatores aqui estudados.

2 RIO DAS RÃS

Nesta seção, apresentamos um pouco da história da Comunidade de Rio das Rãs, seu contexto sócio-histórico e linguístico e a composição da comunidade de fala cujas amostras serviram de base para a análise que empreendemos.

Pode parecer incomum que (em estudos como o nosso) a sócio-história da comunidade venha em seção separada da Metodologia. Entretanto, a opção foi realmente a de dar destaque à comunidade, considerando que o *corpus* formado de amostras de fala dos habitantes de Rio das Rãs passa a integrar o acervo do Grupo JANUS – Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, o que justifica que a história da comunidade tenha o destaque que lhe demos, pois poderá servir de balizamento para os futuros pesquisadores do Grupo. Destarte, informações topográficas, bem como censitárias (demográficas e econômicas) e historiográficas formam a base para futuros questionamentos, segundo o recorte que se há de fazer.

Nosso estudo pautou-se numa observação pertinente feita por Afrânio Peixoto (1917), para quem:

[...] A história é a consciência, em lenda, vestígios do tempo, ruínas, monumentos, escritos, desse divino instinto do homem, que além da perenidade da espécie conseguida pela geração, como, aliás, toda a natureza, logrou para si, exclusivamente, a eternidade subjetiva da memória. (PEIXOTO, 1917, p. 213)

Ao final da presente seção, aditamos um conceito daquilo que consideramos ser comunidade de fala.

2.1 ASPECTOS GERAIS

A comunidade rural de Rio das Rãs está inserida no centro-oeste do médio São Francisco do estado da Bahia, entre os paralelos 13° 41' 50'' e 13° 52' 20'' sul e meridiano 43° 19' 02'' e 43° 34' 52'' WGR na microrregião 134, médio São Francisco, no município de Bom Jesus da Lapa, estado da Bahia (CARVALHO, 1993). Como mostra o mapa a seguir:

Figura 2 – Território das Comunidades Negras de Rio das Rãs



Fonte: Paróquia do Bom Jesus da Lapa, 2018.

Assim qualificada e localizada a comunidade quilombola de Rio das Rãs, torna-se necessário apresentar-lhe a história “social”, mostrando a constituição da comunidade com sua identidade territorial. Vamos a isso.

2.2 LUTAS E RECONHECIMENTO

Em 1993, sob a coordenação do Antropólogo José Jorge de Carvalho (UnB), a pedido da Procuradoria Geral da República, foi elaborado um documento intitulado *Laudo Antropológico*⁶ a respeito da Comunidade Negra de Rio das Rãs. O estudo antropológico ali realizado baseou-se na percepção identitária do grupo, traduzido em seus “modos de produção” [comunidade agrária] e na sua organização sociocultural – definindo-lhe a ancestralidade e, portanto, a tradição⁷.

O *Laudo Antropológico* foi documento indispensável para que houvesse o convencimento de que a terra não pertencia a outrem, senão aos membros daquela Comunidade, contrariando fazendeiros que alegavam ter a posse das terras que a formam. Os conflitos iniciam na década de 1970 e se estendem até meados da década de 1990.

Ao levantar informações sobre a história da Comunidade, Carvalho (1993) assim se manifesta:

A comunidade do Rio das Rãs é certamente uma comunidade camponesa – um bairro rural de negros. Pode-se afirmar que ela se originou em uma época anterior à abolição. Os habitantes da Comunidade não seriam, portanto,

⁶ A comunidade rural de Rio das Rãs vem sendo objeto de estudo já há algum tempo. Pesquisadores têm se debruçado sobre a história, formação, tradição e lutas da comunidade, e também sobre a composição genética das populações quilombolas. Dentre estudos realizados sobre o índice de ancestralidade africana, desenvolvidos pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB), destacamos alguns trabalhos: 1. Maria Angélica Floriano Pedrosa (2006), em sua dissertação de mestrado, cuja pesquisa centrou-se na composição genética de quatro comunidades Remanescente de Quilombos: Kalunga (GO), Mocambo (SE), Rio das Rãs (BA) e Riacho da Sacutiaba (BA), com o objetivo de estimar o índice de ancestralidade africana individual. Para a realização dessas estimativas, a pesquisadora utilizou dados de frequência alélicas da literatura e para os marcadores microssatélites, foi feita uma média ponderada das frequências alélicas observadas em populações africanas (Angola, Camarões, Guiné Equatorial, Guiné Bissau e Moçambique). O estudo concluiu que todas as comunidades, em especial Rio das Rãs e Kalunga apresentam uma forte composição africana em sua composição. 2. Carlos Eduardo Guerra Amorim (2009) em sua dissertação de mestrado avaliou a origem e o impacto das imigrações recentes e antigas sobre a constituição genética dos remanescentes de quilombos de Mocambo (SE), Rio das Rãs (BA) e Sacutiaba (BA), utilizando parâmetros demográficos e genéticos, concluindo, de acordo com os dados encontrados, que a participação predominante de africanos e miscigenação com povos de outras origens estiveram presentes na formação destas comunidades. 3. Guilherme Galvarros Bueno Lobo Ribeiro (2009), em sua tese de doutorado, analisa geneticamente quatro populações remanescentes de quilombos brasileiros - Mocambo (SE), Rio das Rãs (BA), Kalunga (GO) e Riacho de Sacutiaba (BA) - para estimar parâmetros populacionais, como a contribuição genética ancestral, com o objetivo exclusivo de avaliar a composição genômica atual destas populações para melhor entender a dinâmica da sua formação.

⁷ Quando aplicado a sociedades afro-brasileiras, o termo tradição deve ser visto como o conjunto de valores imaterial e material que ajudam a formar a identidade e a coesão do grupo. (MEIHY; HOLANDA, 2018).

escravos, mas negros livres. Negros livres numa época anterior à abolição. Negros livres, ainda, em terra livre não sujeita ao domínio de latifúndios. (CARVALHO, 1993, p.97).

Em consonância com a afirmação de Carvalho (1993), Souza e Almeida (1994a), realizando estudos sobre a mesma Comunidade, comprovam que as comunidades rurais negras do Rio das Rãs detêm a “posse imemorial” do território e se trata de uma área de remanescente de “quilombo”, onde os negros se organizavam para resistirem contra a escravidão.

A respeito do sentido dicionarizado da palavra, o termo quilombo (do quimbundo *Kilombo* – “[...] união, cabana, acampamento, arraial) indica povoação onde se escondiam escravos fugidos do cativeiro, índios e brancos marginalizados, dotada de organização interna” (HOUAISS, 2011, p.782). A nova concepção de quilombo leva em consideração uma gama de questões etnográficas, como genealogia, redes sociais, processos políticos, campos de atividades, experiências comuns e familiares, identidade étnicas e raciais, histórias de vida, memórias coletivas e compartilhadas, vivenciadas em um território comum (DUTRA, 2007, p.80).

Segundo Souza e Almeida (1994a), a denominação “quilombo” não era vocabulário oral dos negros do Vale do São Francisco, eles usavam a palavra “mucambo”⁸ para se referir a “negros aquilombados”, como comprova o trecho da entrevista a seguir:

Negro mucambado é um negro que fez uma coisa errada e ficou escondido. É negro fugido, negro escondido. Aqui, tinha negro mucambado, sim! Quando nós mudou, ali pro Enxu, nós encontrou muita lembrança dos negros e dos índios mucambados: cada cachimbão de barro queimado! Potes, panelas, pratos. Osso humano enterrado, nos pots. Esse povo era uma parentage só! (Joaquim Francisco Xavier, 66 anos, Rio das Rãs, entrevista concedida a Souza e Almeida, 1994, p. 45).

Na obra *Bom Jesus da Lapa – Resenha Histórica*, Padre Turíbio Vilanova Segura⁹ (1948[1937]) também se refere ao termo mocambo, ao descrever os caminhos perigosos, percorridos por Francisco de Mendonça Mar¹⁰, até descobrir a gruta da Lapa, ao se deparar

⁸ Mucambo e Mocambo são variantes aceitas por Beaurepaire-Rohan (1889).

⁹ Monsenhor Turíbio Villanova Segura (1894 - 1969), espanhol, natural da cidade de Burgos, exerceu a função de capelão do Santuário do Bom Jesus da Lapa durante 23 anos (1933-1956). Em 1937, escreve sobre a história do Santuário e as origens da devoção ao Bom Jesus da Lapa.

¹⁰ Francisco de Mendonça Mar nasceu em Lisboa em 1657 e chegou à Bahia em 1679, onde trabalhou como ourives e pintor. Em 1688, foi convidado pelo Governador do Brasil, Capitão General Mathias da Cunha, para pintar e fazer acabamentos artísticos no palácio governamental, em Salvador. Ao finalizar o trabalho, o Governador havia falecido e o provedor-mor, encarregado das fianças, negou o

com os “[...] índios bravos, como manadas de feras”, acrescentado, aos “mocambos de negros, fugidos da escravidão, que se juntavam, formando grandes povoados” (SEGURA, 1948[1937], p.99). As terras não eram habitadas exclusivamente por negros, de acordo com Neves (2003), Dutra (2007), e Nogueira (2011), visto que a vasta região “sanfranciscana” era utilizada para a criação de gado em épocas antigas e que índios e negros chegaram a habitar lado a lado na mesma região.

Ainda, sobre a presença de índios na região, seguem relatos da memória de dois informantes mais velhos, do *corpus* da pesquisa:

Tinha índio, eles caminhava aí, encontrava, às vez, concentrava as aldeia deles, né? Eles fazia assim aquelas casinha de barro, assim coberto assim, eles morava, mas ia pro mato, cortava abêa, colhia o mel e matava os passarim e assava e comia com mel. Aí tinha vez que a gente ia daqui lá pro Juá, tava tudo dentro do mato: “iu... iu... iu... iu...” Já sabia que era eles a gente pegava o caminho e se, se mandava, quem eles não gosta lá eles estranhava, se fosse assim uma pessoa, duas, conforme seja, eles queriam investir, mas a gente desviava e ia embora, ... (VAS, 70 anos, Rio das Rãs).

É muita mata, aqui tinha índio, tinha, eu mesmo nunca vi não. Eu mesmo tenho uma irmã perdida, no mato, que é da segunda mulher de meu pai, foi panhá água lá no Retiro, no tempo que nem tá assim, seco. A menina foi... numa turma de menino, quando pensou que não, sumiu lá, os outro chegou e ela não chegou. Ela não morreu não, foi os índio que carregou ela, que carregou. (APS, 86 anos, Rio das Rãs).

Segundo os depoimentos, podemos comprovar as informações relatadas por Carvalho (1993), Neves (2003), Dutra (2007) e Nogueira (2011) sobre a convivência entre índios e negros no território do Rio das Rãs. De fato, o Sertão da Bahia, especialmente próximo às margens do Rio São Francisco, foi um lugar estratégico para quilombolas e índios, devido ao isolamento e às condições de sobrevivência.

Nogueira (2011) em sua dissertação de Mestrado “*Viver por si”, viver pelos seus: famílias e comunidades de escravos e forros no “certam de sima do Sam Francisco” (1730-*

pagamento dos trabalhos realizados por Francisco. O novo Governador Antônio Luís Gonçalves Câmara, diante das reclamações e queixas de Francisco, enviou-o à prisão. Depois de cumprir a “penitência”, Mendonça Mar despojou-se de todos os bens e saiu caminhando pelo sertão, conduzindo uma imagem do Senhor Bom Jesus, até encontrar uma aldeia de índios tapuias, situada entre o morro (chamado pelos índios de *Itaberaba*) e o rio São Francisco, em 1691. Instalando-se na gruta, Francisco de Mendonça Mar foi encontrado por garimpeiros, que, através do Rio São Francisco, viajavam rumo às minas de ouro descobertas no território o qual, posteriormente, passou a se chamar Minas Gerais. A notícia de que existia um homem santo, habitando a gruta espalhou-se e assim, de uma forma muito singela surge o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Daí em diante, o morro passou a ser ponto de afluência de peregrinos e aventureiros que ali se estabeleceram, formando um povoado (MICEK, 2006a; 2006b; IBGE, 2013).

1790) investiga as experiências familiares e comunitárias de africanos e afro-brasileiros no alto sertão baiano, às margens do São Francisco, no período entre 1730 e 1790, utilizando como fontes os registros paroquiais (batismos, casamentos e óbitos), inventários, testamentos, livros de atas de irmandade, processos criminais, livros de memorialistas e viajantes da freguesia de Santo Antônio do Urubu¹¹, com o objetivo de compreender a importância da família e da comunidade na luta pela sobrevivência e os seus significados para a constituição de dinâmicas da vida social no “Certam de Sima do Sam Francisco”. A ilustração, a seguir, apresentada no Quadro 1, permite-nos visualizar a dinâmica populacional encontrada por Nogueira (2011) no contexto temporal de sua pesquisa:

Quadro 1 – Origem, cor, gênero dos escravos e forros da Freguesia de Santo Antonio do Orubu nos livros de casamentos

1721-1759					
ESCRAVOS			FORROS		
ORIGEM/ COR	HOMENS	MULHERES	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Africanos	61	55	14	27	157
Minas	26	29	03	06	64
Angolas	16	12		01	29
Gege	01				01
Guiné	06	07	01	02	16
Benguella	03	02		01	06
Ganguella	04	01			05
Congos	01	01	01		03
Ilha de São tomé	01	01			02
Gentio da Costa	02	02		01	05
Preto			08	15	23
Ilha do Príncipe			01		01
Coirano	01				
Cabo Verde				01	
Brasileiros	19	24	05	17	65
Crioulos	10	12	02	09	33
Presumivelmente crioulos	07	07		02	16
Índios	01		03	02	06
Pardos		05		02	07
Mestiços				02	02
“Caboclo”	01				01
Sem identificação	66	37	02	01	106
Total	146	116	21	45	328
1760 - 1780					
Africanos	27	16	16	18	77
Minas	07	08	02	06	23

¹¹ Na freguesia de Santo Antônio do Urubu de Cima destacava-se a vila do Urubu (atual Paratinga) e os arraiais do Senhor Bom Jesus da Lapa (atual Bom Jesus da Lapa), Oliveira dos Brejinhos e do Bom Jardim (atual Ibotirama).

Angolas	12	07	07	04	30
Gege	02		01	02	05
Moçambique	03				03
Pretos			06	05	11
Benguella		01		01	02
Gentio da Costa	02				02
Cabu	01				01
Brasileiros	30	35	12	16	93
crioulos	13	15	08	15	51
Presumivelmente crioulos	12	20			32
Índios	02		01	01	04
Pardos	03		03		06
Sem identificação	25	12	01	03	41
Total	82	63	29	37	211
Total geral	228	179	50	82	539

Fonte: Nogueira (2011, p. 63)

As informações apresentadas pela pesquisadora indicam que o sertão do São Francisco esteve na rota do tráfico de escravos e que a presença de africanos compôs a demografia da região e a mão de obra desses novos “integrantes” da sociedade local foi utilizada na economia rudimentar das caatingas e dos campos de criação de gado, contudo a exploração do trabalho escravo acontece com mais intensidade nas minas de ouro e diamante.

Souza e Almeida (1994b, p.5-6), em *Documentário sobre Comunidades Rurais Negras Rio das Rãs – Bahia*, procuram resgatar a presença negra nas margens do Médio São Francisco, mais precisamente, na região da Diocese de Bom Jesus da Lapa, onde estão localizadas as Comunidades rurais negras de Rio das Rãs. Segundo os estudos realizados por eles, com base nos livros de *Registros de Batismo*, do período de 1804 até 1909, das freguesias de São José de Carinhanha (atual Carinhanha), de Santo Antônio do Urubu (atual Paratinga) e de Bom Jesus da Lapa, os pesquisadores elaboraram um quadro estatístico que demonstra a forte predominância da raça negra, na região, reproduzido a seguir:

Quadro 2 – Quadro de distribuição dos habitantes das freguesias de São José de Carinhanha de Santo Antônio do Urubu e de Bom Jesus da Lapa por identificação de cor, de origem e condição segundo registros cartoriais

	Total	%
(A) Identificados pela cor		
Pretos/crioulos	787	05,31
Pardos livres	641	43,51 ¹²
Cabras	4004	27,32
Mulatos	48	0,32

¹² Os dados percentuais da distribuição da população devem ser retificados: A) identificados pela cor, referentes aos pardos livres e cabras são, respectivamente, 4,33% e 27,05%.

Mestiços/moreno	6	0.04
Mamelucos	1	0.01
Branços	1946	13.14
Sem identificação	1376	09.29
(B) Identificados pela origem		
Índios	1	0.01
Nação Mina	7	0.04
Costa da Guiné	13	0.08
Nagô	7	0.04
Angola	2	0.01
(C) Identificados pela condição		
Escravos	113	0.76
Expostos	3	0.02
Forros	7	0.04
TOTAL	14.802	100

Fonte: Souza e Almeida (1994b, p.10)

Refletindo sobre este contexto de formação étnica, observado por Souza e Almeida (1994a) e Nogueira (2011) bem como sobre a presença e permanência dos negros no território do Rio das Rãs, Carvalho (1993) conclui que a ocupação da região foi feita por um grupo etnicamente diferenciado em um passado não preciso rigorosamente, apontando para a primeira metade do século dezenove. Ainda, segundo o pesquisador, por esta organização, os negros puderam resistir e, portanto, defender seu território, além de acolher e resguardar negros nagôs que ali chegavam.

Silva (2000) descreve e analisa o processo de construção da identidade do grupo negro e rural na comunidade de Rio das Rãs, remontada ao início de século XIX. O pesquisador conclui em seus estudos que a construção da identidade negra em Rio das Rãs está associada à história de resistência da comunidade no território em que esse grupo social se constituiu cultural, política e simbolicamente.

A ocupação da fazenda Rio das Rãs, descrita na seção VII, do *Lauda Antropológico*, constitui-se uma síntese do engajamento desse grupo social, estabelecido naquele território ao longo do tempo. Os traços simbólicos e políticos configuraram a identidade étnica e reafirmaram a autonomia do grupo, que se estendeu da caatinga para a “beira do rio”, organizados em relações comunitárias e de parentesco, no decorrer dos dois últimos séculos. A organização comunitária bem como as formas coletivas de trabalho e de uso da terra não foram abaladas com os conflitos pela posse da terra.

Vale assinalarmos que, em outros tempos, as famílias do lugar construía suas moradias permanentes na caatinga e após as cheias do Rio São Francisco locomoviam-se para as suas margens inundáveis, o “alagadiço”, e para o “lameiro”, áreas de extrema fertilidade no

leito do rio que vem com a vazante. Nas palavras de uma informante da comunidade, podemos confirmar estas informações:

O rio enchia, a gente vinha pra cá pra, pra Brasileira, Brasileira [...] quando o rio baixava, nós tornava voltar de novo pra lama, pisando na lama, ou, ou, ou em cima da cerca e nós ia pra casa, [...] Agora que não tem mais enchente, não sei o que foi. O São Francisco parece que morreu ou foi os filhos, não sei. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

De acordo com relatos dos informantes, durante a pesquisa de campo, no longo período em que o território do Rio das Rãs foi palco dos conflitos pela posse da terra, as famílias foram expulsas da beira do rio pelos fazendeiros que reivindicavam a posse da terra e se estabeleceram na caatinga ou “sequeiro” (como é chamado pelos moradores do lugar), distância aproximadamente 6 km do local onde moravam anteriormente. Sobre esse caso, temos os depoimentos:

As casas era tudo lá. Antigamente essas casa era tudo lá. Era lá na beira do rio. Quando nós *mudemo* pouco, fizemos essas casa um tempo pra cá. E depois levantamos fizemos essas aqui, as casa eram lá, e depois nós levantamos e fez essas aqui. A casa antigamente era lá nos tempo dos antepassado, nos tempos véi, as casa era lá. (JFC, 65 anos, Rio das Rãs)

Era. Eu morava na beira do rio. Lá na beira do rio, ai depois, que ... somo quilombola, entendeu? E era tudo da gente, mais, como o conflito do grileiro... eles exportou a gente como se a gente fosse uma carga de bicho por outro lugar, entendeu? Aí a gente foi, em primeiro lugar a gente foi. Quando ele derrubou as casa da gente. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

Esses depoimentos descrevem o período em que as famílias moravam à margem do rio, onde praticavam atividades de subsistência – agricultura e pesca. Entre outras ações, durante as lutas pelo poder no quilombo, muitas residências foram derrubadas por trator, inclusive uma Igreja da Assembleia de Deus; as roças em produção foram destruídas e transformadas em pastagens; houve proibição da pesca tanto no rio como nas lagoas; moradores eram ameaçados.

É a partir desses fatos vivenciados no território, que se impulsiona a reivindicação do direito ao usucapião de uma terra que a Comunidade Rural Negra do Rio das Rãs ocupa há mais de cem anos, começou, portanto, a preocupação com o direito constitucional e a luta entra, em uma outra ordem simbólica, jurídica e social (CARVALHO, 1993).

Figura 3 – Casa de taipa em Rio das Rãs



Fonte: Santos (2017)¹³.

No *Laudo Antropológico* sobre a Comunidade Negra do Rio das Rãs, Carvalho (1993) mostrou as numerosas características da formação, existência e organização deste grupo social e conclui sua pesquisa, sintetizando com os seguintes dados:

Fomos capazes de mostrar que se trata de um grupo social com uma identidade muito definida, constituindo uma comunidade exclusivamente de negros, sem apresentar mistura racial, distinta radicalmente dos demais grupos circunvizinhos e que ocupa essa área de forma contínua desde muito antes da abolição da escravidão. A genealogia que levantamos aponta uma sedimentação na área de pelo menos cento e cinquenta anos; por outro lado, a memória histórica do grupo faz referência a eventos sucedidos pelo menos, senão antes, durante a década da independência (CARVALHO, 1993, p. 123).

É oportuno lembrar que, durante o processo das disputas de terras no território quilombola, os moradores do lugar contaram com o apoio de organizações da sociedade civil, como a Diocese de Bom Jesus da Lapa, a Comissão Pastoral da Terra, o Movimento Negro Unificado, a CEDITER (Comissão Ecumênica dos Direitos da Terra) e a FUNDIFRAN (Fundação para o Desenvolvimento do Vale do São Francisco) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bom Jesus da Lapa e de Ibotirama. Finalmente, em 30/12/1996, foi criado pelo INCRA¹⁴ o Projeto de Assentamento Especial Quilombola Rio das Rãs, com capacidade para assentamento de 700 famílias.

Passemos, pois, à descrição dos aspectos sociais da Comunidade.

¹³ Tiago Rodrigues Santos (2017) em sua tese de doutorado intitulada *Entre terras e territórios Luta na/pela terra, dinâmica e (re)configurações territoriais em Bom Jesus da Lapa (BA)*, apresenta reflexões sobre a compreensão dos processos socioterritoriais, identitários e classificatórios que permitiram a reconfiguração territorial de antigas fazendas de gado no Velho Chico notadamente no município de Bom Jesus da Lapa (BA).

¹⁴ <http://www.incra.gov.br/assentamentoscriacao> acessado em 28/07/2018.

2.3 ASPECTOS SOCIAIS

De acordo com Souza e Almeida (1994a), a região do Rio das Rãs, até o início da década de 1990, era isolada e deserta. No entanto, no início daquela década duas alterações na malha rodoviária alteram não só a configuração do município de Bom Jesus da Lapa, mas também ampliam o acesso na microrregião do São Francisco: a extensão da BA-160 e a construção da ponte sobre o Rio São Francisco a 80 km das comunidades negras de Rio das Rãs.

As recentes transformações no espaço urbano-regional de Bom Jesus da Lapa - BA modificaram a dinâmica “socioespacial¹⁵” do lugar. A região vem se destacando como centro urbano-regional no Oeste da Bahia, favorecida pela presença das romarias, implantação de diversos serviços, especialmente públicos, produção de frutas e oferta de comércio e de serviços modernos e mais recentemente, com destaque para a produção de energia solar. As transformações ocorridas neste cenário foram favorecidas pela ligação dessa região ao Oeste da Bahia e à Brasília através da BR-242, BR – 349 e a construção da ponte sobre o Rio São Francisco no início da década de 1990 (SANTOS, 2015).

A comunidade do Rio das Rãs, devido aos melhoramentos ocorridos na região, teve o acesso facilitado e as distâncias encurtadas, apesar de que, na atualidade, a precariedade da BA-160 dificulta o acesso à localidade. De acordo com dados da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, há 240 famílias cadastradas para atendimento em programas sociais e os domicílios com energia elétrica representam 92,1% do total. A energia elétrica chegou à comunidade através do Programa Luz para Todos, criado em novembro de 2003, através do decreto 4.873 de 11/11/2003. Os domicílios com água canalizada representam 83,3%. A água encanada é proveniente de poços artesianos e nem sempre chega até as torneiras por problemas técnicos. A comunidade é abastecida com água potável pela “Operação carro-pipa” e também as famílias foram contempladas com caixa-d’água do Programa Água para Todos, instituído pelo Decreto nº 7.535, de 26 de julho de 2011. Para ilustrar esta situação, apresentamos um depoimento retirado do *corpus* de pesquisa:

Lá [no rio São Francisco] ainda tem água à vontade ainda, se a gente quiser cozinhar, quiser banhar, quiser tomar, lá tem! E aqui, água salgada, eu mesmo não posso. Lá em casa pega a água da cisterna, que choveu, peguei do ano passado que esse ano ela caiu *pouquin*, que ela já tá lá embaixo, esse ano vou precisar dela, não sei onde vou achar (FFS, 65 anos, Rio das Rãs).

¹⁵ Termo não registrado pelo PVOLP.

A partir dos anos 2000, houve um melhoramento dos serviços existentes na Comunidade: a escola foi ampliada e reformada e houve a implantação de um posto de saúde para melhor atender a população. O Posto de Saúde localizado na Comunidade da Brasileira será transferido para a Comunidade de Rio das Rãs, após a conclusão das novas instalações. Os casos de urgência/emergência são encaminhados para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) ou para o Hospital Municipal Carmela Dutra na sede do município.

Os cultos religiosos de matrizes africanas e afro-brasileiras¹⁶ sempre estiveram presentes, destacando o “culto da jurema¹⁷”, realizados em residências e sedes próprias. A Igreja Católica também está presente na comunidade, especialmente através da Comissão da Pastoral da Terra (CPT), que juntamente com os posseiros passaram por intensos períodos de reivindicações e lutas pela posse da terra, especialmente nas décadas de 1980 e 1990. Recentemente, a comunidade evangélica tem expandido muito na região do Rio das Rãs. De acordo com Dutra (2007, p. 53), a questão religiosa no território de Rio das Rãs “[...] apresenta uma diversidade que vai dos cultos afrodescendentes, aos católicos e evangélicos”.

As manifestações culturais como a capoeira, o samba, a Banda Quilombo, as festas juninas e as comemorações do dia da Consciência Negra movimentam a comunidade. De acordo com Dutra (2007):

As tradições da comunidade do Rio das Rãs, como os modos de morar, de trabalhar, as relações familiares e entre as famílias, seus festejos, como a marujada, o maculelê, samba de caixa ou “imbigada” e o samba de roda se mantêm de geração em geração, passando de pai para filho. Constituem-se em traços e memórias por meio dos quais se identificam mutuamente (DUTRA, 2007, p. 24).

As atividades econômicas estão ligadas diretamente à agricultura, pesca e pecuária, como ilustra Nogueira (2011), em sua pesquisa realizada em fontes setecentistas, sobre o *modus vivendi* de homens e mulheres trazidos de África, ou de seus descendentes nascidos nos sertões baianos:

¹⁶ Valdério Santos Silva (2010), em sua tese de doutorado intitulada *Rio das Rãs e Mangal: feitiçaria e poder em territórios quilombolas do Médio São Francisco*, realiza um estudo do ponto de vista antropológico sobre a religiosidade de origem africana e suas relações sociais, de conhecimento e poder, em um espaço constituído de regras e capitais simbólicos nas referidas comunidades negras.

¹⁷ A jurema é considerado um culto de área rural e tem como característica o culto dos espíritos – o caboclo, o preto velho, os guias, espíritos de pessoas que portam uma história concreta. Ao utilizar a língua portuguesa para as falas sagradas, a jurema dá passagem à explicação da história do negro brasileiro: a jurema fala da experiência de quem está cultuando – o caboclo, ser sobrenatural, ao tempo que fala do cultuado, ser humano. Portanto, a categoria caboclo pode significar tanto o índio como o negro que vive na condição do caboclo (CARVALHO, 1996, p. 163).

No interior dessas comunidades escravas, as heranças culturais africanas foram transmitidas, nas convivências entre parentes. Os pais africanos ensinaram aos seus filhos brasileiros seu *modus vivendi*. Podemos pensar que, nas práticas cotidianas com as lavouras e criações, e com as atividades pesqueiras no São Francisco, os africanos se organizaram a partir de suas experiências pregressas na África. Lá, desenvolviam agricultura, pesca, pecuária e exploração dos recursos minerais, logo, detinham conhecimentos importantes para o desenvolvimento dessas atividades também por aqui (NOGUEIRA, 2011, p.74).

A Comunidade é formada, em sua maioria, por trabalhadores e trabalhadoras rurais, vinculados à agricultura familiar e uma pequena parcela trabalha em seus pequenos comércios ou são servidores públicos: como professores, agentes de saúde, vigilantes, merendeiras, motoristas. A comunidade agrega uma população de baixo poder aquisitivo, com renda média per capita de R\$ 99,54¹⁸. Diversos programas e benefícios sociais do Governo Federal incrementam a economia do lugar, como Bolsa Família, Seguro Defeso destinado a pescadores, aposentadoria e benefícios destinados aos trabalhadores rurais. Os moradores residem em casas de Programas Habitacionais implantados pelo INCRA na época do reconhecimento do território quilombola e também programas mais recentes como Minha Casa, Minha Vida – Habitação Rural.

2.4 A EDUCAÇÃO NA HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE RIO DAS RÃS

Esta subseção tem como objetivo tecer reflexões acerca dos desafios encontrados pelos moradores da comunidade de Rio das Rãs, ao longo de sua história, no tocante ao processo educativo das pessoas da Comunidade. Durante o trabalho de campo, através das conversas, observações e entrevistas, tivemos contato com a realidade e as histórias que conhecíamos através de outros estudos e pesquisas realizadas.

A educação formal na Comunidade inicia-se por iniciativa “interna”, como observa Purificação:

As primeiras iniciativas escolares em Rio das Rãs partiram da preocupação de alguns pais e da boa vontade de algumas pessoas que sabiam ler, escrever e resolver questões envolvendo as quatro operações básicas de matemática. E assim, teve início às primeiras experiências escolares na comunidade, inexistentes até o ano de 1944 como indica a memória social. (PURIFICAÇÃO, 2015, p. 92)

¹⁸ Dado extraído do site da Secretaria Nacional de Promoção da Igualdade Racial – Programa Brasil Quilombola (<http://www.seppir.gov.br>) acessado em 25/07/2018.

Apesar das dificuldades encontradas pelos moradores, devido à ausência de infraestrutura e de profissionais da educação, eles começaram a ter contato com as primeiras letras e ainda encontram motivação para frequentar as aulas, nas mais variadas situações, como podemos observar no seguinte depoimento:

Quando no meu tempo já era no tempo de Maria das Dor, aí depois, aí elas dava aula na casa delas, sabe? Depois da casa delas, elas, as vez, dava aula debaixo dos pé de pau quando era assim, não tava chovendo (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

Dentro desse cenário descrito pela informante, evidenciamos que o processo de escolarização iniciou-se, por volta de 1944, com a presença de professoras leigas, que utilizavam o espaço da sala de suas casas ou até mesmo improvisavam ambientes de aprendizagens, criando oportunidades para a expansão do conhecimento, através da alfabetização.

Durante o trabalho de campo, vários relatos de informantes demonstram as dificuldades e a escassez de recursos no passado em relação às escolas. Vejamos um relato de tal situação:

As escolas era meio complicado. Ficava debaixo de pé de pau. Ficava debaixo dos pé de pau. Nas casa das pessoa, na casa daquelas professora, que tinha essa Maria Borja, tinha dona Nilza, tinha Cleusa, ficava debaixo desses pé de pau, dando aula. Menino pegando lenha, pega um bucado de feixe de galho pra fazer a merendinha pra eles comê. Os próprio aluno era os próprio panhador de lenha, os próprio fazedor de merenda. Era. Ficava debaixo de pé de pau pra mode eles poder prender e foi os que prendeu. Ao menos, os mais velho foi prendido assim. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

A esse respeito, Purificação (2015) destaca que, embora a “história da educação” de Rio das Rãs tenha começado com o processo de alfabetização realizado por professoras e professores leigos no início do século XX, utilizando suas casas para alfabetizar as crianças de faixa etária diversificada, recebendo uma remuneração dos pais, as mulheres não eram contempladas, pois os pais evitavam que as meninas aprendessem a ler e escrever, “[...] atos que para eles, colocariam em risco a sua autoridade e o controle no ir e vir das filhas, enquanto que para os filhos, não havia nenhuma restrição” (PURIFICAÇÃO, 2015, p. 93). Nesta direção, a fala de uma informante confirma a situação vivida pelas mulheres naquele determinado contexto:

A gente veio pra qui, não tivemos estudo nenhum. E aqueles véi de primeiro era carrasco. Eles dizia que nós num botava pra estudar não pra não fazer escrito pra mandar pros rapaz, era aquela democracia, num sabe? Que tinha de primeiro, igual hoje, não tem. Aí a gente ficou, fiquemo tudo analfabética, tanto eu como minhas prima que morou nesse lugar (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs).

A necessidade de aprender ler e escrever como parte do conhecimento de si próprio e da coletividade e, ainda, da responsabilidade ética e social do meio em que vive conduzirá as pessoas a enfrentar os desafios que surgem ao vivenciar novas experiências e, assim, contribuir para o crescimento pessoal e profissional de cada um. Assim, observamos na Comunidade de Rio das Rãs, as diferentes dimensões do uso da linguagem, como abordam Eckert e McConnell-Ginet (2010, p.93) sobre o poder na relação entre gênero e linguagem, considerada como suporte de dominância masculina e, por outro lado, recurso para as mulheres que resistem à opressão ou buscam seus próprios interesses.

Purificação (2015) discorre sobre a tristeza de moradores de Rio das Rãs, especialmente os mais velhos, pelas impossibilidades em ter aprendido a ler e escrever. Essa questão foi encontrada durante as entrevistas com os informantes do nosso *corpus* de pesquisa.

Eu tenho vontade de ... de assim de saber a ler, né? Assim pra eu fazer assim alguma coisa que eu quisesse fazer, fazer uma carta, ou eu ler assim um ... uns ... um livro, assim contar uma história, uma coisa assim, né, isso eu tinha vontade, tinha vontade de prender. Também era só, porque das ôtras coisa que, que eu conheci de tudo eu preendi um pouquin, de tudo eu fazia um pouquin. Só isso aqui que ni meu tempo não inxistia, não achei, quando veio aparecer eu já tava uma pessoa já de idade com muita preocupação, não deu de prender, mas isso aí eu tinha vontade, aí quando os ôtro pega uma bíblia pra ler, ixe meu Deus, fica aquilo ali eu tenho uma vontade de ler (VAS, 70 anos, Rio das Rãs).

Percebemos que muitos moradores apresentam descontentamento em relação à falta de oportunidades de ter acesso à educação formal. De acordo com Purificação (2015), a implantação das escolas no interior do município era realizada a partir das relações entre fazendeiros e líderes políticos locais, sendo que a ocorrência da institucionalização da educação no Quilombo do Rio das Rãs aconteceu em 1983, através da contratação de professores leigos, mesmo que ainda atuando em suas residências, por falta de estrutura física para abrigar as escolas.

Ainda segundo o autor ora supracitado, após o reconhecimento do território do Rio das Rãs como comunidade quilombola, intensificou-se a busca pela efetivação dos direitos da

comunidade, entre eles, o direito à educação escolar. Percebemos que o eco dessas reivindicações resultou na conquista de prédios escolares, equipamentos, contratação de professores e transporte escolar. No tocante às condições da escola, da estrutura física, das condições das unidades de ensino para receber os alunos, uma informante faz o seguinte relato:

Era assim, só que era lá assim, mas, na casa delas, sabe? Porque lá começou, não, aliás, antes, eles fizeram um colegin lá, duas sala de aula, que ficou lá. Aí, quando o povo mudou pra qui, aí veio todo mundo, aí, eles alugaram uma casinha ali que é duma prima minha ali, que era de casa de taipa, aí construíram mais uma sala de madeirite, aí, a gente estudava lá, que foi na época que eu tava estudano também. Eu estudava lá. Aí, depois, Deus abençoou que conseguiu, fez aquele colegin pequeninim que tem ali, e depois fez o colégio grande. Mas antes disso, foi desse jeito, foi, era tudo com muita dificuldade, mas graças a Deus devagar a gente vai conseguindo, né? (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

A informante refere-se às conquistas dos moradores da comunidade em relação ao acesso à escola, que antes se realizava desde os ambientes de aprendizagens embaixo das árvores, passando pelas casas das professoras leigas, até finalmente, a construção de um prédio de boa estrutura física para abrigar a escola, como mostra a Figura 4.

Figura 4 – Escola Municipal Elgino Nunes de Souza



Fonte: Trabalho de campo do autor realizado em 2017.

A Escola Municipal Elgino Nunes de Sousa¹⁹, pertencente à rede municipal de Educação de Bom Jesus da Lapa, está situada na localidade de Rio das Rãs. O Território

¹⁹ Denominação em homenagem ao Sr. Elgino Nunes de Souza, reverenciado pela comunidade, por ser uma das poucas pessoas que sabiam ler e escrever em épocas passadas (PURIFICAÇÃO, 2015, p. 94).

Quilombola de Rio das Rãs, formado por outras comunidades, possui outras unidades de ensino.

A referida escola é uma instituição de pequeno porte, bem conservada, com boa estrutura física contendo: diretoria, secretaria, sala de professores, cozinha, banheiros, salas de aula, quadra de esporte descoberta e grande espaço aberto ao redor da escola sem calçamento e murado. A entrada é de piso de cimento, tendo uma grade de proteção em bom estado. É um espaço ventilado e bem iluminado.

O corpo administrativo é composto por: 01 Diretora, 01 Secretária Escolar, 01 Coordenadora Pedagógica, 05 Professores, 03 auxiliares de Serviços Gerais, 03 merendeiras, 03 Porteiros, 01 motorista. Atende a 198 alunos, distribuídos nos três turnos. As modalidades de ensino oferecidas são Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, EJA e Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (EMITec).

As constantes mudanças do mundo moderno apontam para as instituições educativas, como um importante suporte para atender às demandas existentes, sobretudo nas comunidades rurais, como a implantação de programas que atendam às necessidades de cada localidade. Situação não alcançada por parte de uma parcela da comunidade, como relata o informante, a seguir:

Hoje em dia tem escola, tem colégio, entendeu, cê vê na época que eu estudava aqui só dava até a quarta série, entendeu? Era! Então, os estudo só dava até a quarta, entendeu? Aqui tinha aluno aqui, que estudou a quarta série umas quatro vezes, porque não ... pra não ficar parado, ficava repetindo a mesma série, entendeu, porque não tinha outra opção, entendeu? (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

Nos últimos tempos, a sociedade tem abordado com mais atenção e cuidado a necessidade em atender a demanda da comunidade escolar, organizando-se, na medida do possível, para o atendimento da sua clientela. Segundo informações disponibilizadas pelo site²⁰ da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, o EMITec (Ensino Médio com Intermediação Tecnológica), programa lançado em 2011, é uma oferta estruturante que faz uso de uma rede de serviços de comunicação multimídia que integra dados, voz e imagem, constituindo-se em uma alternativa pedagógica para atender a jovens e adultos que, prioritariamente, moram em localidades distantes (ou de difícil acesso) em relação a centros de ensino e aprendizagem onde não há oferta do Ensino Médio, além de atender a localidades

²⁰ <http://escolas.educacao.ba.gov.br/emitec>, acessado em 24/07/2018.

que tenham deficiência em profissionais com formação específica em determinadas áreas de ensino.

As mudanças ocorridas em relação à oferta do ensino são mencionadas no relato que segue:

Aí depois veio a, a telessala, pela televisão, tinha as fita cassete, aí passava, foi na época que eu estudei, era assim. Aí depois veio o EMITec. Acho que é pelo computador, mesmo eu nunca fui lá ver não, que meus menino tá fazeno, tem uns dois aí que terminou aí e tem dois que ainda tá fazeno é, é. Agora é pelo EMITec. Não sei como é que é não, mas acho que é via, não sei se é via internet, acho que é pela internet, que trabalha com recurso de computadores. Acho que as aula é direto de Salvador (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

A escola da comunidade oferece desde a educação infantil até o ensino médio através do EMITec (Ensino Médio com Intermediação Tecnológica), parceria da Prefeitura Municipal com a Secretaria Estadual da Educação. Muitos jovens deixavam a comunidade para cursar o ensino médio na sede do município; no entanto, essa modalidade está disponível na localidade. Os alunos egressos do ensino médio tem oportunidade de frequentar o ensino superior. A cidade de Bom Jesus da Lapa conta com instituições públicas como a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Aberta do Brasil (UAB), Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e o Instituto Federal de Ciências e Tecnologias (IFBaiano), além de polos de ensino superior à distancia: Universidade Paulista (UNIP), Universidade de Santo Amaro (UNISA), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e a Faculdade Pitágoras, com isso as perspectivas têm se ampliado também para a juventude do campo.

Para encerarmos a presente seção, optamos por inserir os conceitos de comunidade de fala e comunidade de prática ao vernáculo da Comunidade Afrodescendente de Rio das Rãs.

Por quê?

2.5 COMUNIDADE DE FALA

A *comunidade de fala* se materializa através de alguns fatores sociais e linguísticos que podem ser identificados dentro de um determinado grupo estudado. Quando identificados, estabelecem a reciprocidade e a compreensão do sistema linguístico, promovendo a melhor interação entre os falantes. Uma comunidade de fala é um grupo de pessoas que “[...] compartilham um conjunto de normas e regras para o uso da linguagem” (ROMAINE, 2000

[1994], p. 23). As comunidades de fala são formadas por pessoas ligadas por vínculos tradicionais, hábitos, costumes, ritos, teia de laços materiais e simbólicos e também compartilham um ambiente físico, que realizam práticas de produção, consumo e convivência. É justamente nesse sentido que se pronuncia Labov (2008 [1972]):

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

O conjunto de normas compartilhadas numa comunidade de fala, em suas atividades cotidianas, utiliza um ambiente carregado de referências que evocam a história do lugar e o modo de vida de seus habitantes, evidenciando a identidade do que habitam o lugar. Segundo Romaine (2000 [1994], p. 23) “[...] os limites entre comunidades de fala são essencialmente sociais e não linguísticos [...]”, entre os fatores sociais de influência estão: as relações interpessoais, o modo de vida das pessoas, a trajetória histórica da comunidade, o nível de interferência das redes sociais nas atividades profissionais e na vida pessoal dos falantes, nível de escolaridade e aspectos culturais.

Ainda de acordo com Romaine (2000 [1994], p. 23), “[...] os padrões de interação social geralmente transcendem limites de linguagem”, a comunidade de fala está relacionada diretamente com as normas compartilhadas pelos falantes da comunidade. Os fatores sociais e linguísticos percebidos representam o ambiente interno, caracterizando o grupo, de acordo com as condições de trabalho, sendo estas favoráveis ou não para o desempenho linguístico dos falantes. A observação destes fatores pode identificar a dinâmica da variação em seus aspectos sociais e linguísticos dentro da comunidade de fala.

Embora tenhamos entrevistado apenas 24 (vinte e quatro) informantes, registradas em inquéritos que compõem o *corpus* de fala da Comunidade Quilombola de Rio das Rãs, a escolha deles seguiu os critérios de pertencimento à comunidade de fala em sua totalidade. Os perfis dos informantes selecionados para compor o *corpus* da pesquisa baseiam-se em características extralinguísticas como: sexo (masculino e feminino), faixa etária (jovens – 25 a 35 anos; adultos – 45 a 55 anos; idosos – mais de 65 anos), grau de escolaridade (escolaridade I - 00 a 02 anos e escolaridade II – 03 a 05 anos de escolarização) e estada fora da comunidade, mas também direcionam na percepção dos valores que eles constroem acerca de sua comunidade, garantindo aquilo que Labov (2008 [1972]) perspicazmente chama de “[...]”

comportamento avaliativo explícito [...]” o que garante a “[...] invariabilidade dos níveis individuais de uso ” (LABOV, 2008 [1972], p.150), ou em outros termos, a coesão que mantém a unidade do grupo. Tal percepção foi vista por nós nos primeiros contatos antes de serem realizadas as entrevistas.

A comunidade quilombola de Rio das Rãs era considerada isolada, sua rede de relações externas eram precárias e limitadas em função dos transportes e das comunicações quase inexistentes. Na atualidade, o quadro não é mais o mesmo, a comunidade relaciona-se com o mundo externo, devido ao impacto do desenvolvimento ocorrido na região a partir da década de 90.

Ademais, a comunidade de fala de Rio das Rãs, formada por homens e mulheres do campo, lavradores que vivenciaram os conflitos de terras e ainda enfrentam muitos desafios para produzir e sobreviver. A comunidade foi remanejada da beira do Rio São Francisco e passaram a viver na caatinga (ou “sequeiro”) e, ao longo desses anos, o engajamento mútuo foi importante para o fortalecimento e sobrevivência dos moradores do lugar, tornando possível a existência de uma *comunidade de prática* pelas experiências compartilhadas.

Nesse sentido, além de uma comunidade de fala, podemos aventar a existência da *comunidade de prática* de Rio das Rãs estabelecida por uma interação de aprendizagem e troca de experiências no local de trabalho. Mais recentemente, a Sociolinguística tem aventado uma nova interpretação para as situações especiais de comunidades de fala, denominando-as de comunidades de prática, as quais refletem o padrão de desenvolvimento dos sistemas linguísticos compartilhados no cotidiano por um grupo de pessoas através de responsabilidades, rotinas de trabalho, lutas, conflitos, desafios e aprendizagens.

A comunidade de prática, complementar à comunidade de fala, possui cultura própria, geralmente influenciada pelas crenças e valores e os significados sociais que interferem na realidade linguística da comunidade de fala, que está flexível para mudanças internas e externas, de acordo com as experiências vivenciadas. Esta unidade de análise foi introduzida na Sociolinguística por Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet em suas pesquisas sobre linguagem e gênero (MEYERHOFF, 2011, p. 200). Vamos à definição técnica:

Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento. [...] Na verdade, são as práticas da comunidade e a participação diferenciada de seus membros nessas práticas que estruturam socialmente a comunidade (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 102).

De acordo com Meyerhoff (2004 [2002], p. 53), a comunidade de prática pode ser entendida como um conjunto de indivíduos, compartilhando práticas, normas e princípios, já sedimentados na vida em comunidade, conjunto esse que interage com os comportamentos sociais, criando uma maneira peculiar e duradoura de como se procede naquele grupo, baseado em certos fundamentos e almejando a consecução de determinados resultados finais. A comunidade de prática representa os valores e padrões de crenças e comportamentos compartilhados pelos membros de uma mesma comunidade. A comunidade de prática, inserida em uma comunidade de fala, se remete a essas mesmas crenças desde a sua formação, que obtiveram experiências subjetivas e permaneceram, não descartando a adesão a novos elementos, que são incorporados de acordo com a dinâmica das práticas sociais da comunidade, sofrendo mudanças com o decorrer do tempo. As línguas de santo e o pajubá são bons exemplos de variedades de língua que representam suas respectivas comunidades de prática.

Podemos identificar facilmente o engajamento mútuo, construído ao longo do tempo, pelas gerações, a respeito do modo de vida, a labuta com a terra e a luta pela sobrevivência, na comunidade de prática de Rio das Rãs.

[...] e tudo aprendeu na beira do rio, hoje tudo que eu sei hoje, sobre assim, eh, sobre minha vida hoje foi aprendido na beira do rio, donde a gente morava no Rio das Rãs, porque hoje aqui é conhecido por assentamento, mas pra lá no Rio das Rãs, mas nós moremo lá no Rio das Rãs mesmo, na beira do rio. (MMSF, 29 anos, lavrador – Rio das Rãs)

Outra característica marcante é o empreendimento negociado em conjunto, caracterizado pelas atividades laborais, realizadas coletivamente com o objetivo primordial voltado para a sobrevivência e comercialização do produto excedente.

A gente ia *trabaiá*. Que aquele tempo era comunitário a roça, sabe, entendeu? Aí a gente ia *trabaiá*, quando a gente *cabava* de chegar com fome, fazia aquele *ranguin*, nós tudo, todo mundo comia (FFS, 65 anos, lavradora, Rio das Rãs)

Na Comunidade de Rio das Rãs (quer de fala quer de prática), através do repertório compartilhado pelo modo de falar, formas de pronunciar palavras e expressões características da cultura e da convivência, é possível perceber o uso vernáculo da língua e sua variação de acordo com os fatores faixa etária, sexo, escolaridade e prática social, característica importante para a configuração da comunidade de prática.

O reconhecimento da comunidade de prática é uma questão de pertencimento de uma determinada comunidade, principalmente no que se refere às práticas sociais, o que afeta diretamente as práticas linguísticas. Em uma *comunidade de prática* podem-se perceber as interações sociais compartilhadas, mas sempre seguindo o padrão específico de uma mesma cultura. As interações sociais com o grupo de trabalho levam a compartilhar mutuamente repertórios e experiências, estabelecendo uma relação com a identidade da comunidade.

Na seção seguinte, vamos discutir o fenômeno da concordância nominal apresentando diversas abordagens sobre o tema.

3 CONCORDÂNCIA NOMINAL

Nesta seção, apresentamos o fenômeno linguístico em variação no Português e alvo desta pesquisa: a concordância nominal de número no interior do sintagma nominal. Por opção metodológica, vamos tratar do tema abordando-o sob três prismas, com o objetivo de descrever nosso objeto de estudo, levando em consideração diferentes abordagens e seu uso variável. O primeiro prisma apresenta-se como uma revisão crítica da Tradição Gramatical (BECHARA, 2009; CEGALLA, 2009), calcada em um modelo greco-latino e empregado pela “escola” como única forma de abordar o assunto. O segundo acompanha a perspectiva da gramática descritiva (PERINI, 2009; CASTILHO, 2014) e suas visões sobre o fato linguístico escolhido por nós. Na terceira subseção, destacamos alguns estudos (SCHERRE, 1988; FERNABDES, 1996; ALMEIDA, 1997; LOPES, 2001; ANDRADE, 2003; SANTOS, 2010, MARTINS, 2013; GUIMARÃES, 2014; MEIRA, 2015; TABOSA, 2016 e SCARDUA, 2018) que tratam da concordância nominal em trabalhos sociolinguísticos e a perspectiva geral de como os estudos tratam o fenômeno.

Fechamos a seção com o conceito de sintagma (SILVA e KOCK, 2002; AZEREDO, 2000; PERINI, 2005; CASTILHO, 2014), essencial para compreendermos a dimensão ou o limite de nosso estudo.

3.1 CONCORDÂNCIA NOMINAL E A TRADIÇÃO GRAMATICAL

A tradição gramatical fixa um padrão de concordância nominal, “ordenando” que todos os elementos determinantes do sintagma devam ser flexionados seguindo o gênero e o número do substantivo, representando “[...] o ideal da expressão correta” (ROCHA LIMA, 2011, p. 38). Tal ideal é força tamanha que o desvio à “expressão correta” recebe a denominação de “solecismo” e figura entre os vícios de linguagem, com todo o peso moral que a palavra vício puder comportar. Para guiar nossa exposição, escolhemos dois gramáticos cujas obras foram reeditadas inúmeras vezes no século XX e chegaram ao presente século, *mutatis mutandis*, mantendo as bases de legitimidade de suas afirmações. São eles: Evanildo Bechara e Pascoal Cegalla.

A *Moderna Gramática Portuguesa* de Evanildo Bechara (2009) é um dos bons exemplos de materialização da normatividade da visão tradicional. Para Bechara (2009), a concordância “[...] consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa

da palavra determinada” (BECHARA, 2009, p. 441). O tema é por ele abordado em três tópicos:

a) Concordância de palavra por palavra, mostrando a relação de concordância entre determinante(s) e palavras(s) determinada(s);

1. Há uma só palavra determinada.

Exemplo: “*Os bons exemplos dos pais são as melhores lições e a melhor herança para os filhos*”.

2. Há mais de uma palavra determinada.

Exemplos:

A língua e (a) literatura *portuguesas* ou A língua e (a) literatura *portuguesa*.

“Como se um grande incêndio devorasse as brenhas e os carvalhais *antigos*”

3. Há uma só palavra determinada e mais de uma determinante.

Exemplo: *a quarta e quinta série* (ou *séries*).

b) Concordância de palavra para sentido, situação em que a palavra determinante prioriza o sentido aplicado pela palavra determinada;

Exemplo: o (vinho) *champanha*, o (rio) *Amazonas*.

c) Outros casos de concordância nominal.

1. Um e outro, nem um nem outro.

Exemplo: “Mas *uma e outra coisa duraram* apenas rápido instante”

2. Mesmo, próprio, só.

Exemplo: Ele *mesmo* disse a verdade. Ela *mesma* disse a verdade.

3. Menos e somenos.

Exemplo: Mais amores e *menos* confiança (e não *menas*!).

Curiosamente, Bechara (2009) traz dois capítulos que parecem cumprir um planejamento metodológico: um sobre questões de história da Língua Portuguesa e outro sobre os “vícios de linguagem”. Na história da Língua, o gramático reproduz a visão eurocêntrica de transplantação e crescimento sob novas forças naturais. No dedicado aos vícios, pontua a ausência de concordância, apenas permitindo os casos. Nesse sentido faz referência a Mattoso Câmara, de valor estilístico.

Nesse mesmo itinerário, encontramos os posicionamentos assumidos por Domingos Paschoal Cegala²¹ (2009) em sua obra *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. A exemplo do que faz Bechara (2009), Cegala (2009) traz ainda os vícios de linguagem e o solecismo como um dos “vícios” a serem combatidos.

Seguindo a tradição, como era de se esperar, Domingos Paschoal Cegalla (2009) define a concordância como um “[...] princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem” (CEGALLA, 2009, p. 438). No capítulo dedicado à Sintaxe de Concordância, o autor divide a concordância em seis partes:

1. Concordância do adjetivo adjunto adnominal;
2. Concordância do adjetivo predicativo com o sujeito;
3. Concordância do predicativo com o objeto;
4. Concordância do particípio passivo;
5. Concordância do pronome com o nome;
6. Outros casos de concordância nominal.

A concordância nominal exige que os diversos elementos nominais, como os adjetivos, artigos, numerais e pronomes concordem em gênero e número com os substantivos a que se referem. O autor apresenta exemplos para ilustrar as relações existentes entre os itens flexionáveis do sintagma nominal, descrevendo o comportamento de cada classe gramatical no acréscimo das marcas explícitas de plural.

De acordo com a tradição gramatical, a concordância nominal é tratada com base nas normas gramaticais, admitindo uma forma correta para a realização do fenômeno, de acordo com a harmonização das palavras conforme estabelecidos por cada categoria.

Tanto Bechara (2009) quanto Cegala (2009) silenciam-se em relação a variedades em que a concordância não se dá de forma plena – como se esmera em fazer a tradição –, relegando aos estudos estilísticos ou filológicos aquilo que não for normal na língua. Além

²¹ Latinista e helenista reconhecido internacionalmente, recebeu o Prêmio Jabuti pela tradução de Édipo Rei. Embora tenha nascido em ambiente rural, mais precisamente na zona rural de São João Batista, em Santa Catarina, aos dez anos foi estudar em Curitiba em um Seminário Marista. Formou-se em Letras Clássicas e veio a publicar sua gramática em 1964. A *Novíssima Gramática* (2009) encontra-se em sua 48ª edição, sem contar as reimpressões e as formas didáticas que assumiu, a exemplo da *Nova Mini-Gramática*, publicada em 2016. O fato de um dos gramáticos mais conhecidos de nossas gerações ter origem rural aponta para a assunção, por ele, de padrões linguísticos distantes de sua realidade de infância.

<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2013/02/morre-o-escritor-catarinense-domingos-paschoal-cegalla-4041121.html>

disso, os exemplos coligidos e apresentados pelos gramáticos apenas espelham uma variedade de língua a ser seguida, uma língua asséptica.

Na subseção seguinte, vamos discutir com a denominada “gramática descritiva” vê o fenômeno da concordância nominal.

3.2 CONCORDÂNCIA NOMINAL NA GRAMÁTICA DESCRITIVA

A gramática descritiva tem por objetivo descrever, no sentido de observar e registrar os fatos linguísticos atestados pelo uso concreto de falantes de uma determinada língua (MARTIN, 2003). Dessa forma, sem prescrever normas ou definir padrões, em termos de julgamento de certo ou errado, o papel da Gramática Descritiva é documentar uma língua da maneira como ela se manifesta no momento da descrição (SILVA, 2017).

Perini (2009) afirma que, do ponto de vista descritivo, a concordância nominal estabelece uma relação morfológica entre elementos tradicionalmente chamados “nomes”, dentro do SN como um processo de adequação e flexão de determinados componentes em relação ao núcleo.

A Gramática Descritiva, ainda, postula que a língua enquanto substância é um conjunto de itens que estabelecem entre si relações linguísticas e desempenham funções linguísticas de acordo como os contrastes entre eles; enquanto forma, a língua é um conjunto de unidade que se distribui em níveis hierárquicos, identificados pelas posições entre eles. A realização dessas unidades no enunciado está exposta à variação do uso de acordo com a relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas (CASTILHO, 2014).

Indo mais além, a postura descritiva reconhece que o português brasileiro apresenta marcas linguísticas de acordo com as influências de cada região, do nível sociocultural, da intimidade ou não com o interlocutor, a idade e o sexo. Além disso, diferentes espaços temáticos e o momento histórico em que o falante atua também vai afetar a língua, produzindo formas possíveis, em outros termos variação linguística. A partir da aplicação dos procedimentos metodológicos da gramática descritiva, observamos que quase a infinita extensão da língua requer a constituição de um *corpus* para sua descrição e análise. O *corpus* é utilizado como material de pesquisa, sendo um recorte da língua, selecionado segundo critérios que levem em conta sua representatividade e variabilidade (CASTILHO, 2014, p. 47).

Da organização feita pelos gramáticos descritivistas, pudemos retirar os modelos de apresentação sintagmática para a análise que empreendemos.

3.3 CONCORDÂNCIA NOMINAL NA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Nessa subseção, vamos apresentar o fenômeno da concordância nominal analisado por pesquisadores filiados à Sociolinguística Variacionista desenvolvida por William Labov (1972) e mediante a análise da relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas que possam servir de elemento de comparação com os dados dessa pesquisa. A descrição feita nesse momento tem forte marca da Sócio-história, já que fazemos análises pautadas na construção dos textos como fontes históricas e portanto pertencentes a um tempo e a um modo de encarar a realidade exposta.

O português brasileiro apresenta características heterogêneas e possui variedades de formas linguísticas, como afirma Mollica (2010, p. 9) “[...] todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. A concordância nominal de número no sintagma nominal, bem como outros elementos da sintaxe, também manifesta regras variáveis, condicionadas a fatores linguísticos e extralinguísticos. De acordo com Scherre (1994, p. 1)

A variação na concordância de número no português falado do Brasil tem sido amplamente documentada tanto por dialetólogos quanto por linguistas. Os primeiros registram-na na fala de pessoas com pouca escolarização e, particularmente, de área rural, enquanto os segundos registram-na fala de pessoas de níveis de escolarização diversos, tanto em áreas urbanas quanto em áreas rurais, de norte a sul do país.

O estudo da variação quanto ao uso da regra de concordância nominal de número nos falantes do português brasileiro deixa claro que há uma mudança neste cenário linguístico, encontrado especialmente em pessoas com baixa ou nenhuma escolaridade, especificamente nas comunidades rurais do interior do país. Segundo Scherre (1994, p.2):

[...] a variação na concordância de número no português falado do Brasil, longe de ser restrito a uma região ou classe social específica, é característico de toda a comunidade de fala brasileira, apresentando diferenças mais de grau do que de princípio, ou seja, as diferenças são mais relativas à quantidade de marcas de plural e não aos contextos linguísticos nos quais a variação ocorre.

A presença de marcas de concordância nominal pode tomar formas diversas a depender da faixa etária, sexo, nível de escolaridade e até mesmo das relações sociais vivenciadas pelo falante. A Sociolinguística considera esse fenômeno de uso variável como

um processo de mudança. De acordo com Scherre (2005, p. 19), a concordância de número plural de natureza obrigatória, conforme a gramática tradicional traz marcas de plural em todos os elementos flexionáveis do sintagma nominal; todavia, diversos estudos têm mostrado que na língua falada do português brasileiro, a concordância de número nem sempre ocorre.

Em muitas pesquisas sociolinguísticas, de cunho laboviano, a concordância nominal de número tem sido um fenômeno em variação muito estudado, dentre as quais destacamos as pesquisas de Scherre (1988), Fernandes (1996), Almeida (1997), Lopes (2001), Andrade (2003), Santos (2010), Martins (2013), Guimarães (2014), Meira (2015), Tabosa (2016) e Scardua (2018).

Em sua tese de doutorado *Reanálise da concordância nominal em português*, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Maria Marta Pereira Scherre (1988) traçou um estudo sociolinguístico quantitativo num *corpus* constituído por 64 informantes do município do Rio de Janeiro, vinculado ao *corpus* da Faculdade de Letras da UFRJ, além de apresentar um estudo comparativo com pesquisas anteriores, como Braga (1977), Ponte (1979), Guy (1981) e Nina (1988). Scherre (1988) apresentou em seu trabalho a descrição e a explicação das variáveis linguísticas e não linguísticas que influenciam a variação da concordância de número entre os elementos do sintagma nominal, além de discutir a hipótese funcionalista de Paul Kiparsky (1982) e a relação entre a variação e mudança linguística. A pesquisa traça o perfil dos informantes em três características sociais: sexo (masculino e feminino), escolaridade (1 a 4, 5 a 8 e 9 a 11 de escolarização) e faixa etária (crianças – 7 a 14 anos e adultos - 15-25, 26-49 e 50-71), além das variáveis mercado ocupacional, mídia e sensibilidade linguística. Scherre (1988) descreveu e analisou os dados utilizando o programa estatístico VARBRUL a partir de duas perspectivas: *atomística* que consiste na observação da relação entre cada um dos elementos do SN e *não atomística* que analisa a relação entre os sintagmas nominais no plano oracional.

Scherre (1988) analisou na perspectiva atomística um total de 13.229 dados e na perspectiva não atomística 948 dados apenas da fala de informantes adultos.

Na abordagem atomística, as variáveis linguísticas categorizadas foram: saliência fônica: dimensões processos e tonicidade; relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; marcas precedentes em função da posição; contexto fonético/fonológico seguinte; função resumitiva do SN; formalidade dos substantivos e adjetivos; grau dos substantivos e adjetivos; animacidade dos substantivos.

Na abordagem não atomística foram analisadas as seguintes variáveis: pluralidade do contexto; configuração sintagmática do SN; grau/formalidade do SN; pluralidade do SN; função textual; localização do SN; saliência fônica: dimensão processos.

Em sua dissertação de mestrado *Concordância Nominal na Região Sul*, na Universidade Federal de Santa Catarina, Marisa Fernandes (1996) analisou o comportamento da concordância de número plural no português do Brasil, utilizando os dados de fala de 47 informantes da Região Sul do país (Projeto VARSUL) considerada como situação informal, e a fala de 19 informantes de diferentes procedências regionais, denominando como situação formal. Os 5.424 dados analisados de acordo com a relação entre as variáveis estruturais e não estruturais. As variáveis estruturais analisadas foram: posição linear dos elementos no SN, classe gramatical dos elementos, relação com o núcleo do SN, marcas precedentes, processo morfofonológico de formação do plural, tonicidade dos itens, contexto seguinte, grau dos substantivos e adjetivos e animacidade dos substantivos e adjetivos. Quanto às variáveis não estruturais (extralinguísticas), Fernandes (1996) analisou a idade (25 a 49 anos e mais de 50 anos), níveis de escolarização (primário, ginásio e colegial), sexo (masculino e feminino), etnia (açoriana, italiana, alemã e eslava) e níveis de formalidade (formal ou informal).

Fernandes (1996) constata que as hipóteses de Scherre (1988) são comprovadas no seu estudo sobre os dados de fala da Região Sul. As variáveis selecionadas pelo programa estatístico VARBRUL por ordem de significância foram: a distribuição dos elementos do sintagma nominal em função da sua posição e de sua relação com o núcleo; níveis de escolarização; marcas precedentes; saliência fônica; idade; etnia; grau dos substantivos e adjetivos; sexo; contexto seguinte e tonicidade dos itens lexicais.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Evanilda Marins Almeida (2018 [1997]), em sua dissertação de mestrado *A variação da concordância nominal num dialeto rural*, analisou o comportamento do -s marcador de número em SNs, no âmbito da fala de doze comunidades pesqueiras do Norte do Estado do Rio de Janeiro. O *corpus* composto por setenta e dois inquéritos pertencente ao APERJ (Atlas Etnolinguístico do Estado do Rio de Janeiro) está estratificado com o seguinte perfil extralinguístico: informantes do sexo masculino e analfabetos ou semi-escolarizados, distribuídos em três faixas etárias (A – 18 a 35 anos; B – 36 a 55 anos; C – mais de 56 anos). Almeida (2018[1977]) analisou 4.784 vocábulos flexionáveis classificados como marcados vs não marcados, observando a não marcação de plural justificando a escolha pelo fato dos resultados mostrarem maior tendência ao cancelamento. Foi utilizado o programa estatístico VARBRUL e elencado onze variáveis linguísticas: processos morfofonológicos de formação de plural, tonicidade do item singular,

classe do vocábulo, função do vocábulo no SN, número de vocábulos no SN, posição linear, marcas precedentes, número de sílabas no vocábulo, tipo de realização, caracterização do SN e contexto fonológico subsequente. A análise foi realizada em duas etapas. Na primeira, objetivou-se testar a relevância das variáveis classe gramatical e posição linear do vocábulo no SN. Na segunda etapa, foi incluída a variável relação entre os constituintes do SN e a variável extralinguística escolaridade. A variável relação entre os constituintes do SN surgiu da combinação das variáveis classe gramatical, posição linear e função do vocábulo no SN. A variável escolaridade ajudou a melhor compreender a atuação dos dois referidos grupos de fatores de cunho extralinguístico.

Em sua Tese de Doutorado *Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade*, Norma da Silva Lopes (2001) analisou a variação linguística na fala de habitantes da capital baiana, utilizando o *corpus* do Projeto Norma Urbana Culta (NURC). Lopes (2001) identificou que as variáveis linguísticas: saliência fônica, classe gramatical, a posição linear e a relativa, marcas precedentes e o contexto subsequente apresentam restrições semelhantes ao processo de variação em estudos sobre o mesmo fenômeno linguístico realizados em várias regiões do país. Lopes (2001) estabeleceu as seguintes variáveis extralinguísticas, de acordo com o seu estudo sobre a formação sócio-histórica da cidade de Salvador: escolaridade (1 a 5 anos, 11 anos e mínimo de 15 anos de escolarização), a faixa etária (15 a 24 anos, 25 a 30 anos, 45 a 55 anos e mais de 65 anos) a etnia (sobrenomes religiosos e não religiosos). Os resultados obtidos pela pesquisadora indicaram que a presença de concordância é proporcional ao tempo de relação com os anos de escolarização e que os informantes mais jovens do grupo de sobrenome religioso, fazem mais concordância que os mais velhos, indicando assim, o fenômeno de aumento da realização de concordância e também que os informantes mais novos do grupo de sobrenome não religioso realizam menos concordância do que os mais velhos, indicando o fenômeno de redução ou enfraquecimento da concordância.

Por sua vez, Patrícia Ribeiro de Andrade (2003), em sua dissertação de mestrado intitulada *Um fragmento da constituição sócio-histórica do português do Brasil – Variação na concordância de número em um dialeto afro-brasileiro*, utilizou um *corpus* constituído por 18 inquéritos de fala de informantes da comunidade afro-brasileira de Hêlvecia, *corpus* vinculado ao Projeto Vertentes, para explicar os elementos que resguardam as marcas das origens africanas no dialeto da comunidade pesquisada. Andrade (2003), através do programa estatístico VARBRUL, analisou, sob a perspectiva atomística, 2.893 dados dos quais 1.310, ou seja, 45% representando o uso da regra de concordância. Nessa abordagem, a pesquisadora

analisou as seguintes variáveis linguísticas: posição do constituinte com referência ao núcleo, saliência fônica e marcas precedentes. Quanto às variáveis extralinguísticas foram analisadas sexo (masculino e feminino), faixa etária (jovens – de 21 a 40 anos; adultos – de 41 a 60 anos e idosos – mais de 60 anos) e escolaridade (analfabetos e semianalfabetos). A pesquisadora analisou seus dados também pela abordagem não atomística, considerando a aplicação da regra na ocorrência em que todos os itens pluralizáveis sejam marcados. Nesta abordagem, foram analisados 1.434 dados dos quais 133, representando 9% foram considerados com marca de concordância. Os grupos de fatores linguísticos categorizados neste contexto foram: configuração sintagmática do SN, função sintática do SN, posição do SN em relação ao verbo, número absoluto de constituintes do SN, número de constituintes flexionáveis do SN, Saliência fônica e função textual do SN e, os fatores extralinguísticos foram os mesmos da abordagem atomística além da estada fora da comunidade.

Em sua dissertação de mestrado *Sobre a ausência de concordância nominal no português falado em Pedro Leopoldo – MG: uma abordagem variacionista*, Lília Soares Miranda Santos (2010) analisou a variável linguística constituída pela ausência e pela presença de concordância entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal (SN) condicionada por grupos de fatores linguísticos (elemento nuclear do SN: posição, elemento nuclear do SN: classe gramatical; elemento não-nuclear do SN: posição, elemento não-nuclear do SN: classe gramatical, elemento não-nuclear do SN: presença e ausência de flexão de plural) e fatores extralinguísticos (sexo, faixa etária, escolaridade e grupo social). Santos (2010) analisou 1.461 dados, utilizando o programa VARBRUL, dos quais 52% apontam para a realização de concordância. O *corpus* foi constituído por de 27 (vinte e sete) entrevistas sociolinguísticas com informantes estratificados em grupos sociais (classes alta, média e baixa), faixa etária (jovem, de 17 a 23 anos; adulto, de 40 a 47 anos; idoso, acima de 60 anos), escolaridade (Ensino Fundamental - completo ou não, Ensino Médio - completo ou não e Ensino Superior - completo ou não). Os fatores considerados significativas no estudo da não concordância nominal da cidade de Pedro Leopoldo foram: classe gramatical, presença e ausência de flexão de plural; sexo, escolaridade, e grupo social dos informantes. Santos (2010) concluiu, em seu estudo, que a variável não representou um caso de mudança em progresso, mas, caracterizou-se como um caso de variável estável e que a variação na concordância nominal está internalizada na mente dos falantes.

Flávia Santos Martins (2013) em sua tese de doutorado *Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)*, se propôs a analisar a fala de 57 informantes nas localidades pertencentes à microrregião do alto Solimões (São

Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutáí e Fonte Boa) e 7.270 dados que foram submetidos ao programa estatístico *Goldvarb* 2001, dos quais 4.264 apresentaram a variante presença de marcas formais/informais de plural, correspondendo a 58% do total. As variáveis linguísticas estudadas foram: posição em relação ao núcleo, posição linear, classe gramatical, processos morfofonológicos de formação de plural e tonicidade dos itens lexicais, marcas precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente e características dos itens lexicais e quanto às variáveis extralinguísticas, a pesquisadora analisou a idade, escolaridade, sexo/gênero, diatopia, ocupação, mobilidade e localismo. Martins (2013) considerou a rodada de dados para a região do Alto Solimões e também para cada localidade estudada, observando que os dados apresentaram efeitos restritivos semelhantes, especialmente em relação às variáveis linguísticas.

Na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Maria Aparecida de Souza Guimarães (2014), em sua dissertação de mestrado intitulada *Variação na concordância nominal de número no português popular de Vitória da Conquista – BA: contribuições para compreensão da sócio-história do português do Brasil*, busca responder a pergunta: De que forma a sócio-história de uma comunidade, no caso de Vitória da Conquista, pode determinar o vernáculo dos falantes, considerando fenômenos pontuais, no nosso caso a concordância nominal de número no SN? A pesquisadora analisa a fala de 12 informantes com escolarização precária que integram a comunidade de fala de Vitória da Conquista. Seguindo a perspectiva atomística, (SCHERRE, 1988), as 2.979 ocorrências foram analisadas pelo programa estatístico *GoldVarb-X* (2005) de acordo com os seguintes fatores linguísticos: posição linear do constituinte, posição do constituinte com referência ao núcleo do SN, classe gramatical do constituinte e saliência fônica. Os fatores extralinguísticos condicionados foram: faixa etária (jovens – 25 a 35 anos; adultos – 45 a 55 anos; idosos – 65 anos ou mais), sexo (masculino e feminino), estada fora da comunidade, nível de letramento (1 a 2 anos; 3 e 4 anos; 5 anos) e exposição à mídia. Os dados obtidos por Guimarães (2014) revelaram que 1.708 das ocorrências, representando 57,3% do total, foram realizadas com marca de plural, apontando para os mais jovens e as mulheres vetores do processo de aquisição das marcas de flexão.

Na cidade de Vitória da Conquista, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Gilberto Almeida Meira (2015), em sua dissertação de mestrado *Estudo comparativo entre as normas popular e culta do português de Vitória da Conquista: concordância nominal de número*, se propôs a realizar um estudo comparativo entre as normas popular, utilizando os dados da pesquisa realizada por Guimarães (2014) e a fala culta do português de Vitória da

Conquista, investigando a variação da concordância nominal de número nos *corpora* constituídos pelo Grupo JANUS – Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, coordenado pelos professores Dr. Jorge Augusto Alves da Silva e Dr^a Valéria Viana de Sousa. Os dados foram analisados pela perspectiva atomística (SCHERRE, 1988) na qual cada constituinte é considerado uma unidade de análise no interior do sintagma nominal, com o auxílio do programa quantitativo *Goldvarb-X* (2005). As variáveis estruturais controladas na pesquisa foram: posição linear do constituinte, posição do constituinte com referência ao núcleo, classe gramatical do constituinte e saliência fônica; as variáveis sociais analisadas foram: faixa etária (jovens de 20 a 35 anos e adultos de 36 a 50 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (mais de 11 (onze) anos de formação escolar, considerando a educação profissional técnica e o nível superior). Meira (2015) utilizou amostras de fala de 12 (doze) informantes do português culto cujos resultados foram comparados com os dados de 12 (doze) falantes do português popular. A análise quantitativa dos 2.205 dados revelou que 1.982 das ocorrências tinha a marcação de plural, correspondendo a 89,9% do total. O programa estatístico considerou relevante para a aplicação da regra de concordância as seguintes variáveis independentes: posição linear do constituinte, posição do constituinte com referência ao núcleo do SN, classe gramatical do constituinte, saliência fônica, sexo, escolaridade e faixa etária. O pesquisador observou que os pesos relativos observados nos dados do PPVC e do PCVC revelaram certa oscilação em relação a alguns fatores analisados em ambos os domínios e que o índice de variação foi mais elevado entre os falantes do português popular, apontando para um processo de mudança em curso em direção à aquisição de marcas de plural entre os mais jovens.

Maria Vanderlúcia Sousa Tabosa (2016), em sua dissertação de mestrado *A variação na concordância Nominal de número no falar do Cariri cearense*, na Universidade Federal do Ceará, analisou a variação na concordância nominal de número investigando em que medida as variáveis linguísticas posição dos elementos no sintagma, classe e posição em relação ao núcleo e à posição nuclear; classe gramatical do sintagma nominal e processos morfofonológicos de formação de plural; tonicidade das sílabas dos itens lexicais singulares e marcas precedentes de plural no âmbito do sintagma nominal, e as variáveis extralinguísticas, como sexo; escolaridade e faixa etária condicionam o uso de concordância nominal no falar dos municípios que formam a região CRAJUBAR – Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha – na região do Cariri cearense. Foram coletados, para análise quantitativa, 3.304 dados de entrevistas realizadas com 24 informantes nos três municípios da região do Cariri cearense, constituindo o *corpus* O Português falado no Ceará (PROFALA). A análise estatística do

programa *Goldvarb-X* (2005), utilizando a perspectiva atomística (SCHERRE, 1988), considerou como significativos as seguintes variáveis linguísticas: posição dos elementos no sintagma; classe e posição em relação ao núcleo e posição nuclear; processos morfofonológicos de formação de plural; marcas precedentes de plural no âmbito do sintagma nominal; e quanto as variáveis extralinguísticas foram selecionadas como significante sexo e faixa etária. Tabosa (2016) identificou um alto índice de marcação de pluralidades no *corpus* pesquisado, totalizando 76,9% do total geral. Os resultados apontaram que as mulheres apresentaram uma probabilidade de marcação maior que a dos homens, e os informantes na faixa etária de 15 a 25 anos e a partir de 50 anos apresentaram índices maiores que os dos informantes com faixa etária de 26 a 49 anos. Os estudos realizados na região do Cariri cearense não destoam muito das outras pesquisas no território brasileiro sobre o fenômeno da concordância nominal e Tabosa (2016) conclui que a variação encontrada em seu estudo é motivada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores extralinguísticos.

Em sua dissertação de mestrado *Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico*, Juliana Rangel Scardua (2018) propôs expandir a análise sobre o uso variável da concordância nominal, utilizando o *corpus* do Projeto Português Falado na Cidade de Vitória (PortVix). Os 10.923 dados analisados revelaram que 88,6% são casos de realização da regra de concordância. O *corpus* foi estratificado em fatores linguísticos e extralinguísticos, analisados pelo programa estatístico *Goldvarb-X* (2005) que considerou significantes as variáveis linguísticas que evidenciam os nomes localizados mais à esquerda no sintagma nominal, os mais salientes e os precedidos de marcas e quanto às variáveis extralinguísticas apontam que as pessoas do sexo masculino, das faixas etárias mais jovens e com maior escolaridade são as que mais marcam o plural em Vitória-ES. A pesquisadora também relacionou o comportamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas comparando com outras pesquisas realizadas no país sobre o mesmo fenômeno linguístico.

Na abordagem sociolinguística sobre o estudo da concordância nominal, observamos que o fenômeno é tratado como uma regra variável e a postulamos que este uso variável esteja em processo de mudança na língua.

3.4 O SINTAGMA NOMINAL

Por opção metodológica, inserimos, na presente seção, uma parte dedicada ao escrutínio do sintagma nominal e sua configuração na Língua Portuguesa.

A palavra sintagma é originária do grego *syntagma* [σύνταγμα] que significa uma “coisa alinhada com outra”. De acordo com o *Dicionário Houaiss* (2011), sintagma é a unidade sintática composta de um núcleo e de outros termos que a ele se unem, formando uma locução (sintagma nominal). Para Silva e Koch (2002, p. 14), “[...] o sintagma consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantêm entre si relações de dependência e de ordem em torno do núcleo, que sozinho pode constituir o sintagma”.

As classes de sintagmas são divididas em: sintagma nominal (SN), sintagma verbal (SV), sintagma adjetival (SA), e sintagma preposicional (SP). Nesta subseção, descreveremos apenas o sintagma nominal (SN), pela sua importância para o nosso estudo.

De acordo com Azeredo (2000), em *Fundamentos de Gramática do Português*, o sintagma nominal é uma “[...] construção cujo núcleo é ocupado por um substantivo ou por um pronome substantivo” (AZEREDO, 2000, p. 186). O gramático-linguista apresenta *alguns exemplos para ilustrar as formações do SN*:

- a) O macaco comeu uma banana.
- b) Seu irmão levou meu chapéu.
- c) Algum amigo seu levou aqueles meus outros dois chapéus de palha.
- d) Dois cavalos não são capazes de comer tanto capim.
- e) As casas de pedra são construções coloniais.
- f) Visitamos a modesta casa do artista.
- g) Antônio reconheceu o homem que o assaltou.
- h) A metade dos habitantes consome diariamente cem quilos de carne.
- i) Nós procuramos o pedreiro, mas não o encontramos.

(AZEREDO, 2000, p. 186, grifos do autor)

Azeredo (2000, p. 186) apresenta, nesses exemplos, o SN sublinhado e o núcleo sem grifo, chamando atenção para os constituintes adjacentes que acompanham o núcleo do SN, que são os adjuntos nos exemplos de (a) a (g) ou os complementos, presentes no exemplo (h). Os exemplos apresentam o substantivo como o núcleo da estrutura tendo como constituintes à esquerda as seguintes classes gramaticais: artigos, pronomes possessivos, pronomes indefinidos, demonstrativos, numerais e adjetivos. Posicionados à direita do núcleo, temos pronomes possessivos, sintagma preposicional, adjetivos e orações adjetivas. Nos exemplos (g) e (i), o SN é formado apenas pelo núcleo: Antônio, Nós e o.

Castilho (2014) observa que o sintagma nominal é uma estrutura que traz o núcleo representado pelo substantivo e por alguns pronomes, acompanhado por especificadores (o artigo e os pronomes), e por complementadores (os sintagmas adjetivais e preposicionais). Castilho (2014) analisa a formação dos sintagmas nominais da seguinte forma:

1. Os especificadores compreendem (i) artigos, (ii) demonstrativos, (iii) possessivos, (iv) quantificadores, (v) expressões qualitativas e (vi) delimitadores;
2. O núcleo compreende os substantivos e os pronomes (i) pessoais; (ii) neutros; (iii) pronomes adverbiais.
3. Os complementadores compreendem (i) os sintagmas adjetivais, que funcionam como adjunto adnominal, (ii) os sintagmas preposicionais, que funcionam como complementos nominais e (iii) sentenças relativas. (CASTILHO, 2014, p. 454)

Para análise do sintagma nominal, Castilho (2014) apresenta a estrutura SN = (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores). Os especificadores se referem aos elementos precedentes ao núcleo e os complementadores englobam os elementos localizados à direita do núcleo.

Silva e Koch (2002, p. 16) explicam sobre a estrutura do sintagma nominal (SN), especificando que pode ter como núcleo um nome (N) ou um pronome (Pro) substantivo (pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, possessivo ou relativo). O nome poderá vir sozinho, ou antecedido de um determinante e/ou seguido de um modificador.

Ao tratar da estrutura do SN, Silva e Koch (2002) apresentam alguns exemplos:

Determinante simples (Det + N):

- a) As crianças
- b) Essas crianças
- c) Minhas crianças
- d) Duas crianças

Determinante complexo:

- e) Todos os alunos (pré-det + Det + N)
- f) Estes dois meninos (pré-det + Det + N)
- g) Todos os meus livros (pré-det + Det + pós-det + N)

Os exemplos de (a) a (d) apresentam o artigo definido, pronome demonstrativo, possessivo e numeral como determinantes, ou seja, palavras que antecedem o núcleo do sintagma nominal. Os exemplos de (e) a (g) apresentam uma configuração sintagmática mais complexa por apresentarem elementos antepostos e pospostos ao determinante, como em (e) *Todos os alunos*, *Todos* é pré-determinante e *os*, determinante, e ainda em (g), o sintagma é mais completo ainda: *Todos os meus livros*, *Todos* é pré-determinante, *os* é determinante e *meus* exerce a função de pós-determinante.

Na análise da variação da regra de concordância nominal, a variável posição do determinante tem sido significativa para compreender a variação do uso deste fenômeno, sendo objeto de análise a posição do determinante em relação ao núcleo e sua posição imediatamente ou não adjacente a ele.

Quanto aos modificadores, eles podem ser constituídos de um sintagma adjetival (SA): (h) *casa amarela*; ou de um sintagma preposicionado (SP): (i) *casa de pedra*; O modificador poderá preceder o nome, caso seja um SA, como em: (j) “Os belos olhos de Marina” (SILVA; KOCH, 2002, p. 18).

Os modificadores são constituintes que normalmente estão à direita do núcleo, como nos exemplos (h) *casa amarela* e (i) *casa de pedra*, mas também podem ocorrer antes do núcleo como no exemplo (j) “*Os belos olhos de Marina*”. Nos estudos sociolinguísticos, os constituintes que exercem a função de modificadores são analisados de acordo com a sua posição em relação ao núcleo do sintagma, considerando a influência que tais itens exercem na aplicação da regra de concordância nominal, sendo objeto de análise a sua posição à direita do núcleo, imediatamente ou não adjacente a ele.

Perini (2005) propõe que o sintagma pode ser definido como sujeito de alguma oração, como mostra nos exemplos seguintes:

- (a) Esse professor é um neurótico.
- (b) Um neurótico rabiscou meus livros.

No exemplo (a) Perini (2005) explica que *Esse professor* é um sintagma nominal porque é sujeito da oração e *neurótico* é também um sintagma nominal porque pode ser sujeito em outra oração como no exemplo (b). No livro, *Para uma nova gramática do português*, Perini (2007) estabelece o modo simples como a gramática tradicional define o sintagma nominal, apenas com a composição de um substantivo ou de um artigo ou de um pronome pessoal. Para o linguista, o sintagma nominal é bem mais complexo, o sujeito é sempre composto de um sintagma nominal; o mesmo acontece com o objeto direto e indireto.

Perini (2005) divide a estrutura interna do SN em duas poções: área à esquerda, composta pelos itens que precedem o núcleo e área à direita, composta pelos elementos que seguem o núcleo. O linguista classifica os itens que antecedem o núcleo em seis posições fixas (determinantes, possessivos, reforço, quantificador, pré-núcleo interno e pré-núcleo externo) e quatro posições variáveis (ocorridas nos intervalos das posições fixas). Na área à direita, distinguem-se três funções: núcleo do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE). Vejamos:

- (c) Um ataque cardíaco fulminante

(Det) + (NSN) + (ModI) + (ModE)

Perini (2005) conclui que a análise dos itens à direita apresenta obstáculos devido ao alto grau de polivalência dos itens envolvidos e por serem de classes abertas. Já os itens à esquerda apresentam facilidade de análise porque a maioria de suas funções são ocupadas por itens especializados e por uma quantidade limitada de classes envolvidas, por exemplo, *nosso* só pode ser possessivo e *aquele* só pode ser determinante e a função dos possessivos é ocupada apenas por cinco posições: *meu, teu, seu, nosso, vosso*.

Diante do que foi exposto, vimos que o sintagma nominal tem a função de unir de forma harmônica os itens da estrutura sintagmática, resultando no fenômeno da concordância. São várias as explicações para este fenômeno; neste trabalho apresentamos o prisma da gramática tradicional, da gramática descritiva e os estudos sistemáticos da diversidade linguística, relacionados aos fatores sociais e linguísticos, característicos da Sociolinguística.

Na próxima seção, vamos nos ocupar no aprofundamento da teoria norteadora de nossa discussão.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutimos conceitos sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) as quais balizaram nossa análise. Ainda apresentamos pressupostos teóricos sobre a Sócio-história (ROMAINE, 2009 [1982]), estabelecendo um diálogo com a Sociolinguística Variacionista e a Teoria da Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI, 2003; LUCCHESI e BAXTER, 2009) e a Teoria dos 4-M (MYERS-SCOTTON, 2000; 2016; MYERS-SCOTTON, 2001), com o intuito de analisar o fenômeno da concordância nominal sob o olhar dessas teorias. Optamos por fazer apenas o recorte que fosse necessário para dar sustentação à argumentação que empreendemos.

4.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

As conquistas dos direitos civis nos Estados Unidos na década de 60 do século XX trouxeram significativos ganhos para a renovação das Ciências Sociais, entre elas a Sociolinguística (BORTONI-RICARDO, 2014). Antes desse período, estudiosos como Meillet (1866 – 1936) por influência de Durkheim (1858 -1917) e Bakhtin (1895 – 1975) haviam proposto uma reinterpretação para a Linguística, voltando-a para questões sociais, especialmente aquelas relacionadas ao uso real e ao uso ideológico, respectivamente. Ademais o Círculo Linguístico de Praga, nas principais figuras de Jakobson (1896 –1982) e Benveniste (1902 –1976), apontaria para a necessidade de se incluir nos estudos linguísticos os contextos social e cultural dentro de uma comunidade de fala, influenciado pesquisadores como Hymes (1972).

Entretanto, o novo “ramo” da Linguística Moderna só surgiria de forma sistemática graças aos trabalhos pioneiros de William Labov que, na década de 60 nos Estados Unidos, iniciou os estudos conhecidos por Sociolinguística Variacionista, sendo precursor na abordagem de investigar sistematicamente a relação entre língua e sociedade por meio de sua pesquisa sobre o inglês falado na ilha de *Martha’s Vineyard*, no Estado de Massachusetts (USA).

Em seu livro *Padrões Sociolinguísticos [Sociolinguistic Patterns]*, William Labov (2008 [1972]) enfatiza o estudo das atitudes sociais sobre as estruturas linguísticas e das situações vividas pelas pessoas dentro da comunidade de fala para observar o papel da interação social na mudança linguística. A Sociolinguística procura, portanto, estudar a

atitude das pessoas no seu contexto social natural com uso de métodos quantitativos, com o “[...] conhecimento detalhado da história dialetal da área e [...] estudo mais sistemático da distribuição das variáveis linguísticas e normas subjetivas” (2008 [1972], p. 89). Vale ressaltarmos que no interior do grupo social se estabelecem acordos tácitos que mantêm a coesão do grupo (ou comunidade de fala), ocorrendo a interação social por meio da língua, modificando-se segundo o contexto sócio-histórico.

Essa é a interpretação que podemos depreender da leitura de Cezario e Votre (2008) que ora reproduzimos:

A Sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141).

Para esses linguistas, a Sociolinguística refere-se especificamente ao estudo da língua analisando os fatores que motivam (ou condicionam) o fenômeno da variação e mudança linguística, analisando os falantes e a comunidade em que estão inseridos para estudar as influências do meio social no comportamento linguístico dos indivíduos, através de um estudo em tempo real ou em tempo aparente. Tal é a justeza do que afirmamos que encontramos respaldo em Mollica (2010), para quem:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando à atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2010, p. 09).

De acordo com a definição de Mollica (2010), a Sociolinguística enfoca o estudo na função social e comunicativa da língua, levando em consideração o dinamismo inerente à língua, o que proporciona a compreensão da convivência (nem sempre harmônica) das formas variantes previsíveis.

Ademais, a Sociolinguística vem demonstrar que a suposta variação livre (BLOOMFIELD, 1933), tão a gosto dos estruturalistas mais ascéticos, não se sustenta em uma análise de tendências, após o crivo da ponderação frequentativa. Nessa linha de raciocínio, Calvet (2002) chega a dizer que a Sociolinguística demonstra que a variação não é

livre, mas encontra-se em correção sistemática com as variações sociais, vistas como diferenças sociais.

Nesse sentido, dentro do escopo da Sociolinguística, as variações que se verificam na fala de um indivíduo de dada comunidade não podem ser explicadas pelo simples acaso nem por falha cognitiva (se for sistemática), mas pela possibilidade de coexistência na fala do indivíduo de uma gramática que permita (pelo menos) duas possibilidades de uso. Observemos estas amostras reais de fala retiradas do *corpus* de Rio das Rãs:

- (1) oS nossoS velhoS (EBS, 65 anos – Rio das Rãs)
- (2) todaS minhaS coisinha (FFS , 65 anos – Rio das Rãs)
- (3) oS próprio aluno (LFSS, 70 anos – Rio das Rãs)

Com base em Labov (2008 [1972]), podemos sem medo de errar que nas três realizações acima, condicionantes linguísticos (presença de determinantes, posição do determinante) e condicionantes extralinguísticos (faixa etária do falante, sexo do falante, nível de escolaridade) poderiam ou não estar favorecendo a presença das marcas de plural em um, em dois ou em todos os elementos formadores do SN. Não seria, portanto, obra do acaso, mas, por meio de estudo estatístico, poderíamos ver uma linha de ascensão ou descensão do nível de aplicação da regra.

Não caberia à Sociolinguística apenas investigar o grau de estabilidade da variação, mas haveria de se dedicar a descortinar-lhe, o quanto possível, a trajetória de mudança. Mollica (2010) assevera que não devemos requerer da Sociolinguística um caráter teleológico²², mas, certamente, cabe-lhe apontar os efeitos positivo ou negativo sobre os usos linguísticos alternativos (as sanções decorrentes do uso) e prever (ou melhor, antever) o comportamento regular e sistemático. Ao controlarmos a variável *sexo*, em nosso estudo, por exemplo, fizemo-lo no sentido de perceber até que ponto o comportamento linguístico feminino acompanhou a abertura do espaço social que hoje se percebe nas mulheres e se tal abertura tendeu para a aquisição de um padrão diferenciado de outras mulheres (jovens, adultas, idosas). Assim, o comportamento linguístico de um grupo dentro da *Comunidade de Fala* levaria à compreensão também das alterações comportamentais pelas quais o grupo tem passado.

²² Relativo à doutrina que considera a finalidade como princípio explicativo da realidade (HOUAISS, 2011, p. 682).

Nessa perspectiva, Labov (2008 [1972]) vai observar três características fundamentais da língua:

- i. A língua é uma forma de comportamento social;
- ii. A língua é usada por seres humanos em um contexto social;
- iii. A língua é usada para comunicar necessidades, ideias e emoções.

Bortoni-Ricardo (2004) assegura que a Sociolinguística se manifesta a partir das “[...] diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspetos formais da língua” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 20).

A Sociolinguística, ainda, vai por em destaque o fato de a língua ser um fenômeno intrinsecamente heterogêneo. Isso significa que ela é usada pelos grupos sociais em diversos modos de falar, relacionados com os fatores sociais e em situações e espaços que exigem um uso diferenciado da linguagem. Segundo Mollica (2010), a Sociolinguística surge a partir da necessidade de estudar a linguagem na fronteira entre língua e sociedade, de acordo com as influências de cada região, do nível sociocultural, da intimidade ou não com o interlocutor, a faixa etária e o sexo, fatores provenientes do contexto social.

Portanto, o objeto de estudo da Sociolinguística é a **variação** na linguagem em situações reais de histórias de vida das pessoas, observando a relevância do contexto social, de modo a compreender que a variação é um fenômeno inerente à língua, e que revela a realidade do falante, como corrobora Mollica:

[...] A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais [...] (MOLLICA, 2010, p. 9-10).

O estudo sociolinguístico, portanto, considera a heterogeneidade linguística agrupadas em fatores inerentes ao indivíduo e em fatores relacionados com o contexto sociocultural. Labov (2008 [1972]), ao apresentar o estudo da variação social na língua, enfatiza o estudo dos fatores estruturais e sociais, estudadas pelos linguistas no nível funcional, com uso de evidências empíricas definidas por métodos quantitativos que permitem os estudos de mudanças linguísticas.

Mas o que na verdade significa variação dentro do escopo teórico da Sociolinguística? E como a variação pode levar à mudança linguística? Vamos agora ocupar em estudá-las na subseção seguinte.

4.1.1 A Variação e Mudança Linguística

Com o advento da Sociolinguística em meados do século XX, diversos pesquisadores estudaram o tema “variação” procurando uma resposta condizente, no que tange àquilo que motiva a mudança na língua. A resposta para nossa primeira pergunta será dada, inicialmente, por Cezario e Votré:

A variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos de vários tipos. A variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática. O linguista, ao estudar os diversos domínios da variação, deve demonstrar como ela se configura na comunidade de fala, bem como quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que a favorecem ou que a inibem (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141).

Como vimos, a variação linguística, motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, está configurada na comunidade de fala por um elevado grau de interação social que interfere no uso da língua gerando a variação ou evitando-a²³. Tal pressuposto encontra respaldo em Labov para quem “[...] as pressões internas, estruturais, e as pressões sociolinguísticas agem em alternância sistemática no mecanismo da mudança linguística” (2008 [1972], p.214).

É importante conhecer a correlação entre a estrutura social e o fenômeno da mudança, quais são as forças, motivos ou estímulos que energizam os condicionadores internos e externos para compreender a variação. Por essa razão, em nosso estudo, dividimos os fatores condicionantes em dois grupos (linguísticos e extralinguísticos), mas fizemos questão de “cruzar fatores” para entendermos melhor os resultados obtidos²⁴.

Agora adentremos na explicação de como a Sociolinguística encara a mudança. No tocante aos métodos para a explicação da mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 125-126) apresentam princípios indispensáveis para o estudo da mudança linguística:

²³ A sanção linguística pode fazer com que um elemento em variação, considerado estereótipo, passe a ser evitado conscientemente pelos falantes.

²⁴ O cruzamento de fatores linguísticos e extralinguísticos será feito após certas configurações de grupos de fatores.

1. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada;
2. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala;
3. Toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade;
4. A generalização da mudança linguística envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo;
5. As estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo;
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente interrelacionados no desenvolvimento da mudança linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 125-126)

Desse modo, é necessária uma reflexão sobre tais princípios apresentados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) para que o estudo da mudança linguística considere a língua em seu contexto sociocultural, determinando o grau de correlação social que existe e sua influência sobre o sistema linguístico abstrato. Segundo Labov (2008 [1972], p. 21)

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imamente agindo no presente vivo.

Ademais, importa lembrarmos que Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 121-125), analisam o fenômeno da mudança linguística a partir da proposta de problemas que direcionam o pesquisador em busca de caminhos que expliquem o fenômeno em estudo ao longo do tempo, em determinada comunidade de fala. Os autores organizam em cinco problemas os princípios empíricos para a teoria da mudança e variação linguística.

a) **O problema dos fatores condicionantes.** O objetivo desse problema (COELHO *et al*, 2015, p.77) é investigar o conjunto de mudanças possíveis e as condições para que ocorram numa determinada estrutura, buscando generalizações que governam a estrutura e a mudança linguística. A Sociolinguística se ocupa de fenômenos variáveis que podem ser desfavoráveis a essas generalizações. Os princípios não são absolutos, aplicados categoricamente, mas apontam para regularidades ou tendências gerais. Os fenômenos em mudança precisam ser analisados e correlacionados intra e interlinguisticamente para chegar aos princípios gerais.

É nesse sentido que em nossa pesquisa pautamo-nos nas tendências a alteração estado da língua no cotejo com as três faixas etárias destacadas, pressupondo que os mais idosos sejam, na maioria, refratários ao passo que os jovens, inovadores.

b) **O problema da transição.** Esse problema (COELHO *et al*, 2015, p.84) envolve a transmissão (maneira como uma mudança progride ao longo de sucessivas gerações) e incrementação (mecanismo pelo qual a mudança avança de uma forma nova. O problema da transição compreende como as formas em variação/mudança se propagam de um estágio a outro, pela expansão dos contextos linguísticos de uso das formas e pela transmissão entre gerações pela sua difusão ao longo do tempo e entre os grupos sociais.

Em nosso estudo, aventamos fatores condicionantes (variáveis) que supomos apresentarem uma hierarquia no processo de transição. Foi o que fizemos ao propormos a saliência fônica cujo princípio repousa em estruturas que sejam mais propensas à flexão de plural e outras menos propensas à flexão considerando o ambiente linguístico em que se encontra.

c) **O problema do encaixamento.** No que concerne ao problema do encaixamento (COELHO *et al*, 2015, p.79), a ideia de “estar encaixado” está relacionada a como um fenômeno linguístico variável se relaciona com outro(s) fenômeno(s), fatores linguísticos, estilísticos e sociais condicionados a determinadas variantes. Quais são as causas e os efeitos de uma mudança? Quais as possíveis direções de mudanças linguísticas?

Tais perguntas feitas ao pensarmos no encaixamento são respondidas na escolha das variáveis especialmente naquelas em que qual a pressão de uma estrutura exerce sobre a outra como fizemos ao tratarmos das marcas precedentes (6.1.5).

d) **O problema da avaliação.** Este problema (COELHO *et al*, 2015, p.91-2) diz respeito à atitude subjetiva e consciente do falante em relação às formas linguísticas em variação/mudança. A atitude do falante está relacionada a avaliação linguística e a avaliação social. A avaliação linguística está associada à eficiência comunicativa na interação social e a avaliação social é observada no comportamento do grupo (comunidade de fala).

Embora a concordância nominal seja estigmatizada por uma sociedade urbana, acreditamos que ela não o seja por uma comunidade rural. Destarte, a verificação da avaliação, em nosso caso fica prejudicada.

e) **O problema da implementação.** Neste caso (COELHO *et al*, 2015, p.93), o processo global de mudança linguística envolve motivações e restrições tanto da sociedade quanto da estrutura da língua, investigando os fatores que podem ser atribuídos à implementação (ou atuação) da mudança e a causa da ocorrência do fenômeno em

determinados contextos linguísticos ou em determinados lugares ao longo do tempo (diacronicamente).

No caso da implementação, acreditamos que ela pode ser observada na fala dos mais jovens, aqueles que vão continuar na comunidade e passar seu vernáculo aos novos moradores. Cabe-nos verificar que tendências são apresentadas por eles e observar o que tais tendências apontam.

Em síntese, o processo que envolve a compreensão da variação e das mudanças linguísticas resulta do comportamento social, motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos, estabelecendo uma sistematização da estrutura social correspondente à estrutura linguística e como as mudanças são traduzidas na interação indivíduo e sociedade. Monteiro (2000, p.109) ressalta que as variáveis linguísticas costumam ser condicionadas por fatores externos ao sistema e a interpretação de uma mudança não devem ceder às pressões sociais que a determinam.

Para Paiva (2016, p. 33), a mudança linguística está relacionada diretamente com os sistemas linguísticos dinâmicos, mutáveis e flexíveis que ao longo do tempo se acomodam tanto às mudanças socioculturais como das necessidades comunicativas dos seus falantes, em diferentes aspectos estruturais e externos: região, idade, sexo, classe social e estilo/registro de fala.

Reservamos a subseção seguinte para tratarmos dos tipos de mudança linguística, aproveitamos também para trazer luz sobre a questão da variação estável.

4.1.2 Variação estável ou mudança em progresso

Na Teoria Sociolinguística Laboviana, se o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, teremos presenciado uma situação de mudança em progresso (TARALLO, 2007 [1985], p. 65). O estudo da mudança em progresso (PAIVA, 2016, p.25) apresenta problemas que exigem hipóteses e procedimentos de análise que permitam a identificação da possível direcionalidade de variantes em um dado momento relacionado com as motivações linguísticas e sociais.

Tarallo (2007[1985], p. 70) interpreta Labov (1972) e afirma que uma variável sociolinguística estável estará linearmente correlacionada à classe socioeconômica. O grupo social de *status* mais elevado apresentará índices da variante de prestígio em maior frequência do que da variante estigmatizada. Por outro lado, se o fenômeno ocorre em um grupo intermediário, surge o padrão curvilíneo, associado à mudança em progresso.

No que diz respeito à abordagem temporal, um estudo se caracteriza como pesquisa transversal, uma vez que os dados coletados observam a mudança em tempo aparente (TARALLO, 2007[1985]), característica encontrada na análise da aplicação da regra variável por falantes de diferentes idades em um determinado momento no tempo.

Segunda Paiva (2016, p. 26), os indivíduos que convivem em uma comunidade de fala de diferentes faixas etárias, convivem com uma mesma língua em vários pontos do tempo, tratando-se de uma análise sincrônica, de natureza não longitudinal que permite levantar hipóteses sobre a direcionalidade e a implementação da inovação linguística.

Ainda, Paiva (2016) assinala que o estudo da mudança em tempo aparente toma como referência padrões de distribuição de variantes linguísticas de acordo com a variável idade dos falantes em uma amostra representativa. A mudança em tempo aparente é uma forma / variante linguística frequente na fala de grupos etários mais jovens, responsáveis pelas formas inovadoras e decresce proporcionalmente ao aumento da faixa etária, desaparecendo as formas mais antigas ou conservadoras.

Essa também foi nossa compreensão ao aplicar tal pressuposto à análise que fizemos.

4.2 LINGUÍSTICA SÓCIO-HISTÓRICA

Em vários trechos de nosso estudo, vamos ler referências diretas e indiretas à Sócio-história, não se trata de uma junção entre a Sociolinguística e uma abordagem histórica, mas se trata de uma forma de ver a Sociolinguística por meio de outro olhar, a compreensão de que os fatos sociais são fatos históricos e os homens são seres históricos e as comunidades (inclusive a de fala) são fatos históricos. Vamos iniciar nossa exposição situando a Sócio-história no tempo e no espaço teórico. Para tanto, utilizaremos Romaine (2009 [1982]).

Romaine (2009 [1982]) propõe a junção dos métodos de análise da Sociolinguística Variacionista com os da Linguística Histórica para investigar e analisar as formas em que a variação pode manifestar-se em uma comunidade de fala através do tempo, e como determinadas funções, usos e tipos de variação desenvolvem-se em determinadas línguas e comunidades de fala. Em sua definição da natureza da Linguística Sócio-histórica, a autora (2009 [1982], p. x) no prefácio da obra *Socio-Historical Linguistics - its status and methodology*:

O objetivo principal da disciplina seria investigar e fornecer uma explicação das formas / usos em que a variação pode manifestar-se em uma determinada

comunidade ao longo do tempo, e de como funções, usos e tipos específicos de variação se desenvolvem em determinadas línguas, comunidades, grupos sociais e indivíduos²⁵. (Tradução nossa)

Romaine (2009 [1982]) estabelece, em princípios gerais, críticas às teorias sociolinguísticas, de William Labov (1972) e Charles-James Bailey (1973) e a integração da Linguística Sócio-histórica nos estudos da variação linguística. Romaine (2009 [1982]) desenvolve uma estrutura metodológica e teórica para o campo da pesquisa linguística sócio-histórica, baseada em questionamentos importantes, como: Qual é o escopo da Sociolinguística? Quais as implicações para a aplicação e relevância da teoria sociolinguística para os estudos históricos? Como investigar a dimensão social ou extralinguística da variação linguística no registro histórico de uma língua? A investigação proposta pela linguista sugere alguns modelos possíveis para explicar e testar a variação percebida em sua pesquisa sobre os marcadores de orações relativas no Escocês Médio (*The relative markers in the Middle Scots*).

O estudo desenvolvido pela pesquisadora apresenta como objeto, os marcadores relativos, fornecendo uma descrição da variação linguística e apresentando um método para a reconstrução dos marcadores em um contexto social. A pesquisadora utiliza diferentes tipos de textos históricos do século XVI, escritos durante o reinado de James V, baseado no pressuposto que a variação na língua escrita, assim como na língua oral, ocorre de maneira padronizada e não aleatória. Segundo a pesquisadora, “A sociolinguística desenvolveu-se em parte devido à preocupação dos linguistas em descrever a variação encontrada na língua falada, mas a variação também ocorre na língua escrita, pode-se supor, de uma maneira padronizada, ou não” (2009 [1982], p.13)²⁶. De acordo com Romaine (2009 [1982], p. 13), as técnicas utilizadas pelos sociolinguistas para analisar a variação encontrada na fala dos nova-iorquinos têm alguma relevância para a variação no uso dos marcadores de orações relativas no Escocês Médio, assim como para os problemas históricos em geral. A pesquisadora salienta que em um determinado estudo, as amostras da fala ou da escrita são diferentes e que ao tocante à análise sociolinguística essas diferenças são mensuráveis e que há padrões nas escolhas realizadas pelo usuário da língua. Ela ainda ressalta que as escolhas não são

²⁵ The main goal of such a discipline would be to investigate and provide an account of the form/uses in which variation may manifest itself in a given community over time, and of how particular functions, uses and kinds of variation develop within particular languages, speech communities, social groups, networks and individuals (ROMAINE, 2009 [1982], p. x).

²⁶ Sociolinguistics developed partly out of the concern of linguistics to describe variation found in the spoken language, but variation also occurs in written language in, one can assume, a patterned rather than a random way.

inteiramente livres, existem fatores ou condições que as motivam, proporcionando um campo fértil para a aplicação da metodologia sociolinguística.

Labov (2008 [1972], p. 151-2), no seu estudo sobre a variação social na língua, apresenta aspectos das estruturas linguísticas variantes, trazendo alternativas no nível funcional para resolver análises estruturais, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis. Além disso, os métodos quantitativos permitem os estudos detalhados de mudanças linguísticas em andamento.

Inclusive, Romaine (2009 [1982], p. 13), considerando estudos anteriores sobre a variação, tem como referência uma série de fatores extralinguísticos ou sociais, como: faixa etária, sexo, classe social, etc., que influenciam na seleção de uma determinada variante, bem como os fatores linguísticos que podem ser universais ou específicos da língua estudada.

Romaine (2009 [1982], p.81), em sua pesquisa, examina fatores linguísticos que afetam a realização do marcador relativo (WH, TH ou 0), são eles:

1. Tipo de orações - restritivas ou não restritivas;
2. Características do termo antecedente (animacidade, definição, tipo de estrutura do modificador do substantivo, determinante, quantificador, superlativo).
3. Posição sintática / função gramatical do marcador relativo na oração (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicado, preposições nominativas, temporais, genitivas, etc.).

Sobre as variáveis linguísticas, podem ser classificadas, de acordo com Labov (2008 [1972], p. 360), segundo o tipo de avaliação social:

1. Indicadores - são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social.
2. Marcadores - exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social.
3. Estereótipos - são formas sociais marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade.

Romaine (2009 [1982], p.105) evidencia, em sua pesquisa, que os fatores extralinguísticos podem afetar a escolha de marcadores relativos e busca um método para levar em consideração a influência desses fatores na pesquisa realizada, fornecendo uma revisão crítica de alguns princípios metodológicos relacionados à investigação dos marcadores relativos no Escocês Médio, por exemplo, procedimentos de amostragem e a falta de uma tipologia de textos bem definida. Os fatores extralinguísticos foram distribuídos pelos diferentes tipos de textos analisados: prosa (oficial, literária, epistolar) e verso (relativo à

corte, religioso ou moralizante e cômico). As categorias dos textos permitiram a análise dos estilos literário e não literário, considerados importantes, pela pesquisadora, para o uso dos marcadores relativos.

Romaine (2009 [1982], p.16) examina até que ponto a linguagem literária e não literária e os diferentes tipos de estilos de prosa e formas de verso diferem uns dos outros. Presumivelmente, a extensão dessa variação é em si uma variável. Certamente, as línguas diferem umas das outras nesse aspecto, e uma única língua pode exibir diferentes graus de variação em seu ciclo de vida.

No que diz respeito à língua escrita e à língua falada, Romaine (2009 [1982], p. 16) argumenta que a relação entre ambas apresenta diferença entre forma e substância, e que a língua escrita, seja literária ou não literária, diferente da língua falada em substância. A língua escrita apresenta variação regular nos símbolos ortográficos enquanto a língua falada exibe variação alofônica, condicionada pelo contexto social da língua.

Levando isto em consideração, Romaine (2009 [1982], p.139) analisa seus dados dentro da teoria sociolinguística, correlacionando os dados linguísticos com os dados extralinguísticos. A pesquisadora observa que qualquer questão da natureza da variação linguística deve ser respondida antes de qualquer análise extralinguística.

Como consequência, Romaine (2009 [1982]) enfrenta um problema mais geral, o que ela chama de “reconstrução da linguagem em seu contexto social”,²⁷ e no intuito de realizar tal reconstrução, julga fundamental recorrer ao *status* da teoria linguística sócio-histórica.

A partir de então, Romaine (2009 [198]) mostra como os modelos sociolinguísticos modernos, como o paradigma quantitativo de William Labov (1972) e as escalas implicadas de Charles-James Bailey (1973) em sua obra *Variation and Linguistics Theory* poderiam ser aplicados ao estudo histórico da língua inglesa, no caso dela, à variação textual na escolha dos marcadores de orações relativas no Escocês Médio, integrados à Teoria Linguística Sócio-histórica.

Romaine (2009 [1982]) em consonância com o pensamento de Dell Hymes (1974) diz “[...] o objetivo final da Sociolinguística deve ser presidir sua própria liquidação”²⁸, considera que o estudo da função conceitual da linguagem deve incluir a sua função social ou seu uso comunicativo. A propósito, Labov (2008 [1972], p.216) enfatiza que a pesquisa sociolinguística deve ser relacionada aos problemas centrais da teoria linguística, relevantes

²⁷ “Reconstruction of language in its social context”.

²⁸ “The final goal of sociolinguistics, [...] must be to preside over its own liquidation”.

para os modelos de mudança histórica, descrevendo como os fenômenos ocorrem dentro do contexto social da comunidade de fala.

Romaine (2009 [1982], p.11) aponta que a análise sociolinguística é “[...] ampla base descritiva e funcional dentro da qual o uso da estrutura linguística pode ser investigada²⁹”. No que se refere à concepção da linguagem apenas como função comunicativa, ou seja, a comunicação de informações conceituais, conduz a diferenciação social e linguística que forma os dados do trabalho empírico na Sociolinguística permanecer não-interpretável e paradoxal dentro de um quadro tão estreito. Uma análise sociolinguística depende do reconhecimento da diferença entre a igualdade representacional e a escolha sociolinguística.

Ainda, a autora recorre a Dell Hymes (1972, p. 276) quando afirma que “[...] se um pesquisador analisa a linguagem de uma comunidade como se ela devesse ser homogênea, sua diversidade o empurra para fora de seus limites. Se ele começa por uma análise da diversidade, consegue isolar a homogeneidade que ela realmente encerra³⁰”. O linguista apresenta em “*Seminal On Communicative Competence* (1972) argumentos segundo os quais a aquisição das regras formais da língua podem ser também adquiridas através do contexto social.

Ademais, Dell Hymes (1972, p. 278) descreve a que “competência comunicativa do falante está composta pelo conhecimento tácito, isto é, que o indivíduo sabe consciente ou inconscientemente, e capacidade para usá-la³¹”. Desta forma, a competência dos atos de fala está relacionada aos aspectos socioculturais que são interdependentes na condução e interação social dentro de determinada comunidade de fala.

Hymes (1972, p.281) propõe quatro critérios para descrever a competência comunicativa: (1) Se algo é formalmente possível; (2) Se alguma coisa é viável, considerando os meios de implementação disponíveis, (3) Se algo é contextualmente apropriado, e (4) se algo é de fato realizado pelos membros da comunidade³². Os quatro critérios propostos por

²⁹ “A broad descriptive and functional base within which the use of linguistic structure can be investigated”.

³⁰ If one analyses the language of a community as if it should be homogeneous, its diversity trips one up around the edges. If one starts with analysis of the diversity, one can isolate the homogeneity that is truly there.

³¹ As concerned with the tacit knowledge of language structure, that is, knowledge that is commonly not conscious or available for spontaneous report, but necessarily implicit in what the ideal speaker-listener can say.

³² (1)Whether (and to what degree) something is formally possible; (2) Whether (and to what degree) something is feasible in virtue of the means of implementation available; (3) Whether (and to what degree) something is appropriate (adequate, happy, successful) in relation to a context in which it is used and evaluated; (4) Whether (and to what degree) something is in fact done, actually performed, and what its doing entails.

Hymes não devem ser avaliados como independentes, porque são vários setores de competência integrados entre si, entre eles, a competência gramatical que envolve aspectos contextuais e socioculturais. Inclusive, ele salienta que “[...] existem vários setores de competência linguística, dos quais a gramática é um deles³³” (HYMES, 1972, p.281). Sobretudo, para Hymes, conhecer uma língua não é apenas dominar sua gramática, mas também saber como usá-la apropriadamente na comunidade em que se vive. O falante tem de saber quando falar e quando não falar, que variedade e/ou língua, que formas linguísticas e estilo utilizar (BAGNO, 2017, p. 48-9).

É a partir da escolha da análise sociolinguística integrada aos pressupostos da Linguística Sócio-histórica que a pesquisa de Romaine (2009 [1982]) tenta demonstrar que a competência comunicativa está relacionada aos contextos sociais e interacionais. Romaine concentra nas suposições feitas por cada paradigma com respeito à natureza e ao *locus* da variabilidade, e não na escolha de modelos para a representação da variação e mudança. Além disso, Romaine (2009 [1982], p. 240) levanta duas questões relevantes para a discussão: (1) Onde está a variação, isto é, idioleto ou socioleto, e as gramáticas idiolectal e sociolectal são isomórficas? e (2) A variabilidade é uma questão de competência ou desempenho, ou ambos?³⁴

No que se refere ao *locus* da variação, é observado o comportamento linguístico individual que reflete as características pessoais no uso da língua e também ao agrupamento social, observando os modos de falar característicos de uma classe social, faixa etária, escolaridade, sexo, profissão, etc. dentro de um determinado grupo ou comunidade de fala.

Ainda sobre o *locus* da linguagem, Romaine (2009 [1982], p.246) afirma que a linguagem é deslocada do indivíduo para a comunidade de fala, abordando um conjunto de fatos que pertencem ao domínio social e cultural. O *status* ontológico³⁵ de tais fatos apresentam implicações importantes para os objetivos e para a metodologia da Linguística, bem como a adequação de suas supostas alegações empíricas.

No que se refere à questão da variabilidade, Romaine (2009 [1982]) sugere que a teoria sociolinguística pode ter uma visão particular da natureza da linguagem e pode ser parcialmente empírica. Ela concorda com Labov (1972) de que as descrições da variabilidade

³³ “[...]there are several sectors of communicative competence, of which the grammatical is one”.

³⁴ (1) Where is variation, i.e. idiolect or sociolect, and are idiolectal and sociolectal grammars isomorphic? (2) Is variability a matter of competence or performance, or both?

³⁵ Investigação própria do ser, independentemente de suas determinações particulares. (HOUAISS, 2011, p. 682)

linguística podem estar envolvidas em questões empíricas e podem ajudar a fornecer respostas a algumas das questões teóricas básicas da teoria linguística.

Romaine (2009 [1982], p.285) mostra que os resultados da sua pesquisa sugerem que a variabilidade que é estilisticamente³⁶ estratificada persistindo por longos períodos de tempo sem necessitar de mudança. Assim, Romaine (2009 [1982], p. 244) salienta que:

O comportamento dos indivíduos em um grupo nem sempre é isomorfo com a de todos os seus membros, mas o pressuposto de que é, coloca uma restrição sobre a mudança no sistema, definindo a transição como impossível (Tradução nossa)³⁷.

Por sinal, quanto à transição linguística, Labov (2008, [1972]) a destaca juntamente com os fatores condicionantes um dos problemas inevitavelmente enfrentados durante as etapas da pesquisa sociolinguística. A transição linguística é caracterizada por uma mudança que ocorre gradualmente nos grupos sociais dentro de uma comunidade, refletindo o percurso do desenvolvimento linguístico.

Nessa direção, Weinreich, Labov e Herzog (1968, p.186-7) argumentam sobre a origem e propagação da mudança linguística:

Sugere-se que uma mudança linguística começa quando uma das muitas características da variação da fala se espalha ao longo de um subgrupo específico da comunidade de fala. Essa característica linguística então assume uma certa significação social - simbolizando os valores sociais associados à mudança que está embutida na estrutura linguística, que é gradualmente generalizada para outros elementos do sistema. Tal generalização está longe de ser instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo seja concluído. Novos grupos entram na comunidade de fala e reinterpretem a mudança linguística em andamento de tal forma que uma das mudanças secundárias se torna primária (WEINREICH; LABOV; HERZOG 1968, p. 186-7) (Tradução nossa)³⁸.

³⁶ William Labov (1972) conceitualizou a variação estilística ao longo de um *continuum* monolíngue unidimensional que inclui dois estilos conversacionais (fala espontânea e fala cuidada) e três categorias de leitura: a leitura de um trecho de prosa, uma simples lista de palavras e listas de pares mínimos: no caso, palavras cuja pronúncia difere na variedade de prestígio, mas apresentam uma pronúncia característica no vernáculo (Cf. Bagno, 2017, p.64).

³⁷ The behavior of individuals in a group is not always isomorphic with that of all its members, but the assumption that it is places a constraint on change in the system by defining transition as impossible.

³⁸ It is suggested that a linguistic change begins when one of the many features characteristic of speech variation spreads throughout a specific subgroup of the speech community. This linguistic feature then assumes a certain social significance-symbolizing the social values associated change is embedded in the linguistic structure, it is gradually generalized to other elements of the system. Such generalization is far from instantaneous, and change in the social structure of the community normally intervenes

Com base nesse pensamento, percebemos que as inovações linguísticas são recorrentes, mas a mudança ocorrerá apenas se uma nova forma for adotada pelos falantes do grupo. Não são necessariamente as regras que mudam, mas as restrições internas em relação ao seu uso. Segundo Labov (2008 [1972], p.152) o processo de mudança linguística pode ocorrer na sua origem, quando uma mudança está presente nas inúmeras variações referentes ao uso por diversas pessoas. Outra questão importante é a propagação da mudança, ocorrendo quando adotada por números elevados de falantes, passando a concorrer com a forma mais antiga alcançando uma regularidade pela eliminação das variantes concorrentes.

Portanto, Romaine (2009 [1982], p. 273) considera que a Teoria Sociolinguística depende de uma avaliação criteriosa de seu *status*. A linguista expõe ainda que os argumentos para uma teoria linguística autônoma são equivocados, necessitando de um conjunto de fatos mais abrangentes para defrontar com os problemas encontrados durante as etapas da pesquisa. Romaine, ainda expõe que a teoria sociolinguística não precisa ser empírica para ser viável ou respeitável. Ainda sugere que a metodologia sociolinguística precisa coincidir com a teoria linguística para se qualificar como uma disciplina legítima.

No que tange à nossa pesquisa, lidamos com uma comunidade de fala ágrafa, cuja história está relacionada a um período em que a escola era exceção; no entanto, a variável estada fora da comunidade, apresenta-nos um momento de reflexão sobre os valores adventícios à comunidade, repercutindo na alteração *status quo* de seus falantes. Embora a exposição sobre a Sócio-história possa parecer longa, ela marca em si a necessidade de reinterpretação de dados, o que por si só justifica que variáveis consideradas pouco relevantes pela estatística possam ser analisadas posteriormente por nós.

Na subseção seguinte, abordaremos sobre a Teoria da Transmissão Linguística Irregular (LUCCHESI, 2003; LUCCHESI; BAXTER, 2009) que discorre sobre os aspectos sócio-históricos e linguísticos ocorridos com o contato da Língua Portuguesa com outras variedades de línguas no território brasileiro no período da colonização.

4.3 TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: CONCEITOS E APLICAÇÕES

De acordo com Lucchesi (2003), o conceito de Transmissão Linguística Irregular está relacionado aos “[...] processos históricos de contato massivo³⁹ e prolongado entre línguas,

before the process is completed. New groups enter the speech community and reinterpret the on-going linguistic change in such a way that one of the secondary changes becomes primary.

³⁹ A forma vernácula é maciço, conforme o PVOLP.

nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos” (LUCCHESI, 2003, p. 272). A Transmissão Linguística Irregular configura-se a partir do contato de diferentes povos com novas línguas, em decorrência do processo de colonização europeia ocorrida nos séculos XVI a XIX rumos à África, Ásia, América e Oceania (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p.101).

Segundo Lucchesi e Baxter (2009, p.101), as situações encontradas neste novo contexto de dominação proporcionava a formação de uma língua historicamente nova denominada, um *pidgin* ou um crioulo, originado a partir da língua denominada de superstrato⁴⁰ ou língua-alvo, línguas essas aprendidas por adultos em condições bastante precárias, em função da necessidade de interação no ambiente laboral, especialmente nas lavouras de cana-de-açúcar.

Ainda segundo os mesmos autores (2009, p.101), as variedades dessa nova língua aprendida (nessas condições precárias) de forma defectiva fornecem modelos para a aquisição de uma língua materna para novas gerações que não tiveram contato com a língua nativa de seus antepassados, apenas a essa nova modalidade, denominada língua *pidgin*.

Expliquemos melhor.

De acordo com John Holm (2000, p.5), um *pidgin* é uma língua específica, objetiva que resulta do contato estendido entre grupos de pessoas que não apresentam uma língua nativa em comum. Essa língua evolui quando os falantes precisam se comunicar, especialmente por questões comerciais, mas nenhum grupo aprende a língua nativa de qualquer outro grupo por razões sociais. Geralmente os povos dominados, falantes da língua de substrato⁴¹, são mais flexíveis e usam vocábulos da língua do grupo dominante, a língua de superstrato.

Na situação de contato, os falantes do superstrato adotam muitas mudanças na língua para facilitar a comunicação, sendo influenciada pelo significado, forma e uso de palavras pertencentes à língua do substrato. O grupo dominante coopera com o grupo dominado para criar uma linguagem improvisada para atender às suas necessidades, simplificando e retirando complicações desnecessárias, como inflexões e reduzindo o número de palavras, mas em compensação, ampliando seus significados (HOLM, 2000, p. 5).

Dessa forma, o processo de Transmissão Linguística Irregular pode resultar na formação de uma língua historicamente nova, denominada língua crioula, ou a variação da

⁴⁰ Superstrato é a língua do povo conquistador que não é imposta aos conquistados, mas deixa contribuições no estrato, basicamente no nível lexical (BAGNO, 2017, p.448).

⁴¹ Substrato é a língua do povo conquistado que desaparece, mas influencia o estrato nos níveis fonológico e morfossintático, mas com pouca contribuição lexical (BAGNO, 2017, p.448)

língua de superstrato, apresentando processos de variação e mudança linguística provocados pelo contato entre as línguas (LUCCHESI; BAXTER, 2009, p.101).

Segundo John Holm (2000, p.6), uma língua crioula tem um jargão⁴² ou um pidgin em sua ancestralidade. O crioulo é uma língua nativa, falada por toda uma comunidade de fala, cujos antepassados foram deslocados geograficamente, causando o distanciamento sociocultural da língua original do grupo.

Leonard Bloomfield⁴³ (1933, p.473) explica que um jargão pode ser usado para uso comercial entre pessoas de várias nacionalidades, também chamado de língua franca. Bloomfield (1933) salienta que o jargão ou língua franca não é língua nativa de nenhum grupo dos falantes, mas apenas um compromisso firmado entre eles, levando a cada um reproduzir a imperfeição do outro.

Neste contexto de contato entre línguas, Bloomfield (1933, p.474) acrescenta que em muitos casos, esse jargão ou língua franca desaparece, mas que em alguns casos, no entanto, um grupo pode desistir de sua língua nativa em favor de um jargão, normalmente isso acontece quando o grupo é composto de pessoas de diferentes comunidades de fala, que podem se comunicar entre si apenas por meio do jargão, caso ocorrido entre os escravos negros em muitas partes da América, quando o jargão se tornou a única língua do grupo, ou seja, uma língua crioula.

De acordo com Lucchesi e Baxter (2009, p.101), a comunicação entre uma população de adultos, falantes de línguas diferentes, é forçada a adquirir uma nova língua por conta do convívio em função de relações comerciais ou por conta da escravidão, a variedade dessa língua-alvo que surge nessas condições apresenta um processo de forte simplificação em sua estrutura gramatical. Lucchesi e Baxter (2009) apontam os fatores que contribuem para essa variação:

a) A dificuldade de acesso dos falantes das outras línguas aos modelos da língua-alvo, sobretudo nas situações em que o grupo dominante é numericamente muito inferior aos falantes das outras línguas;

⁴² No campo dos estudos sobre o contato de língua, o termo jargão se refere a um pidgin rudimentar, também chamado de *pré-pidgin*, que apresenta uma estrutura instável e vocabulário reduzido por causa de seu uso esporádico e de seu emprego restrito a poucos âmbitos, como o comércio e o trabalho braçal (BAGNO, 2017, p.213).

⁴³ Embora não seja autoridade incontestada em outros assuntos, optamos por trazer Bloomfield (1933) por homenagem à tradição antropológica nascida nos Estados Unidos no início do século XX e que teve reflexos na formação de muitos pesquisadores, inclusive no Brasil, a exemplo de Mattoso Câmara.

b) O fato dos falantes das outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, o que faz com que esses falantes não possam contar com os dispositivos inatos que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna;

c) A ausência de uma ação normatizadora, ou seja, de uma norma ideal que oriente e restrinja o processo de aquisição da língua-alvo.

Dessa forma, o resultado desse contato linguístico maciço proporciona a coletivização de um conjunto reduzido de itens lexicais, manipulado pelos falantes de acordo com sua competência linguística original, o jargão ou pré-pidgin, dando origem a uma língua pidgin ou uma língua crioula (LUCCHESI; BAXTER, 2009; LUCCHESI, 2015).

Por sua vez, John Holm (2000 p.7) observa que as condições encontradas pelos escravos em tal cenário eram propícias a produção de um *pidgin*. Normalmente, por serem originários de regiões diferentes, os africanos não tinham uma língua nativa em comum, e o acesso à língua do europeu acontecia de forma restrita por causa das condições sociais da escravidão.

A partir da variedade linguística encontrada em tal situação de contato, Lucchesi e Baxter (2009 p. 103) mostram que dois movimentos configuram este processo:

(i) A erosão gramatical da língua alvo pode levar à eliminação de todo o seu aparato gramatical no momento inicial de sua aquisição como segunda língua por falantes adultos;

(ii) A recomposição gramatical dessa(s) variedade(s) defectiva(s) de segunda língua, que ocorre em função do estabelecimento da rede de relações sociais que vai dar ensejo à formação de uma nova comunidade de fala.

Como vimos, diante desses dois movimentos os pesquisadores, chamam a atenção para as variáveis sociais envolvidas no processo de aquisição da segunda língua e para os processos de erosão e reestruturação gramatical que delineia a aquisição da segunda língua, ocorrendo transferências de dispositivos funcionais das línguas nativas do grupo dominado, bem como de processos de reanálise dos mecanismos gramaticais, devido ao acesso restrito aos modelos da língua alvo (LUCCHESI; BAXTER, 2009; LUCCHESI, 2015).

Como se percebe, é possível explicarmos por meio da Transmissão Linguística Irregular como ocorreu o contanto entre os falantes do Português e das diversas línguas faladas no Brasil, no período da Colonização, e que deram origem às variedades de Português Popular, entre elas, o Português Afro-brasileiro.

Para finalizarmos as discussões teóricas preliminarmente optamos tal como fez Lopes (2001) ao utilizar a teoria dos 4-M para explicar o mesmo fenômeno estudado por aquela pesquisadora. É o que faremos na subseção seguinte.

4.4 TEORIA DOS QUATRO TIPOS DE MORFEMAS OU 4-M MODEL

A teoria dos 4-M é um modelo de classificação de morfemas apresentado por Carol Myers-Scotton e Janice L. Jake (2000) que deve ser aplicado à linguagem em geral. Os morfemas⁴⁴ são classificados quanto ao seu *status* em relação à ativação conceitual e de acordo com a participação na construção de constituintes maiores.

Norma da Silva Lopes (2001), em sua tese de doutorado, *Concordância Nominal, Contexto Linguístico e Sociedade*, aplica o modelo 4-M para analisar a estrutura linguística dos enunciados na variação da concordância nominal de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal em Salvador, Bahia. Lopes (2001) considera a teoria de grande interesse para a compreensão do fenômeno da concordância no sintagma nominal no português e no processo de variação na aquisição desses elementos.

Patrícia Ribeiro de Andrade (2003), em sua dissertação de mestrado, *Um fragmento da constituição sócio-histórica do Português do Brasil - variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro*, também recorre à teoria dos 4-M para discutir a variação na concordância nominal de número entre os constituintes do sintagma nominal, em uma comunidade de fala afro-brasileira, Helvécia, no extremo sul do Estado da Bahia.

Baxter e Lopes (2012) no estudo sobre “O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de português a partir de modelos-estímulos (inputs) diferentes”, destacam o Modelo 4-M de Myers-Scotton e Jake (2000) pertinente para a compreensão dos perfis de variação observados em estudos de cinco variedades do português: o português da comunidade afro-brasileira de Helvécia, Bahia; o português dos Tongas de São Tomé; o português de Almoxarife, São Tomé; o português L2 de Maputo, Moçambique e o português popular de Salvador, Bahia.

Baxter e Lopes (2012) consideram que a variação da concordância nominal de número envolve dois tipos de morfemas gramaticais. O morfema de plural marcado seria aquele que é realizado à esquerda adjacente ao nome, que é adquirido conjuntamente a ele, cumprindo intenções do falante (definitude e outras), e o que está no nome em primeira posição; e são

⁴⁴ Morfemas são unidades mínimas carregadas de significação, que formam as palavras, além de ser os elementos que compõem a estrutura lexical e gramatical das palavras (Cf. ROSA, 2018, p.103).

não marcados todos os outros no sintagma, já que a informação de plural já foi dada, e qualquer outro morfema que seja dado, inserido posteriormente, cumpre apenas informação simplesmente gramatical.

Na introdução do artigo *Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switching, and second-language acquisition*, Myers-Scotton e Jake (2000a, p. 1053-1054) argumentam que a classificação dos morfemas está de acordo com um conjunto de distinções abstratas baseadas em princípios que se generalizam através de muitos fenômenos linguísticos. Essas distinções apontam para uma classificação de quatro tipos diferentes de morfemas, baseadas na interação entre informação conceitual e a estrutura gramatical complexa. O modelo 4-M está ligado a um modelo organizado do léxico mental (*lemas*), que oferece evidência indireta de como funciona a produção de linguagem e como competência e desempenho estão ligados. A noção de morfema é uma forma de reconhecer que as palavras têm estrutura interna e que, por se submeterem a processos gramaticais, suas partes podem ocorrer em diferentes combinações e ainda serem reconhecíveis como mapeamentos à estrutura conceitual.

Os tipos apresentados pela Teoria 4-M são os morfemas de conteúdo e os morfemas sistêmicos, que se dividem em: *early system morphemes* e os *late system morphemes*, subdivididos em *bridge system morphemes* e *outsider system morphemes*. Segundo Myers-Scotton e Jake, os morfemas de conteúdo ou morfemas lexicais são:

O resultado superficial de intenções que ativam feixes de características semântico-pragmáticas no nível conceitual. [...] Os verbos são morfemas de conteúdo prototípicos que atribuem papéis temáticos e os substantivos são protótipos de receptores de papéis temáticos. Os adjetivos também são morfemas de conteúdo, porque atribuem papéis temáticos além dos adjetivos predicativos, também em outras construções⁴⁵ (Tradução nossa).

Segundo Myers-Scotton e Jake (2000, p. 3-4), os lemas subjacentes aos morfemas de conteúdo são o elo direto entre as intenções dos falantes e as unidades linguísticas. Esses lemas no léxico mental são diretamente eleitos pelos conjuntos de características semânticas e pragmáticas abstratas que se destacam no nível conceitual.

⁴⁵ The surface result of intentions that activate semantic-pragmatic feature bundles at the conceptual level. [...] Verbs are prototypical content morphemes that assign thematic roles and nouns are prototypical receivers of thematic roles. Adjectives are content morphemes, too, because they assign thematic roles, most obviously as predicate adjectives, but also in other constructions (MYERS-SCOTTON; JAKE 2000a, p. 1058).

Segundo Myers-Scotton (2001, p. 229) os morfemas de conteúdo se diferenciam dos outros tipos de morfemas por serem conceitualmente ativados e atribuir (como os verbos e preposições) ou receber (como os substantivos) papéis temáticos.

Quanto à próxima classificação, Myers-Scotton (2001, p. 227) descreve que “[...] os morfemas do sistema são ativados em dois níveis diferentes, o nível do lema (léxico mental) e o nível do formulador (onde os constituintes maiores são reunidos)⁴⁶”. Para a autora, os morfemas sistêmicos ou morfemas gramaticais são selecionados no nível dos lemas, ou seja, no nível gramatical ou no formulador, em suas relações sistêmicas ou estruturais.

Myers-Scotton e Jake (2000) enfatizam que a distinção de morfemas de conteúdo e morfemas sistêmicos pode-se assemelhar a outra classificação, baseada na teoria da classe aberta e classe fechada. Esclarecemos que As palavras que apresentam significado lexical formam, em geral, classes abertas, classes em que, em princípio, sempre podem ser acrescentadas novas criações; as palavras que apresentam significado gramatical, por seu turno, formam classes fechadas (ROSA, 2018, p. 65).

Segundo as autoras (2000a, p. 1060), “Os itens de classe aberta são membros de categorias que aceitam novas entradas (por exemplo, substantivos e verbos). Já os itens de classe fechada geralmente não aceitam novos membros (por exemplo, pronomes e preposições)⁴⁷”.

De acordo com Rosa (2018) são quatro tipos de palavras que formam as classes abertas: nome, verbo, adjetivo e advérbios. Já as classes fechadas são palavras lexicais em maior número nas línguas, carregam significados e geram vocabulário novo. São exemplos de classes fechadas: pronomes, clíticos, marcadores, determinantes, classificadores, conjunções, interjeições, etc..

Myers-Scotton e Jake (2000a, p. 1062) classificam os morfemas sistêmicos em dois tipos, são eles:

- i. *Early system morphemes* - são referidos como morfemas de sistema primitivo, são definidos mais cedo; estes seriam ativados no nível dos lemas, são elementos da estrutura funcional, são elementos estruturais, sistêmicos e não são predicados nem argumentos;
- ii. *Late system morphemes* são definidos no nível funcional ou sistêmico e são de dois tipos:

⁴⁶ [...] system morphemes are activated at two different levels, the lemma level (mental lexicon) and the Formulator level (where larger constituents are assembled).

⁴⁷ [...] Open-class items are members of categories that accept new entries (e.g. nouns and verbs). Closed-class items generally do not accept new members (e.g. pronouns and prepositions).

- a. *Bridge system morphemes* - ocorre quando a estrutura de sua projeção máxima exige sua realização. São exemplos: as preposições e outros elementos que fazem as relações atendendo exigências gramaticais;
- b. *Outsider system morphemes* - dependem das informações gramaticais externas ao sintagma em que ocorrem. São exemplos os morfemas verbais. Essa informação é disponibilizada quando o formulador envia instruções para o nível de posição / superfície de como as projeções máximas, ou fora do sintagma, são unificadas em uma construção maior. (LOPES, 2001, p. 95-97).

No artigo intitulado *Testing the 4-M model: An introduction*, Myers-Scotton e Jake (2000b, p. 3) demonstram que a teoria atende a três requisitos. Primeiro, conta com diversos dados previamente tratados nos fenômenos da língua de contato. Em segundo lugar, articula os processos, os mecanismos e os princípios subjacentes às distribuições de superfície e por último, mostra como os diversos fenômenos linguísticos estão conectados porque as distinções entre os tipos de morfema se aplicam universalmente. As autoras (2000b) ainda mencionam que o foco da teoria é mostrar como os morfemas são eleitos diferencialmente na produção de linguagem, cuja premissa principal é de que os diferentes tipos de morfemas estão relacionados de diferentes maneiras ao processo de produção.

Ademais, Lopes (2001, p. 98) considera que a morfologia referente à concordância dentro do sintagma nominal, no português, estaria ora entre os *early system morphemes*, ora estaria se comportando como os *late system morphemes*. E ainda ilustra com o exemplo: “Os meninos saíram”, explicando que o morfema de plural “os”, acontece primeiro, sendo considerado um *early system*; o “s” de “meninos” não é gerado no mesmo tempo, sendo considerado um *late system*.

No artigo *Revisiting the 4-M model: Codeswitching and morpheme election at the abstract level*, Myers-Scotton e Jake (2016) realizam uma reavaliação do modelo 4-M e seus tipos de morfemas, adicionando ao modelo a hipótese da eleição variável, que prevê a probabilidade de como os morfemas são eleitos, de acordo com as estruturas do discurso bilíngue.

Nesse sentido, Myers-Scotton e Jake (2016, p. 2) apontam que o foco está na maneira em que os morfemas são eleitos no processo de produção da linguagem e como esta eleição é diferenciada de acordo com os diferentes tipos de morfema. Nesta reavaliação, as autoras mostram como os papéis superficiais dos tipos de morfema podem ser vinculados a um modelo de produção de linguagem e se são eleitos no nível conceitual ou se deve envolver o nível do formulador no qual o morfema é estruturalmente atribuído. Este é um passo além da simples divisão de morfemas como conceitualmente ativados ou estruturalmente atribuídos.

Dependendo da estrutura gramatical de uma determinada língua específica, pode variar a eleição de um determinado tipo de morfema.

Além disso, Myers-Scotton e Jake (2000b, p.5) chamam a atenção para a característica “conceitualmente ativada” que transmite a ideia de que o morfema é semanticamente e pragmaticamente saliente e também indica que toda a informação necessária para a forma do morfema está disponível no nível do lema. Isso implica outro contraste entre os morfemas de conteúdo e os morfemas sistêmicos, eleitos indiretamente com os *late system morphemes*, ou seja, há uma relação entre lemas abstratos subjacentes ao desempenho dos morfemas e de conteúdo.

Por fim, Myers-Scotton e Jake (2016, p. 8) salientam para as inovações introduzidas pelo modelo *4-M*, que, em primeiro lugar, capta a generalização de que nem todos os elementos funcionais são iguais, nem mesmo todos que estão na mesma categoria lexical tradicional e, em segundo, que a divisão dos morfemas são baseados nos tipos de morfemas conceitualmente ativados ou estruturalmente atribuídos.

Em síntese, Lopes (2001, p. 108) salienta para a diferença estabelecida entre os morfemas de plural na configuração sintagmática. Considerando o português uma língua que necessite da marcação de pluralidade em todos os itens do sintagma nominal, podemos compreender que os morfemas de plural não sejam ativados simultaneamente, o que implica na variação do fenômeno da concordância nominal no português brasileiro.

Foi com base nessa teoria que construímos variáveis que foram controladas em nossa pesquisa. Na **Seção 5**, na qual nos dedicamos a descrever a Metodologia por nós empregada, destacando-lhe as etapas de execução.

5 METODOLOGIA

Após discutirmos as bases teóricas que “sustentam” nossa pesquisa, passamos à Metodologia. Nesta seção, apresentamos (a) a pesquisa de campo, (b) a constituição do *corpus*, (c) o perfil dos informantes, (d) as entrevistas, (e) o processo de coleta, (f) armazenamento e levantamento de dados e (g) a escolha das abordagens linguísticas de análise para interpretação das ocorrências de fala selecionadas.

O aparato metodológico da pesquisa objetiva contemplar a dinâmica da variação em seus aspectos linguísticos e extralinguísticos em relação a amostras de fala da comunidade de fala do Português Popular, mais especificamente, Afro-brasileiro de Rio das Rãs, tomando como base a Teoria da Variação e da Mudança Linguística proposta pela Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], LABOV, 2008 [1972]), e a Sócio-histórica (ROMAINE, 2009 [1982]) como proposta para descrição científica do fenômeno da concordância nominal de número em processo de variação e mudança e em uso pelos indivíduos que compõem aquela comunidade de fala estudada.

5.1 A PESQUISA DE CAMPO

Para alcançar os objetivos propostos, utilizamos os métodos da *pesquisa de campo*. Numa pesquisa de campo, é possível estabelecer relações entre o conhecimento acumulado sobre o fenômeno em estudo e as informações que podem ser coletadas diretamente no local pesquisado.

Nessa etapa da pesquisa, foram aplicados os seguintes instrumentos: observação simples, entrevista e conversas informais, com a finalidade de levantar dados sobre como os indivíduos veem os acontecimentos de suas vidas bem como a história da comunidade em que vivem.

5.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

O processo de constituição do *corpus*⁴⁸ da pesquisa levou em consideração as orientações teóricas da Sociolinguística Variacionista quanto à escolha dos informantes,

⁴⁸ A constituição desse *corpus* foi idealizada por Danilo da Silva Santos, doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia, *campus* Bom Jesus da

análise e interpretação dos dados coletados. O *corpus* foi composto a partir de ocorrências de fala de 24 (vinte e quatro) informantes, selecionados de acordo com fatores extralinguísticos preestabelecidos.

5.3 OS INFORMANTES

A comunidade de fala da Comunidade quilombola de Rio das Rãs, no município de Bom Jesus da Lapa-BA, está relacionada à ocupação do sertão baiano e diretamente ligada também à escravidão e ao tráfico negreiro interno, já que a chegada de escravos através das águas do Rio São Francisco, principal via de acesso na época da escravidão (CARVALHO, 1995) fez surgir, posteriormente, comunidades etnicamente marcadas.

Para a seleção dos informantes foi possível contar com a ajuda dos professores da Escola Municipal Elgino de Souza Nunes, localizada na referida comunidade, pelo fato de esses profissionais conhecerem as famílias da comunidade e por poderem sugerir informantes de acordo com o perfil apresentado pelos pesquisadores.

Os informantes selecionados nasceram na comunidade, assim como seus pais e antepassados. Alguns deles, especialmente os mais velhos, saíram da comunidade apenas por pouco período de tempo, na maioria dos casos em busca de tratamento de saúde. A comunidade de Rio das Rãs era considerada isolada, sua rede de relações externas era precária e limitada em função dos escassos meios de transporte e dos deficientes meios de comunicação – quase inexistentes –, situação ilustrada em uma das entrevistas coletadas:

Usava barco ou então cavalo. Era a única condução que a gente tinha. Ou barco ou cavalo porque outra condução, ou canoa de remo. Meu esposo foi muito, a remo, de barco pra Lapa. Ia e vinha. Pra gente comprar uma coisa era a maior *dificuldade*, pra fazer uma feirinha pra trazer pra casa. *Nan* tinha onde. (L.F.S.S. 70 anos, Rio das Rãs)

Devido às transformações na região do município de Bom Jesus da Lapa, a partir da década de 1990, como a construção da Ponte Gercino Coelho sobre o Rio São Francisco, pavimentação da BA-160, rodovia que perpassa os municípios que estão à margem do Rio

Lapa e membro do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Os objetivos da formação do *corpus* de Rio das Rãs, em primeiro lugar, foi conhecer a comunidade pelo ponto de vista sociolinguístico e em segundo, possibilitar as pesquisas no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin/UESB de Juscimaura Lima Cangirana, que investiga o fenômeno da concordância verbal na terceira pessoa do plural e de Lécio Barbosa de Assis que analisa o uso variável da concordância nominal de número no interior do sintagma nominal.

São Francisco, houve o favorecimento do acesso à Comunidade de Rio das Rãs pelo trecho Lapa-Malhada bem como o programa de eletrificação rural veio a contribuir para uma melhoria no acesso aos meios de comunicação.

Os perfis dos informantes selecionados para compor o *corpus* basearam-se em características extralinguísticas ou sociais como: sexo, faixa etária, escolaridade e estada fora da comunidade, conforme **quadro 3**:

Quadro 3 – Informantes segundo o perfil social

Informante	Sexo	Idade	Escolarização	Estada fora da comunidade	Profissão
I.A.N.	Masculino	32	analfabeto	3 meses	lavrador
M.M.S.F.	Masculino	29	2 anos	1 mês	lavrador
G.F.S.	Masculino	29	4 anos	18 meses	lavrador
M.R.B.	Masculino	39	5 anos	10 anos	lavrador
M.A.X.	Feminino	30	2 anos	1 ano	lavradora
I.C.S.S.	Feminino	28	analfabeta	viagens rápidas	lavradora
A.F.S.	Feminino	37	3 anos	10 anos	lavradora
I.R.S.	Feminino	26	4 anos	viagens rápidas	lavradora
T.F.S.	Masculino	49	2 anos	6 meses	lavrador
J.B.S.	Masculino	54	analfabeto	2 anos	lavrador
P.S.N.	Masculino	53	5 anos	18 meses	lavrador
E.J.S.	Masculino	43	3 anos	5 anos	lavrador
D.A.O.	Feminino	51	2 anos	8 meses	lavradora
A.N.S.B.	Feminino	45	2 anos	viagens rápidas	lavradora
J.A.S.	Feminino	45	3 anos	6 meses	lavradora
I.R.S.	Feminino	53	5 anos	1 ano	lavradora
A.D.S.	Masculino	66	2 anos	2 meses	lavrador
A.P.S.	Masculino	86	analfabeto	5 anos	lavrador
E.B.S.	Masculino	65	4 anos	viagens rápidas	lavrador
J.F.C.	Masculino	65	3 anos	12 anos	lavrador
A.L.S.	Feminino	65	2 anos	8 meses	lavradora
V.A.S.	Feminino	70	analfabeta	6 meses	lavradora
F.F.S.	Feminino	65	3 anos	viagens rápidas	lavradora
L.F.S.S.	Feminino	70	3 anos	viagens rápidas	lavradora

Fonte: Elaboração própria.

5.4 AS ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas no ano de 2017, pelos alunos do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLin/UESB, Juscimaura Lima Cangirana e Lécio Barbosa de Assis, também responsáveis pela transcrição do material. Os inquéritos de fala foram registrados em gravações, com duração de aproximadamente 50 minutos, utilizando um gravador de voz modelo Sony PX-240.

As entrevistas foram realizadas, com a participação de um documentador e um informante, seguindo as orientações de Oliveira e Silva (2003, p. 125) “[...] são mais habituais entrevistas do pesquisador com o falante” devido “[...] a facilidade de gravação e transcrição” e, de mesma sorte, procuramos amenizar as interferências causadas na fala dos informantes devido à presença do documentador e do gravador de voz, problema metodológico que Labov (2008 [1972], p. 245) denomina de *paradoxo do observador*. Evitamos, o quanto foi possível, a presença de outras pessoas na cena de investigação, para afastar interferências de interlocutores externos aos diálogos e/ou alguma espécie de barulho, embora os ruídos externos tivessem sido inevitáveis, não trouxeram prejuízos para o trabalho de campo.

Segundo a autora supracitada, a entrevista não deve ser um questionário, senão uma conversa, a mais informal possível, apesar das circunstâncias adversas, como a presença do gravador, por exemplo, visto que o que se quer é a fala espontânea, o *vernáculo*, em termos labovianos.

Depois da seleção dos informantes, houve contatos informais dos documentadores para “comprovar” o perfil de cada um e estreitar laços de convivência com as pessoas da comunidade. Para nortear as entrevistas foi utilizado um roteiro de perguntas-tópico sobre as histórias da comunidade e o modo de vida das pessoas do Rio das Rãs. As entrevistas foram realizadas nas residências dos informantes (participantes), em clima de descontração e confiança.

5.5 PROCESSAMENTO DOS DADOS

Os dados obtidos por meio das entrevistas constituíram a primeira fase da pesquisa, que, em seguida, foi sucedida pela audição e transcrição dos áudios com o auxílio do programa *Transcriber 2.0*. Segundo Paiva (2010, p. 135), a etapa seguinte aos dados gravados consiste em transcrevê-los. O objetivo da transcrição é transpor o discurso falado para registros gráficos de forma mais fiel possível. A transcrição das entrevistas foi realizada com base nas informações da chave de transcrição⁴⁹, elaborada pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi, Coordenador do Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia.

Posteriormente, foram destacadas as ocorrências de fala em que encontramos dados do fenômeno estudado, para analisar a variação quanto à aplicação da regra de concordância

⁴⁹ A chave de transcrição do Projeto Vertentes pode ser acessado através do seguinte link: http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf.

nominal. Para analisar a variável dependente⁵⁰, esse estudo baseou-se em duas variantes: presença de marca de plural e ausência de marca de plural no interior do sintagma nominal, de acordo com as abordagens mórfica e sintagmática (SCHERRE, 1988), utilizando as chaves de codificação do Projeto Vertentes (UFBA) tal qual fizeram Guimarães (2014) e Meira (2015).

5.6 LEVANTAMENTO DE DADOS

De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013, p. 293), “[...] quando os dados já foram codificados, transferidos para uma matriz e seus erros foram ‘limpos’, o pesquisador pode começar a analisá-los”. Após cumprir essas etapas sugeridas por aqueles autores (2013), foi utilizado o programa computacional de análise estatística *Goldvarb-X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) com o objetivo de analisar quantitativamente os dados obtidos.

Ao executar o programa obtivemos exatamente 3.519 ocorrências de fala do Português Afro-brasileiro de Rio das Rãs, constituindo o *envelope de variação* da pesquisa (TARALLO, 2007 [1985], p.33), para a verificação da aplicação da regra de concordância nominal de número no sintagma nominal. O envelope da variação consiste na descrição detalhada dos grupos de fatores que vão condicionar o uso da variante.

De acordo com Scherre e Naro (2003, p. 148) “[...] os grupos de fatores são uma forma de operacionalizar hipóteses a respeito de funcionamento dos fenômenos linguísticos variáveis, que podem ou não estar ligadas a modelos linguísticos claramente estabelecidos”. Sendo o objetivo desta pesquisa a análise das características do fenômeno da variação linguística quanto à aplicação da regra de concordância nominal na comunidade de fala, variável dependente, foi estabelecido a relação entre os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, através da análise de duas abordagens: *atomística* e *não atomística*.

Na próxima subseção, apresentamos com mais detalhe as variáveis estabelecidas para esta pesquisa.

⁵⁰ De acordo com Mollica (2010, p.11), a concepção de variável dependente baseia-se no fato de que “[...] o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por um grupo de fatores de natureza social ou estrutural”.

5.7 APRESENTAÇÃO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Já tivemos oportunidade de apresentar o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista como base de desenvolvimento desta pesquisa. Igualmente, foram elencadas as etapas de realização deste estudo, desde a seleção, coleta, transcrição e codificação dos dados extraídos das ocorrências de fala dos informantes da comunidade pesquisada. Nesta subseção, apresentamos as variáveis linguísticas, estudadas em duas abordagens: *atomística* e *não atomística*, além das variáveis extralinguísticas ou sociais, estabelecidas para a investigação da variação da aplicação da regra de concordância nominal de número na comunidade de fala ora estudada.

De antemão, nosso estudo procura demonstrar por meio de dados estatísticos que fatores linguísticos e extralinguísticos podem indicar que a aplicação da regra de concordância nominal no interior do sintagma nominal está condicionada por pressões internas e externas ao sistema linguístico, tendo como *corpus* diálogos documentador-informante oriundos de uma comunidade rural etnicamente marcada, a Comunidade de Rio das Rãs.

Conforme Tarallo (2007[1985]), os estudos variacionistas ditos quantitativos centram-se na possibilidade de, por meio do controle estatístico, serem observadas no mínimo o embate de duas formas em variação, em outros termos uma luta, no mínimo, entre duas formas variáveis. *In casu*, está em jogo no *envelope de variação* a presença de marca explícita de concordância materializada pelo segmento fônico /s/⁵¹ e, em contrapartida, é a ausência desse segmento, ou seja, a forma “zero” que indica a outra possibilidade de uso.

Tarallo (2007[1985]) afirma ser o plural marcado de forma redundante na Língua Portuguesa, ao longo de todos os itens flexionáveis do sintagma nominal, inclusive nos casos de metafonía. No caso do Português Popular (que inclui a variedade atualmente chamada de Afro-brasileiro⁵²), no vernáculo da Comunidade de Rio das Rãs, observamos as seguintes possibilidades de marcação:

(1) oS nossoS velhoS (EBS, 65 anos – Rio das Rãs)

⁵¹ Poderia ser representado ainda pelo arquifonema /S/.

⁵² AAVE já aparece na literatura especializada desde os anos 90 do século XX. Para maior aprofundamento, sugerimos o esclarecedor capítulo escrito por Geoffrey K. Pullum para o livro *The workings of the language* editado por Rebeca Weller em 1999. O texto de Pullum é de 1997. Em português, o termo português afro-brasileiro será apenas utilizado de forma cabal em 2009, após a publicação de Português Afro-brasileiro por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).

(2) todaS minhaS coisinhaØ (FFS , 65 anos – Rio das Rãs)

(3) oS próprioØ alunoØ (LFSS, 70 anos – Rio das Rãs)

A realização da marca de plural /s/ nos exemplos (1), (2) e (3) acontece segundo a norma padrão apenas em (1), já que em (2) e (3) é “retido” (apagado) o <s> no determinante e no núcleo e no determinante adjacente ao núcleo, respectivamente. Interpretando Labov (1972), Tarallo vai afirmar que “[...] a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade” (TARALLO, 2007[1985], p. 12). Devemos esclarecer que os termos “inovador” e “conservador” são tomados com base em um *landmark* – um ponto de referência. Em nosso caso e muitos linguistas antes de nós tem-no feito, trata-se como “inovador” tudo aquilo que destoa de uma visão eurocêntrica de língua, muitas vezes calcada tanto na tradição gramatical quanto na filológica.

Se considerarmos a sócio-história das comunidades afrodescentes do interior da Bahia, somos forçados a defender que o inovador seria justamente aquilo que chegaria com as “inovações” advindas com os contatos com outros grupos, especialmente o aparato do Estado e da formação cultural letrada proveniente das “melhorias” de expectativas de vida. Ademais, as variantes inovadoras, certamente, têm um impacto sobre o comportamento linguístico dos falantes e estão relacionadas diretamente a fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ser observados e analisados quanto ao índice de aplicação da regra de concordância nominal de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal, entre os falantes da comunidade. Como elemento balizador de nossa argumentação, usamos a marcação (presença) da marca de plural na relação núcleo e determinantes como objeto de investigação.

Partindo de duas perspectivas de análise do fenômeno da concordância nominal, vamos nos filiar à proposta de Scherre (1988, p. 61) e, nesse sentido, buscamos explicar nossos dados a partir das seguintes abordagens:

- *abordagem atomística* a fim de investigarmos cada constituinte (elemento) do SN *per si*;
- *abordagem não atomística* a fim de investigarmos o SN *in toto*.

O detalhamento de cada uma delas será feita nas subseções que seguem.

5.7.1 Abordagem Atomística

Para Scherre (1988), a *abordagem atomística* ou *mórfica* considera cada item flexionável do SN como um dado de análise com base na variável dependente que considera **o plural marcado** ou **o plural não marcado**. As variáveis estruturais condicionadas nesta perspectiva, para este estudo, foram:

- a) Posição linear do constituinte;
- b) Posição do constituinte com referência ao núcleo;
- c) Classe gramatical;
- d) Saliência fônica;
- e) Marcas precedentes;
- f) Tonicidade.

Apresentamos a seguir mais detalhadamente a configuração no SN destas variáveis apontadas anteriormente.

5.7.1.1 Posição linear do constituinte

A variável **posição linear do constituinte** refere-se ao local que o elemento analisado ocupa no SN no sentido estritamente linear (SCHERRE, 1988). De acordo com as descrições das pesquisas realizadas com relação a essa variável, Scherre (1988) verifica que todos os estudos chegam a uma conclusão uniforme de que a primeira posição do SN é mais marcada em relação às demais posições. Nessa mesma estrada, Lopes (2001, p.133) observa em sua pesquisa que é de se esperar que os elementos em primeira posição, contendo a informação semanticamente relevante do plural, dispense a marcação nas demais posições.

Nesta pesquisa, a variável posição linear foi controlada observando os seguintes fatores:

- Primeira posição:
 - (4) Os meninos vão de moto. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)
- Segunda posição:
 - (5) Os **outros** amigos *saiu*. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)
- Terceira posição:
 - (6) Meus nenês **pequenos**... (MAX, 30 anos, Rio das Rãs)

- Quarta posição em diante:

(7) Os moradores mais **velhos...** (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

Entendemos que a análise da posição linear do constituinte oferece-nos a compreensão do processo da variação linguística e de sua influência, sobretudo, em outras variáveis linguísticas que serão expostas. Como hipótese norteadora para o controle dessa variável, conjecturamos que **a primeira posição seja aquela que há de condicionar o maior índice de concordância nominal, pois**, tal qual afirmou Lopes (2001), **existe uma relação entre a posição e a relevância na marcação do plural**. Seria, portanto, para o falante, a primeira posição a mais relevante o que dispensaria a marcação nas demais.

5.7.1.2 *Posição do constituinte em relação ao núcleo*

A motivação para controlarmos a **posição do constituinte em relação ao núcleo** que empregamos advém da orientação de Lopes (2001, p.135), para quem “[...] a variável posição em relação ao núcleo estuda o efeito da posição dos elementos não nucleares em relação ao elemento nuclear do sintagma”. Neste estudo, levamos em consideração a posição do determinante, imediatamente ou não adjacente ao núcleo, conforme exemplificado a seguir:

- Determinante em primeira posição imediatamente à esquerda do núcleo

(8) **Meus** pais trabalhavam na roça. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

- Determinante em primeira posição não adjacente do núcleo

(9) **Meus** sete anos... (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

- Determinante em segunda posição imediatamente à esquerda do núcleo

(10) Assim também devido aos **meus** problemas, né? (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- Determinante em segunda posição não adjacente ao núcleo

(11) Agora as **ôtras** duas filhas *gosta* de ir pra escola. (ICSS, 28 anos, Rio das Rãs)

- Determinante em terceira posição em diante à esquerda do núcleo

- (12) Todas as **minhas** irmãs que tinha dentro de casa.
(LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

Observemos que no controle desse grupo de fatores ou variável está em cheque não só a posição do determinante (primeira, segunda, terceira e terceira em diante), mas também a **adjacência** e **não-adjacência**, considerando que a distância entre o determinante e o núcleo pode, de mesma sorte, ser um elemento condicionador da aplicação da regra. Além disso, Lopes (2001) destaca que a posição à esquerda afigura-se um fator que deva ser investigado ao lado da adjacência e à ordem posicional.

Postulamos com o controle dessa variável que a posição à esquerda e a adjacência sejam fortes condicionantes na aplicação da regra.

5.7.1.3 Posição do núcleo no SN

Além desses fatores, consideramos também posição do núcleo no interior do SN. Vejamos os fatores controlados ainda nessa variável:

- Núcleo em primeira posição

- (13) [...] é uma bença, porque **dias** ruins nós já teve. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

[...] eu tô falando **coisas** boa pra você. (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

- Núcleo em segunda posição

- (14) Aí vai umas **pessoa** cozinhar. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- Núcleo em terceira posição em diante

- (15) Nem os próprios **moradores** da comunidade a gente aceita caçar. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

Conjecturamos ao controlar esses fatores que a posição do núcleo influencia a aplicação da regra, sendo que o núcleo na primeira posição há de favorecer a concordância.

5.7.1.4 Posição imediatamente adjacente ou não adjacente à direita

Além disso, julgamos que a posição **imediatamente à direita** do núcleo ou **não adjacente** ao núcleo tenha influência na concordância nominal de número, como mostram os exemplos a seguir:

- Constituinte imediatamente à direita do núcleo

(16) ...com as pessoa **rico** procurando eu. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- Constituinte à direita do núcleo não adjacente a ele

(17) Só mesmo os filho mais **velho** que conhece. (LFSS, 70 anos, rio das Rãs)

Nesse sentido, entendemos que a posição do constituinte assume uma forte influência de acordo com a posição anteposta ou posposta ao núcleo do SN.

Em síntese, ao controlarmos os fatores (5.7.1.2. 5.7.1.3 e 5.7.1.4) *supra* elencados, entendemos que a posição (direita vs esquerda, primeira vs segunda vs terceira vs quarta) bem como a adjacência ao núcleo e a posição do núcleo podem favorecer à aplicação da regra. Conjecturamos, por fim, que as primeiras posições à esquerda favoreçam à presença da marca de plural e venham a favorecer à concordância.

5.7.1.5 Classe gramatical

Ao controlarmos o grupo de fatores ou variável **classe gramatical**, ancoramo-nos em conclusões de Scherre (1981; 1988) a qual considera que exista um paralelo entre classe gramatical e posição linear, aduzindo que os pronomes e artigos ao desempenharem a função de determinantes e por se encontrarem à esquerda do núcleo, geralmente em primeira posição, recebem, em consequência disso, mais marcas de plural.

Em nosso trabalho, a classe gramatical do constituinte foi categorizada de acordo com os seguintes fatores:

- Artigo definido:

(18) **Os** meninos vão de moto. (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

- Artigo indefinido:

(19) Eu fui e peguei **umas** ovelhas. (ALS, 65 anos, Rio das Rãs)
- Pronome demonstrativo:

(20) ... pra tirar **aquelas** coisas de dentro, né? (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)
- Pronome possessivo:

(21) Eu brinquei muito com **minhas** amigas. (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)
- Pronome indefinido:

(22) Fiquei **muitos** dias com aquilo na cabeça. (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)
- Quantificador “todos”:

(23) Eu já nesses anos **todos** eu estudei assim, ... (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)
- Substantivo:

(24) Eu tô falando **coisas** boa pra você. (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)
- Adjetivo:

(25) ... Aí foi as carretas **pesadas** ... (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)
- Numeral:

(26) O máximo que nós *moremos* lá foi **cinco** a **seis** anos. (ALS, 65 anos, Rio das Rãs)
- Locução adverbial de tempo:

(27) **Às vezes** pensava assim. (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

A hipótese norteadora para o controle dessa variável está no fato de que alguns determinantes, por seu caráter, como os quantificadores e os numerais, “ostentam” a ideia de plural, o que leva o falante a fazer menos concordância, num processo de “economia⁵³”, sem dúvida um processo tão presente na língua quanto a analogia. Assim, postulamos uma hierarquia condicionada pela posição (como no caso dos artigos), pela ideia de plural (como

⁵³ Não devemos confundir “economia” com “menor esforço”, mas como uma forma de otimização dos recursos da língua.

no caso dos quantificadores e numerais) e pela força cognitiva (como no caso dos substantivos). A ordem de apresentação dos fatores espelha a hierarquia por nós proposta.

Caso à parte devem ser consideradas as locuções adverbiais, haja visto que são formas cristalizadas e que, como tais, deveriam ser repetidas sem alteração; no entanto, não é essa a realidade observada no Português Popular. Nesse sentido, justificamos seu controle como um dos fatores desse grupo.

5.7.1.6 *Saliência fônica*

Analisando o **princípio da saliência fônica**, Scherre (1988, p.64) estabelece que “[...] as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes”. Em outras palavras, quanto maior for a diferença entre a forma do singular e a do plural tanto maior será a probabilidade de, notando a diferença, o falante empregar a forma plural. As formas mais salientes referem-se à formação do plural dos itens irregulares, como os substantivos terminados em -l (animal/animais), itens em -ões (ex. leão/leões), itens em -ães (pão/pães), itens em -m/-em/-ã/-um/ão (tom/tons; armazém/armazéns; irmã/irmãs; algum/alguns; irmão/ irmãos), itens em -r (professor/professores), itens em -s e -z (mês/ meses; vez/vezes) e plural duplo ou metafônico (povo/povos). Quanto aos itens menos salientes, os substantivos de plural regular (casa/casas) evidenciam que a menor diferença do material fônico na relação singular/plural, enfraquece a aplicação da regra de concordância, já que há pouca percepção da diferença singular/plural.

Em seu texto de 1988, Scherre (1988, p.65) discorre a respeito dos estudos realizados sobre a influência da saliência fônica na aplicação da regra formal da concordância nominal de número, analisando os resultados obtidos por Braga e Scherre (1976), Braga (1977), Scherre (1978), Ponte (1979) e Carvalho Nina (1980), que também concluíram que as formas mais salientes favorecem mais marcas de plural do que as formas menos salientes.

Assim, o **princípio da saliência fônica**, conforme nos lembram Scherre e Naro (1998, p. 7) que de forma geral, “[...] todos os itens mais salientes favorecem mais a presença de marcas explícitas nos elementos nominais dos SNs. Os menos salientes, os regulares, favorecem menos a presença de marcas explícitas”. A variável saliência fônica teve seus fatores codificados, em nosso trabalho, da seguinte forma:

- Itens regulares

- (28) As **pessoas** têm sua liberdade, de procurar quem quer. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)
- Itens em -ões
- (29) Ela não casava por causa das minhas **condições**. (JAS, 45 anos, Rio das Rãs)
- Itens em -r
- (30) As **mulheres** *sai*, mas é pouco, entendeu? (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)
- Itens em -l
- (31) Muitos **animais** aqui *morreu* de sede. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)
- Itens em -m/ -em/-ã/-um/-ão
- (32) Os **irmãos** que *estudava* aqui. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)
- Itens em -s e -z
- (33) Ela pediu dois **meses**. (PSN, 53 anos, Rio das Rãs)
- (34) Então, hoje eles não sabe, as **vezes**, muita coisa. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)
- Plural duplo ou metafônico
- (35) Meus **avós** por parte de pai, ... (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

Lopes (2001) considera este princípio como importante para o estudo da variação e da mudança que envolve a concordância, bem como de outros aspectos linguísticos, que se fazem do estudo desses fenômenos. Tal qual Lopes (2001), defendemos uma hierarquia que se espelha na forma de apresentação daqueles fatores.

5.7.1.7 Marcas precedentes

Com base no controle da variável **marcas precedentes**, Scherre (1988) afirma que o tipo e o número de marcas precedentes influenciam a presença ou ausência de marcas seguintes e que tal efeito é “absolutamente regular” para qualquer classe gramatical – as

marcas formais levam às marcas e a forma zero leva ao aparecimento de zero ao elemento nominal seguinte.

Enxergamos seis situações que passamos a exemplificar:

- Ausência do elemento anterior

(36) ... eu tô falando **coisas** boa pra você... (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

- Ausência de marca no constituinte imediatamente precedente

(37) ...aí já vou contar coisa dos **meu** avô. (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

- Presença de marca formal no constituinte imediatamente precedente

(38) ... pega **os** ingredientes. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- Presença de marca semântica no constituinte imediatamente precedente

(39) Aconteceu com a gente aqui no passado, há **cinquenta** anos atrás, é muita coisa. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

- Quantificadores com marca de plural

(40) Ele trabalhou não sei **quantos** anos de segurança,... (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

- Quantificadores sem marca de plural

(41) Fui no casamento **todo** os dois filho,... (ALS, 65 anos, Rio das Rãs)

Dentro da mesma linha de raciocínio de Scherre (1988), Lopes (2001) verifica que a relação entre a presença ou ausência de marca de plural em cada elemento do sintagma e a presença ou ausência de marca em elementos anteriores a ele, inibe ou favorece a ocorrência de outros elementos marcados. Acreditamos na eficiência de tal princípio, mas negamos-lhe a pretendida “absoluta” regularidade.

5.7.1.8 Tonicidade

De acordo com Scherre (1988), a análise da variável **tonicidade** influencia a concordância de número entre os elementos do SN, revelando que os oxítonos singulares e os monossílabos tônicos – por terem acento na sílaba que vai receber o morfema de plural – favoreçam mais a aplicação da regra do que os paroxítonos e proparoxítonos, cuja sílaba final

não é acentuada. Mesmo sabendo que proparoxítonas são raras no Português Popular decidimos controlar a variável partindo da ideia de que haveria uma proximidade entre o acento (“alma da palavra”) e a flexão de número. Em Português, a conservação do acento é um dos fatores de observação da metaplasma, visto que ele (o acento) é conservado a despeito de outras modificações⁵⁴.

Neste trabalho para o estudo da variável tonicidade, consideramos a seguinte divisão:

- Palavra proparoxítona

(42) Preparar pros **obstáculos** que vim. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)
- Palavra paroxítona

(43) Muitas **idades** de Minas Gerais aí pra riba. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)
- Palavra oxítona

(44) Os **irmãos** que estudava aqui. (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)
- Monossílabo tônico

(45) ... Porque *nêgo* acha tudo nas **mãos**. (VAS, 70 anos, Rio das Rãs)

Relacionando a importância desse fator para compreender a variação linguística do fenômeno estudado, constatamos também a sua relação com outras variáveis linguísticas para a contribuição da aplicação da regra.

Essas variáveis apresentadas nos dão a dimensão que a análise atomística fornece para a compreensão do uso e variação da concordância nominal de número.

A seguir, serão elencadas as variáveis explanatórias estudadas sob a **perspectiva não atomística**.

5.8 ABORDAGEM NÃO ATOMÍSTICA

A **abordagem não atomística** ou sintagmática considera como unidade de análise todo o sintagma nominal e a aplicação da regra é reconhecida como a presença de marca de

⁵⁴ Curiosamente, alguns “princípios” recordam com certas atenuações as já superadas leis glóticas tão em voga no século XIX.

plural em todos os itens flexionáveis do SN e como não aplicação da regra a ausência de marca de plural em pelo menos um item flexionável do SN (SCHERRE, 1988).

As variáveis linguísticas utilizadas neste estudo são: configuração sintagmática do SN, realização do núcleo, função sintática, posição do SN em relação ao verbo, número de constituintes do SN, número de constituintes flexionáveis do SN e saliência fônica.

A seguir serão apresentadas as características de cada um destes fatores estudados:

5.8.1 Configuração sintagmática

A variável **configuração sintagmática do SN** busca verificar se um determinado tipo de constituição favorece mais a presença de marcas de plural no SN do que outro e, como corolário disso, a concordância entre os elementos. A hipótese adotada para tal variável é a mesma comprovada por Scherre (1988, p. 305): “[...] a configuração sintagmática como um todo poderia estar influenciando o índice de marcas de plural no SN [...]”, destacando a “[...] forte influência da configuração sintagmática sobre a incidência de SN com todas as marcas de plural” (SCHERRE, 1988, p. 367). A configuração sintagmática foi analisada obedecendo a seguinte estrutura, de acordo com a chave de codificação:

- SN = Det + N

(46) **As pessoas** não têm como lavar roupa em casa. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

- SN = Det + N + SP

(47) Tá *trabalhando pra* conseguir **as coisas da gente**. (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

- SN = Num + N

(48) ... era **duas pessoas**. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- SN = Num + N + SP

(49) Tem que trabalhar, levantar **cinco horas da manhã**. (IRS, 26 anos, Rio das Rãs)

- SN = ... Q...N...

(50) Tirava o leitinho **todos os dias**. (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)

- SN = ...N...Q

- (51) Nesses **anos todos** eu estudei assim. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)
- SN = ...N...Adj...
- (52) ... só **os dias ruins**, né? (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)
- SN = ...Adj...N...
- (53) Foi entrando **novos governos**, entendeu? (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)
- SN = ...Indef...N...
- (54) Ainda tem na casa de **algumas pessoas**, ... (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)
- SN = ...Poss...N...
- (55) Graças a Deus, criei **meus filhos**. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)
- SN = ...N...Poss...
- (56) ... Queria tomar **as terra nossa** aqui, entendeu? (MRB, 39 anos, Rio das Rãs)

Tal variável certamente pode ser melhor explicada no cruzamento com outras, já que a configuração do SN pode evidenciar entraves para a aplicação da regra de concordância. Por outro lado, a necessidade de controlar essa variável justifica pela construção de um quadro de padrões de realização do SN e de sua decorrente concordância.

5.8.2 Realização do núcleo

O controle da variável **realização do núcleo** resulta da relação entre a presença vs a ausência do núcleo do SN na configuração sintagmática. Esses dois fatores linguísticos possuem relações de concorrências para influenciar o aparecimento da variante padrão, implicando em um favorecimento ou não da aplicação da regra. Partindo deste contexto, buscamos analisar como se caracterizam os dois fatores:

- Com núcleo
 - (57) Daqui a poucos **dias** já não vai ter água para criação. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

- Sem núcleo

(58) Então os outros Ø fica de braço cruzado. (JBS, 54 anos, Rio das Rãs)

A hipótese norteadora do controle dessa variável reside na crença de que a presença do núcleo deva favorecer a presença de marcas, já que se apresenta como uma estrutura preenchida no SN.

5.8.3 Função sintática

Scherre (1988) analisa variável **função sintática** com o objetivo de verificar se as funções sintáticas tradicionais exercem alguma influência sobre o número de marcas formais de plural no SN e, portanto, da concordância. Ainda segundo Scherre (1988), os SN que exercem funções essenciais e integrantes apresentam mais marcas de plural do que os demais, ficando em ordem decrescente os SN que não exercem nenhuma função sintática e que parecem ter menos relevância na comunicação. Em consonância com a autora, assumimos também no âmbito de nosso estudo essa hipótese.

A partir das funções sintáticas apresentadas, observamos a influência da variável sobre a marcação de pluralidade no SN:

- sujeito anteposto ao verbo

(59) **Meus fí** comia e eu não comia. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

- sujeito posposto ao verbo

(60) E depois vêi **ôtros professor** (IRS, 53 anos, Rio das Rãs)

(61) E... foi **quatro home**. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

(62) aumentou **as família** aqui dentro do quilombo. (JFC, 65 anos, Rio das Rãs)

- objeto direto

(63) Ela pegava **umas casca** de pau. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

(64) **As criações** a gente tirava, (GFS, 29 anos, Rio das Rãs)

- predicativo

(65) Eu mesmo sou **um dos animador** dos *veloro* do quilombo do Rio das Rãs. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- objeto indireto / oblíquo / complemento locativo

(66) a gente faz a runião, convida **as pessoa** pra casa comunitária,... (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

- adjunto / complemento nominal / aposto

(67) As coisas da gente, **cabra, ovelha, gado** ai a gente não pode criar, ... (ALS, 65 anos, Rio das Rãs)

- adjunto adverbial

(67) É longe daqui? **Seis quilômetro**. As minhas perna não guenta ir lá de pé, guento não. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

- constituinte solto / cópia / repetição

(68) Outros com um ano e pouco. Morreu dez. Mais ficou doze. **Doze filho** pra mim. Graças a Deus! (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

Desse modo, o controle das funções sintáticas é motivado pelo fato de, na literatura pesquisada, esse grupo de fatores ter sido usado para apresentar um padrão de variação apontando inclusive para tendências de mudanças. Por outro lado, não podemos deixar de notar que esse grupo de fatores concorre em análise com outros dentro do envelope de variação proposto.

5.8.4 Posição do SN em relação ao verbo

A variável **posição do SN em relação ao verbo** pode indicar a influência que a proximidade do verbo ou sua alocação à direita ou à esquerda exerce no sentido de favorecer ou não a aplicação da regra de concordância, visto que alguns tipos de configuração, devido à posição de maior destaque no contexto, apresentam-se de modo mais recorrente que outros, proporcionando, de modo geral, a aplicação da regra. As posições do SN consideradas para análise foram:

- à esquerda do verbo

- (69) **Os comício** assim era embaixo do pé de juá. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)
- imediatamente à esquerda do verbo
- (70) **As pessoas** faz chá, a noite todinha. (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)
- à direita do verbo
- (71) ... tratar mais **as pessoa** bem. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)
- imediatamente à direita do verbo
- (72) Nós rancava **as folha** do juazeiro, embolava na mão, *ensergava* assim na mão e passava nos dente, que era a pasta de primeiro... (MMSF, 29, Rio das Rãs)
- posição indistinta
- (73) **Duas horas**. Quando a gente saia daqui duas hora, pra uma pessoa, eh, dentro de uma lancha pra poder chegar na Lapa, pra chegar na Lapa ia chegar no, dez hora da noite, dez hora da noite... (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

Neste sentido, conforme a proposta de Scherre (1988), baseamos o controle dessa variável, considerando a hipótese de que o SN posicionado à esquerda favoreça a presença do morfema de plural em todos os constituintes flexionáveis do SN.

5.8.5 Número de constituintes do SN

Ao controlarmos a variável **número de constituintes do SN** ensejamos verificar se o número de elementos formadores do constituinte pode influenciar a aplicação da regra, entendendo que quanto mais constituintes há, haverá, em consequência, mais dados a serem processados, dificultando a flexão de todos.

O controle dessa variável configura-se da seguinte maneira:

- dois
- (74) E **aqueles véi** de primeiro era carrasco. (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

- três

(75) Ele ficou lá **uns três dias** internado. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

- quatro

(76) Ia pra roça *trabaiá* mas **os ôtro filho mais maió**. (DAO, 51 anos, Rio das Rãs)

- cinco ou mais

(77) ... é **uns menino muito querido, abençoado**, de respeito,... (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs)

É conveniente reiterarmos que buscamos ainda um padrão (*pattern*) de aplicação da regra de concordância nominal.

5.8.6 Número de constituintes flexionáveis do SN

Ao controlarmos a variável **número de constituintes flexionáveis do SN**, procuramos investigar a aplicação da regra de concordância de acordo com os constituintes flexionáveis do SN, postulando que: quanto menor o número de elementos constituintes, maior a probabilidade de marcação de pluralidade propiciada pela coesão dos itens do SN (ARAÚJO, 2015, p.83). Os fatores controlados foram:

- um

(78) Ele tinha oito **anos**. (MMSF, 29 anos, Rio das Rãs)

- dois

(79) Antigamente **as muié** não tinha ... (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- três

(80) ... de **vários outros lugar**, ... (IAN, 32 anos, Rio das Rãs)

- quatro

(81) **Meus parente véi todo**. (ADS, 66 anos, Rio das Rãs)

5.8.7 Saliência fônica

O princípio da **saliência fônica** estudado na abordagem não atomística leva em consideração a mesma hipótese apresentada na abordagem atomística, configurando a seguinte estrutura:

- SN com todos os itens regulares

(82) **As pessoas** me dava um pedacinho de ilha,... (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

- SN com pelo menos um item que apresenta diferenciação fônica quando pluralizados (plural irregular)

(83) Tem **muitos professor** na Brasileira. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

Assim, depois de apresentar as variáveis linguísticas na *perspectiva não atomística*, damos continuidade, na **Subseção 5.9**, com os grupos de fatores extralinguísticos ou sociais condicionados neste estudo.

5.9 AS VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

As variáveis extralinguísticas revelam como a comunidade de fala está organizada dentro de características que demonstram o comportamento dos estratos sociais que a compõem. Jovens, homens, alfabetizados podem demonstrar comportamentos e expectativas que os diferenciam de idosos, mulheres e *não-alfabetizados*⁵⁵. Cabe ao pesquisador, segundo suas teorias e suas hipóteses, construir um mecanismo de controle de fatores sociais que possam explicar as variações e as tendências de mudança.

Nesse sentido, o desenvolvimento do pensamento, da linguagem, da consciência (de si e do outro) e a aquisição de saberes e habilidades constituem-se em relações entre a língua e os grupos sociais, proporcionando o uso de uma variedade linguística presente no modo de falar dos utentes, os quais compartilham do processo comunicativo que é simultaneamente social e linguístico.

⁵⁵ Essa construção não é reconhecida pelo PVOLP, por isso usamos o itálico.

As variáveis extralinguísticas estudadas pela Sociolinguística compreendem fatores condicionadores “clássicos” como sexo, nível de escolaridade e faixa etária. Vamos utilizá-los acrescentando-lhes a estada fora da comunidade.

5.9.1 Sexo

Sob a “etiqueta” **variável extralinguística sexo** procuramos controlar atitudes sociais (BORTONI-RICARDO, 2014) que possam indicar diferenças entre os padrões de comportamento de homens e mulheres dentro da comunidade de prática, visto que, como afirma Bagno (2007, p.44) “[...] homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece”.

Essa relação de comportamento, leva-nos a refletir como as mulheres têm avançado sua efetiva participação no mercado de trabalho, participação na política, participação na educação formal e, portanto, havendo ampliação dos contatos em ambientes sociais, influenciando bastante a vida social e, por conseguinte a linguagem. A esse respeito, é oportuno ouvirmos Paiva (2010), para quem:

Gênero, sexo pode ser um grupo de fatores significativos para processos variáveis de diferentes níveis (fonológicos, morfossintático e semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente (PAIVA, 2010, p.34).

É útil e necessário compreender que o fator **sexo** é uma variável extralinguística importante no estudo da variação linguística, sinalizando que as mulheres têm consciência, por exemplo, do quanto a linguagem já faz parte de seu crescimento social e individual. Paiva (2010) salienta que as mulheres têm comportamento ligado às variedades consideradas de prestígio – as de maior valor e de aceitação social, o que apontaria para um traço aparentemente conservador que já fora alvo de comentários na Antiguidade, inclusive em observações feita por Cícero e por Plutarco (SILVA, 2003). No entanto, qualquer conjectura que se faça sobre o comportamento feminino deve ser lastreada de uma análise acerca do papel da mulher nas sociedades e nos grupos sociais *per si*.

Hodiernamente, existe a tendência de se afirmar que o comportamento feminino está ligado à valorização da educação e que mais alfabetizadas tendem a exigir que seus filhos alcancem maiores graus de letramento.

Por tudo isso, postulamos que as mulheres, em nossa pesquisa, ora Dissertação, sejam mais tendentes a seguirem as normas de prestígio e buscarem maior aplicação da regra de concordância.

5.9.2 Nível de escolaridade

O **nível de escolaridade** é apresentado por diversos teóricos como uma variável social de forte influência na variação nas comunidades de fala, relacionada diretamente com o domínio ou não da língua padrão, acentuando-se quando se trata de formas estigmatizadas.

Segundo Votre (2010, p.51), a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Os anos de escolarização influenciam o repertório linguístico e preservam as formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nas comunidades de fala.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Marcos Bagno (2007, p.44) anteriormente havia reconhecido que “[...] o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos”. Essa variável social atua sobre o fenômeno da concordância nominal de número, sendo possível perceber que os usos linguísticos que se aproximam das formas prestigiadas estão relacionadas ao contato, de certa forma, com a escola, que promove o desenvolvimento intelectual e, de certa forma, ascensão social, norteando nossa hipótese de que quanto maior o tempo de acesso à escola, maior será o uso da variante inovadora, no nosso caso, maior marcação de plural no sintagma nominal.

Além disso, Votre (2010) chama nossa atenção para a influência que a escola exerce na difusão de formas de prestígio, características da língua padrão, influenciando nas escolhas linguísticas de falantes de acordo com o nível de escolarização. O repertório linguístico é influenciado pelo tempo de frequência ou permanência na escola em contato com os mais variados gêneros textuais, proporcionando novas aprendizagens no ensino e aquisição da língua padrão, evidenciando diferenças quanto aos usos linguísticos.

Como tratamos do Português Popular, consideramos apenas dois fatores: 0 a 02 anos e 3 a 5 anos.

5.9.3 Faixa etária

Com relação a variável **faixa etária** nas pesquisas sociolinguísticas acerca do português brasileiro, foram postos em evidência comportamentos linguísticos diferentes de acordo com a idade do informante. Estudos realizados com diferentes faixas etárias são importantes para alcançar uma dimensão de mudanças linguísticas dentro de comunidades de fala, ocorridas de maneira lenta e gradativa e de forma bastante sutil.

De acordo com Labov (1972) e Tarallo (2007[1985]), uma vez que os dados coletados observam a mudança em tempo aparente, na análise da aplicação da regra variável por falantes de diferentes idades em um determinado momento no tempo, essa situação evidenciará uma mudança em progresso. Além disso, Tarallo (2007[1985]) acrescenta que a análise em tempo real definirá se existe um processo de mudança linguística ou uma variação própria da graduação da idade dos informantes, demonstrando que os falantes mais velhos preservam as formas mais conservadoras e os mais jovens fazem uso da variante mais inovadora.

A hipótese para esta variável extralinguística, baseada em Lucchesi (2015), considera a polarização linguística no PB, no português popular (Português Afro-brasileiro) os falantes mais jovens estão em processo de aquisição da variável mais próxima à norma culta urbana, revelando nesse nível de idade uma mudança em progresso. A faixa etária intermediária, de acordo com diversos estudos⁵⁶, tem demonstrado um comportamento de variação estável, utilizando tanto as formas conservadoras como inovadoras.

Para o controle da variável faixa etária, propusemos três níveis:

Faixa I – jovens (de 25 a 35 anos);

Faixa II – adultos (de 45 a 55 anos);

Faixa III – idosos (65 anos ou mais).

5.9.4 Estada fora da comunidade

Esta variável está relacionada à crença de que as comunidades linguísticas influenciam-se mutuamente, havendo oportunidades de trocas por situação de *stratus linguisticus* (*substratus*, *superstratos*, *adstratus*). Na realidade do século XXI, as redes sociais surgem como um redimensionamento dos relacionamentos sociais, algo voltado para

⁵⁶ Em tempo oportuno faremos comparações entre os estudos, correlacionando-os aos nossos achados.

ferramentas tecnológicas; contudo, redes sociais existem desde quando os homens começaram a viver em sociedade.

A variável **estada fora da comunidade** pertence às redes de relações sociais que expõem o falante a uma gama de fatores que influenciam um maior uso das variantes inovadoras. Numa definição técnica, Bortoni-Ricardo (2011, p.15) afirma que os contatos com membros de outras comunidades expõem os falantes de dada comunidade a outros valores que podem ou não se chocar com os que eles alimentam em si. Dessa forma, (BORTONI-RICARDO, 2004, p.49) os contatos decorrentes de uma exposição a variadas redes sociais pode alterar o repertório linguístico, mostrando que a variação linguística reflete fatores socioestruturais e fatores sociofuncionais.

As comunidades de fala são heterogêneas e dinâmicas e se tornarão mais heterogêneas e dinâmicas ao passo que houver exposição a variadas redes sociais⁵⁷, neste caso, certamente, influenciadas pelo tempo de permanência fora da comunidade, podendo desempenhar um papel na variação linguística dos falantes de acordo com o nível de exposição em relação a outros indivíduos, o mesmo pode ser dito em relação à mídia, às relações de trabalho, enfim, às atividades outras a que o indivíduo possa estar relacionado (PAREDES DA SILVA, 2010, p. 67).

O controle da variável estada fora da comunidade, no caso do Português Popular etnicamente marcado (Português Afro-brasileiro), permite-nos mensurar como formas externas influenciam o vernáculo ou podem influenciá-lo nas novas situações de interação. Por conta desses novos contatos, as pessoas ficam expostas a uma gama de informações inovadoras, contribuindo para a variação linguística, norteador a hipótese que quanto mais tempo fora da comunidade, maior será a influência do uso da variante inovadora, portanto, realizando com mais frequência à aplicação da regra de concordância.

Arbitramos o período de 6 meses a um ano como mecanismo de controle para estabelecer diferenças no vernáculo da comunidade estudada.

Assim estabelecido o envelope de variação, apresentaremos, na **Seção 6** a análise e discussão dos resultados obtidos com base na mensuração dos dados.

⁵⁷ De acordo com Bortoni-Ricardo (2011, p.84), “[...] a análise de redes é o estudo das relações existentes num sistema em processo de mudança. Quando aplicadas a sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia social voltada para as relações entre os indivíduos em grupo”. Para este processo de mudança é importante perceber o surgimento de diferenças no comportamento linguístico, já que os falantes mais suscetíveis a influências da língua padrão são aqueles que estão expostos às redes sociais.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na seção anterior, elencamos as variáveis linguísticas e extralinguísticas, apresentando as hipóteses, bem como exemplos para cada um dos fatores utilizados no controle daquelas variáveis, com o objetivo de descortinar a variação na aplicação da regra de concordância nominal no SN.

Reservamos a presente seção para apresentarmos os resultados oriundos das rodadas feitas com o auxílio do Pacote *Goldvarb-X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Após a apresentação dos resultados, passamos a interpretá-los confrontando-os com outros estudos realizados por pesquisadores que, antes de nós, se dedicaram ao tema, por meio de suas pesquisas, apresentadas por nós, na **seção 3.3**.

6.1 ABORDAGEM ATOMÍSTICA

Nesta subseção, analisamos as variáveis estruturais selecionadas pelo programa *Goldvarb-X* (2005) para a *abordagem atomística*⁵⁸, estabelecendo como variável dependente a marcação do plural em cada constituinte do SN, considerando dois fatores em variação: a presença de marcação do plural vs a ausência de marcação do plural. Para efeitos metodológicos, demos destaque à presença da marcação – à aplicação da regra de concordância nominal.

As variáveis linguísticas condicionantes controladas foram:

- (I) Posição linear do constituinte;
- (II) Posição do constituinte com referência ao núcleo;
- (III) Classe gramatical;
- (IV) Saliência fônica;
- (V) Marcas precedentes;
- (VI) Tonicidade.

Ao executar o programa *Goldvarb-X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), os grupos de fatores linguísticos selecionados como estatisticamente relevantes foram por ordem (do mais relevante ao menos relevante):

⁵⁸ Usamos o recurso de italicização para destacar alguns termos técnicos e/ou metalinguísticos.

- 1º Marcas precedentes
- 2º Tonicidade
- 3º Saliência fônica
- 4º Posição do constituinte com referência ao núcleo
- 5º Classe gramatical

A aplicação da regra de concordância para a *abordagem atomística*, considerando o fator a presença de marcação de plural – como elemento balizador da análise – obteve o índice de 24%, como exposto na Tabela 1.

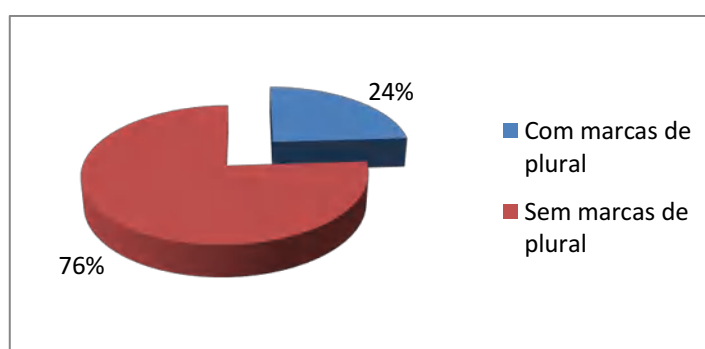
Tabela 1 – Frequência geral da marcação de plural: presença vs ausência

Concordância nominal	Ocorrências	Frequência
Com marcas de plural	844	24%
Sem marcas de plural	2.675	76%
Total	3.519	100%

Fonte: Elaboração própria.

Na tentativa de uma investigação reflexiva e teórico-metodológica dos processos de variação e mudança linguística, observamos, na comunidade de fala pesquisada, as variáveis linguísticas isoladamente, bem como o cruzamento entre elas, em busca de maior aprofundamento, com o intuito de identificar os fatores que estariam condicionando o baixo índice de aplicação da regra de concordância nominal de número no interior do sintagma nominal, como realça o Gráfico 1:

Gráfico 1 – Frequência geral da marcação de plural



Fonte: Elaboração própria.

Posteriormente, apresentaremos um estudo comparativo-contrastivo com os achados de Guimarães (2014) e Meira (2015), no intuito de analisar o *contínuo de urbanização* proposto por Bortoni-Ricardo⁵⁹ (2004).

6.1.1 Marcas precedentes

A primeira variável selecionada foi *marcas precedentes*. De acordo com Lopes (2001), a variável *marcas precedentes* analisa a relação entre a presença ou ausência de marca em elementos anteriores dentro do sintagma. Neste estudo sobre o vernáculo de Rio das Rãs, analisamos o contexto antecedente ao elemento nominal, tal qual o fez Lopes: “[...] a presença de marcas anteriores inibe ou favorece a ocorrência de outros elementos marcados” (LOPES, 2001, p.138), conforme já enunciamos em 5.7.1.7.

Seguindo as orientações de Lopes (2001), não observamos os elementos em primeira posição pelo fato de não terem elemento antecedente dentro do sintagma, levando em consideração os elementos da segunda posição em diante. Os contextos analisados estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Presença de marca de plural no SN *abordagem atomística* segundo a variável marcas precedentes

Marcas precedentes	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Ausência de elemento anterior	1 / 4	25%	0,002
Ausência de marca no constituente imediatamente precedente	1 / 109	0,9%	0,006
Presença de marca formal no constituente imediatamente precedente	616 / 2747	22,4%	0,542
Presença de marca semântica no constituente imediatamente precedente	158 / 524	30,2%	0,494
Quantificadores com marca de plural	68 / 132	51,5%	0,742
Quantificadores sem marca de plural	0 / 3	0	-
Total	844 / 3519		

Fonte: Elaboração própria.

⁵⁹ Para efeitos de comparação, seguimos a proposta feita por Bortoni-Ricardo (2004), segundo a linha imaginária da variação do português brasileiro ocorrido ao longo do processo sócio-histórico (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52):

Variedades rurais isoladas	área rurbana	variedades urbanas
padronizadas		

Em um dos extremos do contínuo está as variedades rurais utilizadas pelas comunidades mais isoladas, no nosso caso a Comunidade Quilombola de Rio das Rãs e no outro extremo, temos a representação da comunidade urbana de Vitória da Conquista, representada pelo português popular (GUIMARÃES, 2014) e pelo português culto (MEIRA, 2015).

Nos dados da Tabela 2, o fator *quantificadores sem marca de plural* apresentou nocaute⁶⁰ (*knockout*) durante a primeira rodada do programa. Após a segunda rodada de verificação do programa *Goldvarb-X* (2005), os pesos relativos⁶¹ das categorias *ausência de elemento anterior* (0,002) e *ausência de marca no constituinte imediatamente precedente* (0,006) indicam que estes fatores desfavorecem à aplicação da regra de concordância. O fator *presença de marca semântica* no constituinte imediatamente precedente aproxima-se do ponto neutro⁶², indicando que não favorece nem desfavorece a aplicação da regra.

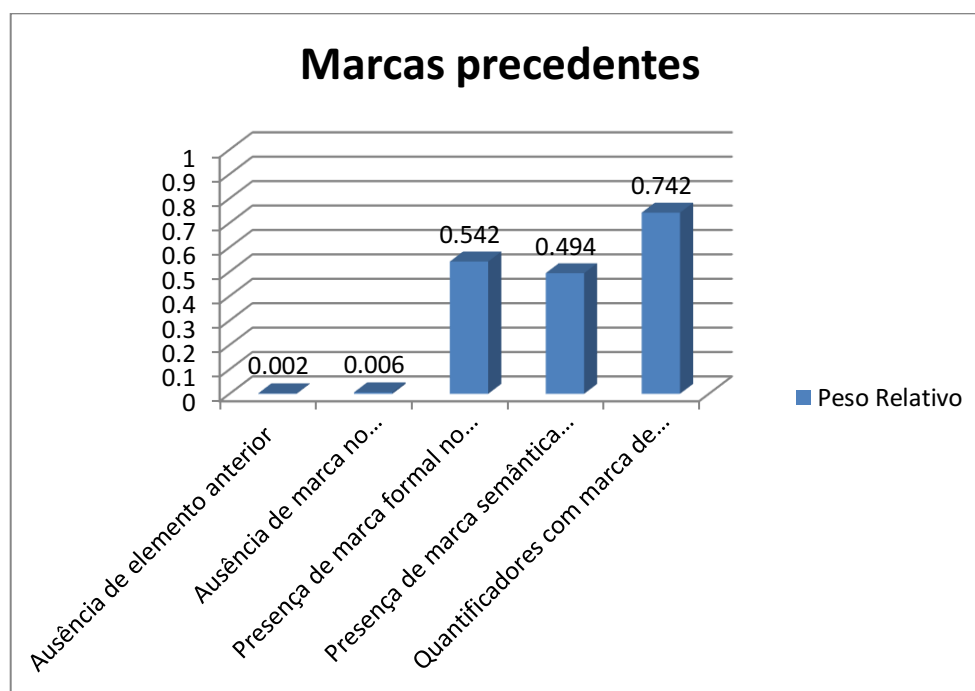
Os fatores que apresentam *marcas de plural anteriormente ao elemento analisado* foram considerados estatisticamente relevantes pelo programa *Goldvarb-X* (2005) para a realização do fenômeno de concordância. Os *quantificadores com marca de plural* apresentaram o peso relativo mais elevado (0,742), seguido pelo fator *presença de marca formal no constituinte imediatamente precedente* com peso relativo de (0,542). Dados ilustrados no gráfico 2:

⁶⁰ Um nocaute é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente (GUY & ZILLES, 2007, p. 158).

⁶¹ Peso relativo (PR) é uma medida probabilística usada para calcular o efeito de um fator condicionador na aplicação da regra variável, ou seja, o peso que um fator tem ao condicionar a ocorrência da variante que estipulamos como ‘aplicação da regra’. Como o nome sugere o peso relativo de um fator só tem significado quando *relativizado* ao peso de outros fatores com os quais co-ocorre (COELHO, GORSKI, MAY e SOUZA, 2012, p. 139).

⁶² O ponto neutro corresponde ao valor matemático do peso relativo associado com um fator que quando presente no contexto, não produz nenhum desvio no uso da variante investigada em comparação com o nível geral indicado pelo *input*; ou, em outras palavras, o valor de um fator que nem favorece nem desfavorece o uso da variante investigada (GUY & ZILLES, 2007, p. 158).

Gráfico 2 – Presença de marca de plural no SN *abordagem atomística* segundo a variável *marcas precedentes*



Fonte: Elaboração própria.

Nestes fatores, observamos que a presença da *marca anterior ao elemento analisado* favorece a aplicação da regra de concordância no *corpus* estudado, influenciada pela “presença de marcas anteriores” que “favorece a ocorrência de outros elementos marcados” (LOPES, 2001, p. 138). Comparando os resultados desta variável com outras pesquisas realizadas sobre este fenômeno, encontramos em Lopes (2001) várias configurações sobre a variável *marcas precedentes* relacionada a posições dos elementos, amalgamação de fatores e cruzamentos com variáveis sociais. De um modo geral, observamos que os dados de Lopes (2001) são favorecidos pela regra de concordância quando há marcas precedentes em relação ao elemento analisado.

Martins (2013) obtém os seguintes resultados em sua pesquisa quando analisa as *marcas precedentes*: zero formal na primeira posição (0,97), numerais na primeira posição (0,58), presença de marcas formais a partir da primeira posição (0,53), mistura de marca com marca precedente (0,50), presença de “vários” (0,50), presença de marca formal na primeira posição (0,43) e mistura de marca sem marca precedente na terceira posição em diante (0,14). A hipótese atribuída para essa variável é atestada pela pesquisadora que observou a “presença/ausência de marca forma/informal de plural” precedente ao elemento analisado leva a “presença/ausência de marca formal/ informal de plural”. Os resultados de Martins (2013)

mostram a tendência semelhante encontrada em Scherre (1988), Fernandes (1996) e Carvalho (1997).

Em nossos dados aproximamos dos resultados de outras pesquisas que consideraram a hipótese que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, explicados por Scherre (1988) de acordo com o paralelismo formal que leva as formas semelhantes a se agruparem. As pesquisas de Guimarães (2014) e Meira (2015) não analisaram a variável linguística *marcas precedentes*, motivo pelo qual não realizamos o estudo comparativo entre os nossos e aqueles dados.

6.1.2 Tonicidade

A variável *tonicidade* foi apontada como a segunda variável linguística relevante dentro da abordagem atomística. Como havíamos postulado em nossa hipótese, baseados em Scherre (1988), os “oxítonos singulares” e os “monossílabos tônicos” não favoreceram a concordância, não comprovando a hipótese inicial. Dessa forma, nossos dados não estão em harmonia com os dados de Lopes (2001), para quem “[...] a expectativa é de que os itens oxítonos e monossílabos de uso tônico devem ser mais alvo da concordância, diante de a oposição se fazer em uma sílaba já saliente, devido à tonicidade” (LOPES, 2001, p. 206). Foram analisadas as seguintes categorias, como mostra a Tabela 3:

Tabela 3 – Presença de Marca de Plural no SN abordagem atomística segundo a variável tonicidade

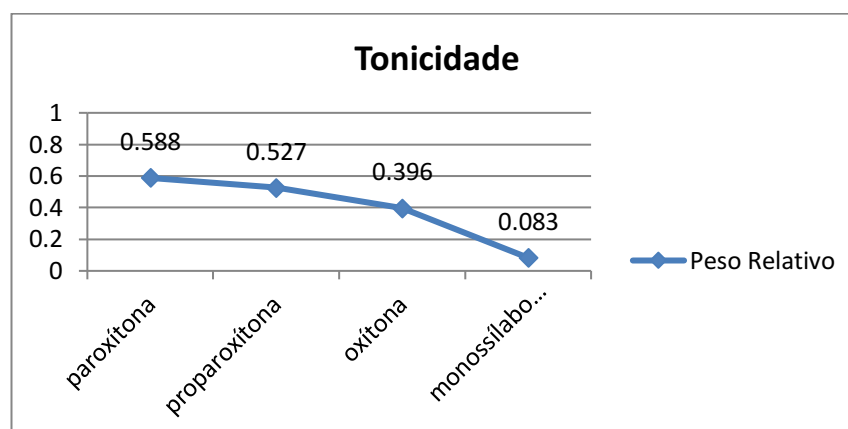
Tonicidade	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Palavra paroxítona	754 / 2.786	27,1%	0,588
Palavra proparoxítona	8 / 31	25,8%	0,527
Palavra oxítona	55 / 350	15,7%	0,396
Monossílabo tônico	27 / 352	7,7%	0,083
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria.

Através da Tabela 3, observamos que nos fatores *palavra paroxítona* (0,588) e *palavra proparoxítona* (0,527) há o favorecimento da aplicação da regra de concordância, segundo o peso relativo, resultados inversos encontrados em Scherre (1998, p. 7) que revela “[...] uma oposição nítida entre o efeito dos regulares oxítonos – favorecedores – e os regulares paroxítonos – desfavorecedores”. As palavras paroxítonas apresentam maior frequência de aplicação e maior número de ocorrências no *corpus* de Rio das Rãs, com o peso relativo mais

elevado do que os outros fatores, bem como as palavras proparoxítonas, com peso relativo um pouco acima do ponto neutro, favorecendo a aplicação da regra e contrariando a afirmação de Lopes (2001, p. 206) “[...] as outras formas, em que essas sílabas são átonas, cujos morfemas de plural são quase imperceptíveis diante da tonicidade, espera-se menos concordância”. Nos dados apresentados, o programa quantitativo indica maior influência das palavras paroxítonas e proparoxítonas para a realização da regra de concordância, mostrados no Gráfico 3:

Gráfico 3 – Tonicidade



Fonte: Elaboração própria.

Vamos à comparação com outras pesquisas.

Em sua análise estatística, Fernandes (1996) encontrou os seguintes resultados: oxítono e monossílaboônico (0,58), paroxítono (0,48) e proparoxítono (0,47). Os dados de Fernandes (1996) se assemelham com os resultados obtidos por Scherre (1988): oxítono e monossílaboônico (0,66), paroxítono (0,39) e proparoxítono (0,44) e Lopes (2001), com configuração de fatores semelhantes, revela os seguintes valores: oxítonos e monossílabosônicos (0,72), monossílabos átonos (0,65), paroxítonos (0,41) e proparoxítonos (0,37).

Os trabalhos de Fernandes (1996), Scherre (1988) e Lopes (2001) ratificam a hipótese de que as palavras oxítonas e monossílabasônicas favorecem a regra de concordância por terem acento na sílaba que vai receber o morfema de plural, ao passo que nossos dados apontam para resultados inversos, indicando as palavras paroxítonas e proparoxítonas como favorecedoras na realização da concordância. Tal descompasso poderia ser apontado como uma característica do Português Afro-brasileiro e matéria para discussão mais aprofundada posteriormente.

6.1.3 Saliência fônica

Terceira variável selecionada pelo Programa, o princípio da *saliência fônica* tem nos fatores *itens em -l* (0,823), *itens em -s e -z* (0,703) e *itens em -m/-em/-ã/-um / -ão* (0,596) o favorecimento da aplicação da regra de concordância. Já os fatores *itens regulares* (0,475), *itens em -ões* (0,390), *itens em -r* (0,338) e *plural duplo ou metafônico* (0,173) são inibidores do processo de concordância de número, como mostra os dados da Tabela 4:

Tabela 4 – Presença de Marca de Plural no SN abordagem atomística segundo a variável saliência fônica

Saliência fônica	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Itens em -l	23 / 54	42,6%	0,823
Itens em -s e -z	132 / 411	32,1%	0,703
Itens em -m/-em/-ã/-um / -ão	45 / 167	26,9%	0,596
Itens regulares	617 / 2.576	24%	0,475
Itens em -ões	6 / 65	9,2%	0,390
Itens em -r	18 / 191	9,4%	0,338
Plural duplo	3 / 55	5,5%	0,173
Total	844 / 3.519		

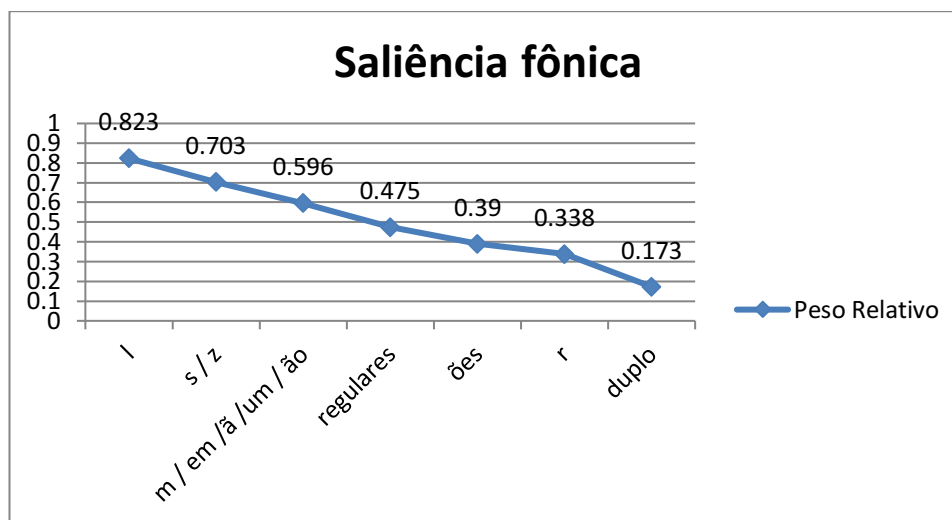
Fonte: Elaboração própria.

O princípio da *saliência fônica* considerado relevante em muitos outros estudos, como o de Scherre (1988), Fernandes (1996), Lopes (2001) entre outros, apontam os substantivos de plural irregular como favorecedores da regra de concordância por serem mais perceptíveis e mais prováveis de serem marcados pelo morfema de plural, ratificando a referida hipótese. Na pesquisa de Scherre (1988), ela encontra os seguintes resultados: *plural duplo* (0,54), *itens em -l* (0,70), *itens em -ão* (0,69), *itens em -r* (0,70), *itens em -s* (0,13) e *itens regulares* (0,31). Em consonância com os dados de Scherre (1988), Fernandes (1996) revela os seguintes dados: *plural duplo* (0,81), *itens em -l* (0,78), *itens em -ão/ -õe* (0,75), *itens em -r* (0,74), *itens em -s* (0,59), *itens regulares* (0,48) e *itens regulares em -ão* (0,63). Lopes (2001) observou os seguintes valores: *plural duplo* (0,8), *itens em -r* (0,82), *itens em -l* (0,84), *itens em -s* (0,69), *itens em -ão irregular* (0,76), *itens em -ão regular* (0,46), *regular oxítono* (0,78), *regular paroxítono* (0,42) e *regular proparoxítono* (0,46). Ao observar os resultados encontrados pelas pesquisadoras verificamos que os itens regulares, portanto menos salientes, desfavorecem a regra de concordância, resultado esperado de acordo com a hipótese inicial.

Voltando aos nossos dados, verificamos que os itens regulares, como previsto pela hipótese, não favorecem a regra de concordância. No entanto, observando cada fator dos itens

irregulares, percebemos que os *itens em -ões*, em *itens em -r* e *plural duplo* não favorecem a concordância, contrariando o princípio da saliência fônica. Para melhor visualizar essa questão, apresentamos o Gráfico 4:

Gráfico 4 – Presença de Marca de Plural no SN abordagem atomística segundo a variável saliência fônica



Fonte: Elaboração própria

Para atestar o princípio da *saliência fônica* no *corpus* de Rio das Rãs, amalgamamos⁶³ todos os itens irregulares e realizamos uma nova rodada no programa *Goldvarb-X* (2005) com a seguinte configuração *itens irregulares vs itens regulares*, para visualizar mais claramente a influência destes fatores na variação da concordância nominal. A Tabela 5 apresenta a redefinição dos dados:

Tabela 5 – Presença de Marca de Plural no SN abordagem atomística segundo a variável saliência fônica nos itens irregulares e regulares

Saliência fônica	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Itens mais salientes (irregulares)	227 / 943	24,1%	0,539
Itens menos salientes (regulares)	617 / 2.576	24%	0,486
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria

⁶³ O expediente ordinário do amálgama se refere ao momento em que o pesquisador junta fatores que possam características semelhantes para evitar o enviesamento dos dados por fragmentação.

Assim, a nova configuração do princípio da *saliência fônica* apresenta os itens irregulares (0,539) como favorecedores na marcação de plural devido à indicação do peso relativo superior ao ponto neutro. No caso dos itens regulares (0,486), o peso relativo indica que a presença deste fator no contexto analisado desfavorece levemente a aplicação da regra.

De acordo com Scherre (1998), admitindo-se a “regularidade absoluta,” podemos verificar que no efeito da *saliência fônica* nos seguintes termos: a posição acentuada há de favorecer a concordância, enquanto que a posição não-acentuada desfavorece-a. A “regularidade absoluta” se verifica neste caso, havendo grau de influência maior nos itens irregulares do que nos regulares.

Na Teoria do 4-M, Myers-Scotton e Jake (2000) explicam que a concordância, em um SN como: **As coisas** no mercado... (IAN, 32 anos, Rio das Rãs), classificado como plural regular estaria entre os *early system morphemes* no caso do morfema de plural de **as** enquanto que a desinência “s” de **coisas** pode ser um *late system* por não ter sido gerado no mesmo momento. Essa teoria pode ser a explicação para a menor frequência de aplicação da regra de concordância para os itens menos salientes (plural regular) influenciados pelos *late system morphemes*.

Comparando agora os nossos dados aos achados de Guimarães (2014) e Meira (2015), observaremos a influência do princípio da *saliência fônica* nas três amostras de fala no interior do Estado da Bahia, conforme Tabela 6:

Tabela 6 – Saliência fônica no PPVC (GUIMARÃES, 2014), Português Culto (MEIRA, 2015) e Rio das Rãs

Saliência fônica	PPVC	P.R.	Português culto	P.R.	Rio das Rãs	P.R.
Itens regulares	1512/2.590 58,4%	0,49	1.686 / 1.870 90,2%	0,48	617 / 2.576 24%	0,47
Itens em -s e -z	70/126 55,6%	0,79	44 / 61 72,1%	0,38	132 / 411 32,1%	0,70
Plural duplo	4/9 44,4%	0,64	14 / 15 93,3%	0,79	3 / 55 5,5%	0,17
itens em -m/-em/- ã/-um/ao	95/166 57,2%	0,29	110 / 119 92,4%	0,55	45/ 167 26,9%	0,59
Itens em -r	14/46 30,4%	0,53	50 / 56 89,3%	0,67	18 / 191 9,4%	0,33
Itens em -l	10/25 40%	0,68	38 / 39 97,4%	0,87	23 / 54 42,6%	0,82
Itens em -ões	3/17 17%	0,36	40 / 45 88,9%	0,75	6/65 9,2%	0,39

Fonte: Elaboração própria.

Observando os dados obtidos por Guimarães (2014) no português popular de Vitória da Conquista percebemos que os fatores que foram avaliados pelo programa estatístico como significante foram os itens *-s* e *-z* (0,79), itens *em -l* (0,68), *plural duplo* (0,64) e itens *em -r* (0,53), a pesquisadora conclui que “[...] a aquisição dos usos da marca de plural dá-se nas estruturas em que a diferenciação entre singular e plural são mais marcadas do que aqueles em que a marcação faz-se apenas pela oposição entre Ø/-s” (GUIMARÃES, 2014, p. 98). No português culto de Vitória da Conquista, Meira (2015) encontra valores semelhantes aos de Guimarães (2014), especialmente nos itens de maior favorecimento de alteração vocálica, como os itens *em -r*, *em -l* e *plural duplo*.

Comparando os resultados apresentados na Tabela 6 (Saliência fônica no PPVC, Português Culto e Rio das Rãs), percebemos que, para os itens *em -l* (animal / animais), esse fator mostra-se bastante favorável à regra de concordância; já os demais itens irregulares não apresentam resultados uniformes nos três dialetos comparados. Vale ressaltar que, em se tratando dos itens regulares (menos salientes), observamos que nos *corpora* analisados, esses itens se mostram menos propícios ao fenômeno da regra de concordância de número, apresentando peso relativo abaixo do ponto neutro.

De acordo com os resultados observados no português popular e culto de Vitória da Conquista e do português afro-brasileiro de Rio das Rãs, o princípio da *saliência fônica* segue uma ordem hierárquica que coloca os itens regulares (menos salientes) em uma posição de enfraquecimento na aplicação da regra de concordância, enquanto os itens irregulares, de uma forma geral, de acordo com o contexto linguístico e social de cada *corpus* favorecem o uso da concordância nominal.

6.1.4 Posição do determinante com referência ao núcleo do SN

Com a variável *posição do determinante com referência ao núcleo do SN*, procuramos controlar qual a importância (peso) da posição dos determinantes em relação ao núcleo a fim de constatar **quais posições estariam condicionando a presença das marcas de concordância nominal.**

Nossa hipótese segue a compreensão de Scherre (1988) cujas pesquisas apontam que a primeira posição tende a ser “[...] mais marcada⁶⁴ do que as demais [...]” (SCHERRE, 1988,

⁶⁴ É conveniente esclarecer que as expressões *marcado VS não-marcado* tão caras ao Estruturalismo são empregadas para designar situações em que uma forma é de uso mais geral e outra de uso mais específico, tal qual o masculino-singular e o feminino-plural para se referir em à espécie ou à

p.143), estabelecendo uma posição forte com relação ao que ocorre com o primeiro elemento do SN se confrontado com as demais posições. Interpretando a classificação de Scherre (1988), a primeira posição poderia ser mais específica, por isso, portadora do plural, na Língua Portuguesa.

A Tabela 7 mostra os resultados por nós obtidos, a partir da posição dos determinantes em relação ao núcleo, demonstrando que a posição à esquerda exerce grande influência (condiciona) a aplicação da regra.

Tabela 7 – Presença de marca de plural no SN *abordagem atomística* segundo a variável posição do determinante com referência ao núcleo do SN

Determinante	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Primeira posição imediatamente à esquerda do núcleo	754 / 3.039	24,8%	0,520
Primeira posição não adjacente ao núcleo	35 / 97	36,1%	0,599
Segunda posição imediatamente à esquerda do núcleo	40 / 174	23%	0,498
Segunda posição não adjacente ao núcleo	1 / 4	25%	0,499
Terceira posição em diante à esquerda do núcleo	14 / 205	6,8%	0,206
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria.

O resultado apresentado na Tabela 7 demonstra que “[...] a posição à esquerda favorece mais marcas explícitas de plural do que à direita” (SCHERRE, 1998, p.10); desse modo, o determinante em primeira posição revela-se mais propício à marcação de plural do que as demais posições. De acordo com a teoria dos 4-M, o comportamento desses determinantes à esquerda do núcleo é definido mais cedo, chamados de *early system morpheme*, influenciando a concordância.

Guimarães (2014), acerca da análise da posição do determinante em relação ao núcleo, revela que o determinante em primeira posição tem maior probabilidade de receber o morfema de plural, como podemos verificar nos pesos relativos de cada fator elencado pela pesquisadora: *determinante em primeira posição imediatamente à esquerda do núcleo* (0,843); *determinante em primeira posição não adjacente ao núcleo* (0,875) e *determinante em segunda posição imediatamente à esquerda do núcleo* (0,678). No trabalho desenvolvido

generalidade em contraste com a especificidade. Em “Não ter filho é uma opção daquele casal” não estamos querendo dizer que o casal optou por não ter “apenas um menino”, mas por não “gerar filhos e filhas”; logo, uma forma não-marcada.

por Meira (2015), o *determinante em segunda posição à esquerda do núcleo* (0,71) é maior favorecedor da regra do que o *determinante em primeira posição à esquerda do núcleo* (0,47). Os resultados do português popular (GUIMARÃES, 2014) e do português afro-brasileiro de Rio das Rãs assemelham-se apontando para a maior influência da primeira posição. Os dados de Meira (2015) observam a segunda posição mais favorecedora, o que provavelmente está sendo influenciado por outras variáveis linguísticas, como por exemplo, a classe gramatical.

Para enxergarmos melhor o que está condicionando a aplicação da regra, no português afro-brasileiro de Rio das Rãs, amalgamamos os fatores **primeira posição imediatamente à esquerda do núcleo** ao fator **primeira posição não adjacente ao núcleo**, bem como, os fatores **segunda posição imediatamente à esquerda do núcleo** e **segunda posição não adjacente ao núcleo**, reconfigurando a variável em três fatores: primeira posição, segunda posição e terceira posição à esquerda do núcleo. A Tabela 8 demonstra o novo resultado:

Tabela 8 – Presença de marca de plural no SN *abordagem atomística* segundo a variável Posição do determinante à esquerda do núcleo

Determinante	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Primeira posição à esquerda do núcleo	789 / 3.136	25,2%	0,525
Segunda posição à esquerda do núcleo	41 / 178	23%	0,450
Terceira posição à esquerda do núcleo	14 / 205	6,8%	0,202
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria.

Observamos na reconfiguração dos dados que o *determinante em primeira posição à esquerda do núcleo* (0,525) apresenta peso relativo maior do que as demais posições, confirmando a observação da posição relativa ao núcleo, em que Scherre (1988) assevera que as posições antecedentes ao núcleo, independentes de ser adjacente ou não, são mais marcadas do que as posições à direita do núcleo.

6.1.5 Classe gramatical do constituinte

No que se refere aos dados do português afro-brasileiro de Rio das Rãs, a variável linguística *classe gramatical* foi a última selecionada pelo programa quantitativo. A *classe gramatical* evidencia a marcação de plural nas classes que antecedem o núcleo do sintagma nominal. Os elementos que atuam como determinantes no sintagma nominal, como os artigos

e pronomes, tendem a ser mais marcados do que as demais classes gramaticais (SCHERRE, 1988). A seguir, a configuração dos resultados obtidos no *corpus* de Rio das Rãs, conforme a Tabela 9.

Tabela 9 – Presença de marca de plural no SN *abordagem atomística* segundo a variável classe gramatical

Classe gramatical	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Artigo definido	275 / 1.287	21,4%	0,442
Artigo indefinido	45 / 222	20,3%	0,414
Pronome demonstrativo	63 / 355	17,7%	0,409
Pronome possessivo	54 / 228	23,7%	0,494
Pronome indefinido	102 / 361	28,3%	0,444
Quantificador	33 / 105	31,4%	0,655
Substantivo	3 / 9	33,3%	0,536
Adjetivo	12 / 149	8,1%	0,495
Numeral	153 / 496	30,8%	0,623
Locução adverbial	104 / 307	33,9%	0,711
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 9 mostra que as classes gramaticais *quantificador* (0,655), *substantivo* (0,536), *numeral* (0,623) e *locução adverbial* (0,711) são as que apresentam o maior peso relativo, ou seja, são favorecedoras para a aplicação da regra de concordância, enquanto as classes *artigo definido* (0,442), *artigo indefinido* (0,414), *pronome demonstrativo* (0,409), *pronome indefinido* (0,444) são as que apresentam valores que indicam o desfavorecimento da regra. As classes *pronome possessivo* (0,494) e *adjetivo* (0,495) aparecem muito próximas do ponto neutro.

Myers-Scotton e Jake (2000) explicam de acordo com a Teoria dos 4-M que a definitude em sintagmas com o pronome possessivo, como no exemplo:

- (1) O **meus** dois rapaz em casa (EJS, 43 anos, Rio das Rãs)

A marcação de plural ocorre apenas no item mais próximo do nome, ocorrendo também com outros tipos de palavras:

- (2) ...tem o **outros** irmãos tão ali, né, e nós sabemos que um precisa do outro, então, é um ajudando o outro, né? (AFS, 37 anos, Rio das Rãs)

Observamos que a informação é gerada apenas uma única vez e contempla o item mais próximo do núcleo do SN.

A classe gramatical *adjetivo* apresenta um baixo índice de aplicação da regra, dos 149 sintagmas nominais compostos por adjetivos, apenas 8,1% tiveram a marcação de plural, indicando o peso relativo de (0,495). A classe dos adjetivos tem uma estreita relação com a

posição em que esse elemento se encontra no interior do SN. Os adjetivos posicionados à esquerda do núcleo tiveram 10% do total de 21 ocorrências com a marcação de plural, enquanto apenas 8% de aplicação da regra de concordância do total de 128 ocorrências posicionadas à direita do núcleo. Quando os adjetivos exercem a função de núcleo do SN são mais marcados quando o núcleo está em 2ª posição linear do que em terceira. Em primeira posição linear, não foi encontrado exemplo no *corpus* da pesquisa.

Os adjetivos são *content morphemes* ou morfemas de conteúdo, de classe aberta, que segundo Myers-Scotton e Jake (2000) atribuem papéis temáticos aos *system morphemes*, sendo ativados em conjunto no caso dos *content* e *early system morphemes* para atender às marcas de plural, especialmente nas primeiras posições, o que explica o maior índice de aplicação da regra de concordância para os adjetivos que estão em uma posição mais à esquerda do núcleo.

O que chamou a atenção em nosso resultado foi o elevado valor do peso relativo das classes gramaticais *quantificador* (0,655), *substantivo* (0,536), *numeral* (0,623) e *locução adverbial* (0,711), contrariando a hipótese de que os artigos e pronomes são mais favorecedores da aplicação da regra de concordância, porque exercem a função de determinantes e aparecem na maioria das ocorrências em primeira posição.

Os quantificadores (todo(s) e tudo) transitam em todas as posições do SN e são mais marcados quando estão em primeira posição do que quando aparecem à direita do núcleo, confirmando também a hipótese (SCHERRE, 1988) que qualquer classe gramatical que esteja na primeira posição tende a ser mais marcada, como nos seguintes exemplos:

(3) *Todos* os dias tinha reza. (ANSB, 45 anos, Rio das Rãs)

(4) E assim criei meus *fi tudo*. (FFS, 65 anos, Rio das Rãs)

Assim, podemos observar que os quantificadores (todo(s) e tudo) são grandes favorecedores da marcação de plural, apresentando elevado valor do peso relativo na variável *marcas precedentes*, no fator *quantificadores com marca de plural* (0,742).

A classe *numeral* (0,623) também aparece nas ocorrências do *corpus* entre a primeira e segunda posição e é fortalecida pela presença da marca semântica, no fator *presença de marca semântica no constituinte imediatamente precedente* (0,494) que favorece a aplicação da regra de concordância.

Em se tratando do fator classe gramatical *substantivo* (0,536), analisada nesta pesquisa como classe do elemento nuclear, observamos que também há uma relação com a posição ocupada na estrutura do SN, como afirma Scherre (1998, p. 9): “[...] os núcleos, por sua vez, favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou

seja, se estiverem linearmente mais à esquerda na construção”. Com base em exemplos retirados do *corpus*, podemos observar o comportamento desta variável na estrutura sintagmática:

1. Núcleo em primeira posição:

- (5) Colocava **velas** brancas
- (6) Eu tô falando **coisas** boas pra você.
- (7) ... **Pessoas** adulto que eu lembro, lá na beira do rio.

2. Núcleo em segunda posição:

- (8) Eu vi as **pisada** no chão,
- (9) Os **meninos** de primeiro brincava, ...
- (10) A **gente** aprende muitas coisas.

3. Núcleo em terceira posição:

- (11) Convivi ali com essas duas **pessoas**,...
- (12) Os meus **irmãos** também que tão ali também, né?
- (13) Meus dois **instrumentos** preferidos...

De acordo com Scherre (1988)

Os núcleos na segunda posição e terceira posição são menos marcados do que os da primeira, mas não são igualmente marcados entre si, chegando a se vislumbrar a possibilidade de os núcleos na terceira posição serem mais marcados que os da segunda (SCHERRE, 1988, p. 512).

Segundo os dados de Guimarães (2014), a classe gramatical *substantivos* desempenhou também a função de núcleo do SN, apresentado os seguintes resultados para a variável *posição do núcleo*: núcleo em primeira posição (0,997); núcleo em segunda posição (0,49) e núcleo em terceira posição em diante (0,573), assim como no estudo desenvolvido por Scherre (1988), a primeira e terceira posição são tidas como mais favorecedoras porque, não só a posição, o valor relativo leva em conta outros fatores da estrutura sintagmática.

Quando comparando nossos dados⁶⁵ com os de Guimarães (2014), temos resultados bem diversos. No *corpus* do português popular, Guimarães (2014) tem a hipótese confirmada de que as classes de palavras que exercem a função de determinantes tem um índice de

⁶⁵ A classe gramatical no *corpus* do português culto, analisado por Meira (2015) não foi selecionada como significante, embora o pesquisador apresentasse os dados apenas do índice de frequência sem os valores do peso relativo.

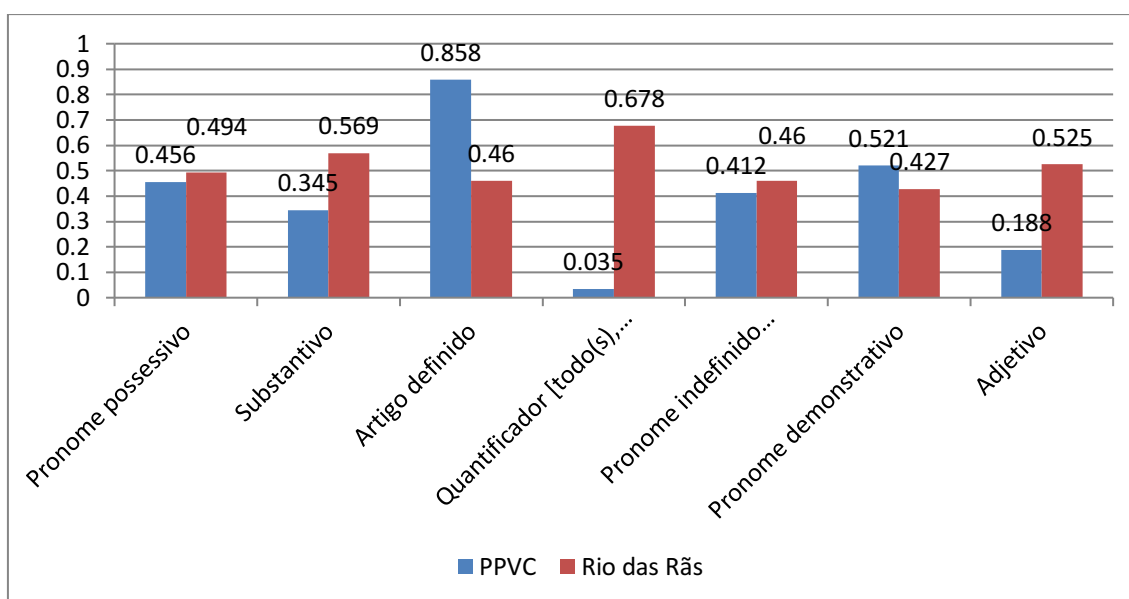
frequência maior do que as demais classes, como é o caso dos artigos e pronomes demonstrativos. Vejamos a Tabela 10 com a comparação dos dados:

Tabela 10 – Classe gramatical do PPVC (GUIMARÃES, 2014) e Rio das Rãs

Classe gramatical	PPVC	P.R.	Rio das Rãs	P.R.
Pronome possessivo	133/145 91,7%	0,456	54 / 228 23,7%	0,494
Substantivo	455/1.597 28,5%	0,345	3 / 9 33,3%	0,536
Artigo definido	741/743 99,7%	0,858	275 / 1.287 21,4%	0,442
Quantificador [todo(s), tudo	23/47 48,9%	0,350	33 / 105 31,4%	0,655
Pronome indefinido [muito(s), tanto(s), outro(s), algum(ns)	89/96 92,7%	0,412	102 / 361 28,3%	0,444
Pronome demonstrativo	121/124 97,6%	0,521	63 / 355 17,7%	0,409
Adjetivo	15/92 16,3%	0,188	12 / 149 8,1%	0,495
Artigo indefinido	129/131 98,5%	0,548	45 / 222 20,3%	0,414

Fonte: Elaboração própria.

Observando a Tabela 10, no que se refere aos dados de Guimarães (2014) observamos que os determinantes: artigo definido (0,858), artigo indefinido (0,548), pronome demonstrativo (0,521) são classes de palavras que predominam na primeira posição, enquanto os modificadores: pronome indefinido (0,412), adjetivo (0,188) e quantificador (0,350) podem aparecer em posições diversas, e quanto mais à direita, maior o cancelamento da aplicação da regra de concordância. O Gráfico 5 oferece uma melhor visão sobre os resultados encontrados entre os *corpora*:

Gráfico 5 – Classe gramatical do PPVC (GUIMARÃES, 2014) e Rio das Rãs

Fonte: Elaboração própria.

Assim, a partir dessa visualização dos resultados, podemos observar que a variável *classe gramatical* no português afro-brasileiro de Rio das Rãs não recebe exclusivamente a influência da variável posição linear, visto que essa variável não foi selecionada como significativa pelo programa estatístico. Os nossos dados estão relacionados com menor força dentro da posição e maior influência pelas variáveis *marcas precedentes* e *tonicidade*.

Após as ponderações acerca da abordagem atomística, passaremos agora à discussão da abordagem não atomística.

6.2 ABORDAGEM NÃO ATOMÍSTICA

Nesta subseção, analisamos as variáveis linguísticas de acordo com a perspectiva *não atomística*. Os fatores controlados para esta análise foram:

- (I) Configuração sintagmática;
- (II) Realização do núcleo;
- (III) Função sintática;
- (IV) Posição do SN em relação ao verbo;
- (V) Número de constituintes do SN;
- (VI) Número de constituintes flexionáveis do SN;
- (VII) Saliência fônica.

Entretanto, o *Goldvarb-X* (2005) considerou apenas relevantes os seguintes grupos de fatores por ordem de significância:

- 1º – Função sintática do SN;
- 2º – Realização do núcleo;
- 3º – Posição do SN em relação ao verbo;
- 4º – Saliência fônica.

Analizamos um total de 3.511 ocorrências de fala da comunidade quilombola de Rio das Rãs na perspectiva *não atomística* (SHERRE,1988), das quais 823 foram marcadas com o morfema de plural, representando 23,4% do total. Agora, vamos apresentar os fatores selecionados por ordem de significância:

6.2.1 Função sintática do SN

Constatamos que os fatores que favorecem o fenômeno da concordância nominal, considerando a *a função sintática do SN* foram: *constituente solto* (0,617), *adjunto adverbial* (0,579), *adjunto/ complemento nominal* (0,53). Já os fatores *sujeito posposto ao verbo* (0,509) e *predicativo* (0,501) estão em ponto neutro e os demais fatores *sujeito anteposto ao verbo* (0,449), *objeto direto* (0,409) e *objeto indireto* (0,477) a tendência é aplicar menos a concordância, conforme vemos por meio da Tabela 11:

Tabela 11 – Presença de marca de plural no SN *abordagem não-atomística* segundo a variável função sintática

Função sintática	Ocorrências / total	Frequência	Peso Relativo
Sujeito anteposto ao verbo	155 / 721	21,5%	0,449
Sujeito posposto ao verbo	5 / 27	18,5%	0,509
Objeto direto	110 / 690	15,9%	0,409
Predicativo	71 / 303	23,4%	0,501
Objeto indireto / oblíquo / complemento locativo	71 / 334	21,3%	0,477
Adjunto / comp. nominal / aposto	60 / 209	28,7%	0,530
Adjunto adverbial	323 / 1128	28,3%	0,579
Constituente solto / cópia / repetição	28 / 99	28,3%	0,617
Total	823 / 3.511		

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados obtidos por Scherre (1988) e por nossa pesquisa apresentam algumas semelhanças em relação ao favorecimento da concordância apenas nos fatores *complemento nominal e verbal* e *adjunto nominal e adverbial*.

De acordo com Lucchesi e Macedo (1997), para a variável *função sintática do SN*, as estruturas regidas por preposição (adjunto adverbial, objeto indireto e adjunto/complemento nominal) são mais favoráveis à aplicação da regra do que as estruturas não regidas por preposição (sujeito, objeto direto e predicativo). Seguindo tal raciocínio, reestruturamos os fatores analisados em três grupos: *SN preposicionados* (objeto indireto, adjunto / complemento nominal e adjunto adverbial), *SN não-preposicionados* (sujeito, objeto direto e predicativo) e *constituente solto*. A Tabela 12 mostra o resultado após a reconfiguração dos dados:

Tabela 12 – Reconfiguração da função sintática

Função sintática	Ocorrências	Frequência	P. R.
SN Preposicionados	454 / 1.669	27,2%	0,545
SN não-preposicionados	340 / 1.743	19,5%	0,449
Constituente solto	28 / 99	28,3%	0,627

Fonte: Elaboração própria.

Podemos visualizar através da Tabela 12 que as conclusões obtidas por Lucchesi e Macedo (1997) assemelham-se às que obtivemos por meio da análise do *corpus* de Rio das Rãs. Os resultados apontaram que o grupo de fatores *SN preposicionados* é mais propício à aplicação da concordância. Quando comparamos nossos resultados desta reconfiguração com os dados obtidos por Lucchesi e Macedo (1997) no Alto Xingu, analisando a concordância de gênero, os resultados se mostram bastante parecidos no que se refere aos pesos relativos, mostrados na Tabela 13:

Tabela 13 – Função sintática comparação em Alto Xingu e Rio das Rãs

Função sintática	Alto Xingu (LUCCHESI; MACEDO, 1997)	P. R	Rio das Rãs	P. R
SN	294 / 322	0,64	454 / 1669	0,54
Preposicionados	91%		27,2%	
SN não-preposicionados	267 / 364	0,40	340 / 1743	0,44
	73%		19,5%	
Constituente solto	75 / 108	0,42	28 / 99	0,62
	69%		28,3%	

Fonte: Elaboração própria.

Nas duas comunidades analisadas, o grupo de fatores *SN preposicionados* favorece à concordância enquanto o grupo de fatores *SN não-preposicionados* desfavorece.

6.2.2 Realização do núcleo

Referente à variável *realização do núcleo* houve uma expressiva quantidade de ocorrências de sintagmas nominais com núcleo, das quais 24,6% receberam a marcação de pluralidade e com um peso relativo de (0,518). Esses dados podem ser conferidos na Tabela 14:

Tabela 14 – Presença de marca de plural no SN *abordagem não-atômica* segundo a variável realização do núcleo

Realização do núcleo	Ocorrências / total	Frequência	Peso Relativo
Com núcleo	779 / 3.172	24,6%	0,518
Sem núcleo	44 / 339	13%	0,340
Total	823 / 3.511		

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados dessa variável confirmam os achados de Lucchesi e Macedo (1997). Os autores afirmam, com base em seus dados, que os SN com núcleo lexicalmente preenchido tendem a apresentar marcas explícitas de concordância, à proporção que os de núcleo vazio não o fazem, em mesma proporção. Nossos dados apresentam uma estratégia semelhante daqueles falantes do Alto Xingu, já os SN com núcleos lexicais não preenchidos são os que (conforme o peso relativo) tendem a desfavorecer a concordância.

Passemos à análise da variável *posição do SN em relação ao verbo*.

6.2.3 Posição do SN em relação ao verbo

No *corpus* desta pesquisa, a variável *posição do SN em relação ao verbo* foi estratificada pelos seguintes fatores: à esquerda do verbo, imediatamente à esquerda do verbo, à direita do verbo, imediatamente à direita do verbo e posição indistinta. Após a primeira rodada, os fatores foram amalgamados e, portanto, resumiram-se a três fatores dentro do grupo: **à esquerda do verbo**, **à direita do verbo** e **posição indistinta**. Tal expediente foi operacionalizado a exemplo do que fez Scherre (1994), para quem:

Pela análise do grupo de fatores localização do SN na oração pode verificar que o SN que se localiza à esquerda da oração tende a vir com todas as marcas explícitas de plural e o que vem à direita ou em posição indistinta tende a se apresentar com menos marcas explícitas de plural (SCHERRE, 1994, p.6).

A hipótese utilizada para essa variável, como vimos, baseada em Scherre (1988), refere-se à posição do SN à esquerda como favorecedora da marcação de plural. Podemos perceber que o peso relativo do fator *posição à esquerda do verbo*, confirma a hipótese. A variável foi observada considerando os aludidos três fatores, a seguir apresentados os números na Tabela 15:

Tabela 15 – Presença de marca de plural no SN *abordagem não-atomística* segundo a variável *posição do SN em relação ao verbo*

Posição do SN em relação ao verbo	Ocorrências / total	Frequência	Peso Relativo
À esquerda do verbo	324 / 1.293	25,1%	0,530
À direita do verbo	453 / 2.036	22,2%	0,482
Posição indistinta	46 / 182	25,3%	0,492
Total	823 / 3.511		

Fonte: Elaboração própria.

Para a categoria *posição indistinta* como podemos notar, o peso relativo está abaixo do ponto neutro, confirmando a afirmação de que o SN “[...] em posição indistinta tende a se apresentar com menos marcas explícitas de plural” (SCHERRE, 1994, p. 6). A hipótese de Scherre (1994) era de que haveria uma hierarquia e que o fator posição indistinta ocuparia o nível mais baixo da hierarquia, mas, segundo nossos dados, essa posição foi ocupada pelo fator *posição à direita do verbo*.

O padrão encontrado por outros estudos do Português Popular permite comprovar que os elementos à esquerda do verbo são maiores detentores da aplicação da regra de concordância. No *corpus* de Rio das Rãs, o fator *posição à esquerda do verbo* aparece na primeira posição hierárquica, favorecendo a aplicação da regra, enquanto os demais fatores ficaram distribuídos equilibradamente, com pesos relativos semelhantes (0,482 e 0,492), considerados desfavorecedores na influência da aplicação do fenômeno estudado.

6.2.4 Saliência fônica

Na perspectiva *não atomística*, o estudo da *saliência fônica* é estratificado em dois fatores, porque “[...] além de atuar sobre cada elemento do SN, estende seu efeito sobre a

estrutura sintagmática como um todo” (SCHERRE, 1988, p. 511). Para tanto, postulamos duas situações: *SN com todos os itens regulares* e *SN com pelo menos um item que apresenta diferenciação fônica quando pluralizados*, conforme anunciamos em 5.8.7.

Apresentamos os resultados na Tabela 16:

Tabela 16 – Presença de marca de plural no SN *abordagem não-atomística* segundo a variável *saliência fônica*

Saliência fônica	Ocorrências / total	Frequência	Peso Relativo
SN com todos os itens regulares	619 / 2.633	23,5%	0,516
SN com pelo menos um item irregular	204 / 878	23,2%	0,453
Total	823 / 3.511		

Fonte: Elaboração própria.

A *saliência fônica* foi selecionada como relevante, embora o resultado apresente valores dos pesos relativos que contrariam a hipótese de que os itens mais salientes (irregulares) são mais favorecedores para a marcação de plural. Nos dados encontrados no *corpus*, essa tendência não sobressai aos itens menos salientes (regulares).

Andrade (2003), em sua pesquisa, encontra resultados inversos aos nossos, os itens irregulares (0,66) são mais marcados com o morfema de plural do que os itens regulares (0,46).

Passamos a discutir as variáveis extralinguísticas.

6.3 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

As variáveis extralinguísticas são consideradas importantes para revelar padrões de comportamento linguístico dos falantes, de acordo com as características do meio em que vivem. Mollica (2010) afirma que os usos linguísticos podem ser controlados por variáveis (condicionantes) sociais e não apenas por variáveis (condicionantes) estruturais. Assim, elementos internos e externos ao sistema linguístico “irmanam-se” para configurar a estratificação linguística especular da estratificação social (MOLLICA, 2010).

Nesta subseção, discutimos os dados da estratificação da concordância nominal com base na presença de marcas de plural nos SN, pautando-nos na frequência, no peso relativo e no grau de interinfluência dos grupos de fatores (variáveis) acerca do fenômeno estudado.

As variáveis controladas nesse estudo foram:

- (I) Faixa etária;
- (II) Sexo;
- (III) Estada fora da comunidade;
- (IV) Escolaridade.

Todas as variáveis extralinguísticas foram elencadas como relevantes, obedecendo à seguinte ordem:

- 1º Sexo;
- 2º Faixa etária;
- 3º Escolaridade;
- 4º Estada fora da comunidade.

Nesta subseção, apresentamos os resultados obtidos na análise dessas variáveis, bem como os cruzamentos de dados realizados para observar com maior detalhamento a influência que um fator exerce sobre o outro no processo de averiguação da variação do uso da concordância nominal de número.

6.3.1 Sexo

A variável *sexo*, selecionada em primeira posição pelo programa *Goldvarb-X* (2005), é amplamente discutida nos estudos da variação linguística. Os dados representados na Tabela 17 apontam essa variável como um fator de grande influência na realização do uso da concordância de número no interior dos sintagmas nominais. A Tabela 17 mostra os resultados obtidos:

Tabela 17 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável *Sexo*

Sexo	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Feminino	541 / 1.751	30,9%	0,602
Masculino	303 / 1.768	17,1%	0,399
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria

No tocante à variável *sexo*, a hipótese utilizada considera que as mulheres estariam mais próximas do uso da norma padrão do que os homens, devido ao perfil observado das mulheres daquela comunidade, que aponta para a efetiva participação no mercado de trabalho, participação política, escolaridade e ampliação dos contatos em ambientes sociais e não ao

papel conservador que, costumeiramente, serve para explicar a prevalência do comportamento linguístico feminino sobre o masculino quando se refere à norma de prestígio. Dutra (2007) observa em sua pesquisa que, a partir dos conflitos vividos no território do Rio das Rãs, intensificados na década de 90, a participação feminina começa a se ampliar na comunidade:

[...] na medida em que tomam consciência da importância de sua participação, as mulheres começam a se envolver nas discussões e passam a construir seus espaços dentro das organizações que são criadas, como é o caso da Cooperativa Agropastoril do Quilombo Rio das Rãs, onde essas mulheres se fazem presentes, participando da direção ou até mesmo organizando-se em grupos específicos de mulheres para desenvolverem projetos comunitários, como horta, trabalhos artesanais, corte e costura, que as ajudam a colaborar com o orçamento familiar. Passaram também a participar, em maior número, das reuniões e encontros promovidos pela comunidade ou por entidades que colaboram com a resolução dessa problemática (DUTRA, 2007, p.68).

Assim, uma nova postura social da mulher com novos espaços alcançados levou-nos a supor que elas seriam agentes da transformação do vernáculo daquela Comunidade, por estarem mais sujeitas às pressões da norma ou assumindo os valores de grupos mais “prestigiados” socialmente. Nessa mesma linha de raciocínio, espelhamo-nos em Paiva (2010b) para entender que a mudança de *status* social levaria à mudança de *status* linguístico.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam que as mulheres são mais inclinadas na utilização da variante padrão. Por quê? Segundo Paiva (2010b, p. 37), “[...] o que se pode generalizar, pelo momento, é a maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas”. Ainda, de acordo com Paiva (2010b, p. 36):

No estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes (PAIVA, 2010b, p. 36).

Nossos resultados confirmam a hipótese a cerca deste grupo de fatores: as mulheres aplicam com maior frequência a variante padrão do que os homens. Realizando a comparação entre os nossos resultados, obtidos na Comunidade de Rio das Rãs e os resultados de Guimarães (2014) e Meira (2015), sobre o mesmo fenômeno linguístico, temos o seguinte resultado, demonstrado na Tabela 18:

Tabela 18 – Comparação entre o Português Afro-brasileiro de Rio das Rãs e o Português Popular (GUIMARÃES, 2014) e Culto (MEIRA, 2015) de Vitória da Conquista

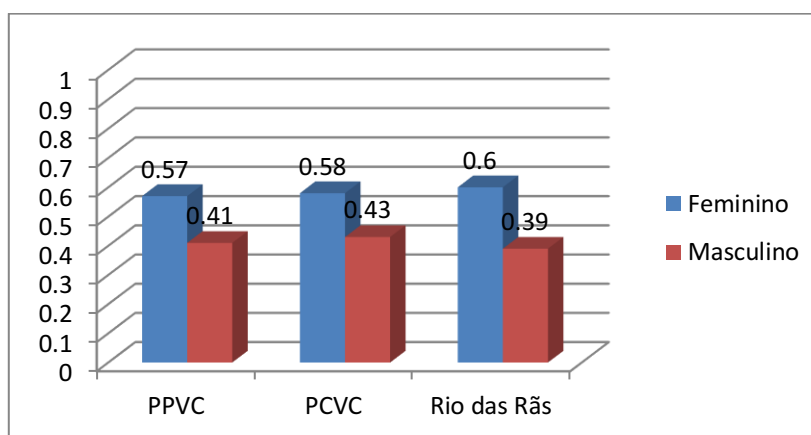
Sexo	PPVC	P.R.	Português culto	P.R.	Rio das Rãs	P.R.
Feminino	940/1539 61,1%	0,57	948 / 1006 94,2%	0,58	541 / 1751 30,9%	0,60
Masculino	768/1440 53,3%	0,41	1034/ 1199 86,2%	0,43	303 / 1768 17,1%	0,39
Total	1708 / 2979		1982 / 2.205		844 / 3519	

Fonte: Elaboração própria.

Observamos que, no estudo das três comunidades de fala, todas elas, demonstraram que as mulheres se aproximam mais da norma padrão do que os homens. Em relação a variável *sexo*, Romaine (2000 [1994]) aponta que em vários estudos sociolinguísticos, as mulheres tendem a usar variantes de *status* mais alto com mais frequência do que os homens. As mulheres de cada grupo de classe social usam as variantes mais padronizadas com mais frequência que os homens de *status* semelhante. As mulheres podem estar usando meios linguísticos como uma forma de obter *status* negado a elas por outros meios.

Através do Gráfico 6, observamos que o peso relativo desta variável favorece a aplicação da regra de concordância nos *corpora* analisados:

Gráfico 6 – Comparação entre o Português Afro-brasileiro de Rio das Rãs e o Português Popular (GUIMARÃES, 2014) e Culto (MEIRA, 2015) de Vitória da Conquista



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados da comparação evidenciam que as mulheres estão mais próximas do uso das formas de prestígio da língua. Moreno Fernandez (2009 [1998]) reforça que as mulheres geralmente mostram uma atitude mais positiva do que os homens em relação ao emprego da

norma de prestígio, enquanto os homens tendem a usar as variedades vernáculas mais intensamente.

6.3.2 Faixa etária

Sendo o objetivo desta pesquisa, a análise dos fatores condicionantes da aplicação da regra de concordância nominal, interessa-nos sobremaneira se o fenômeno em estudo trata-se de uma inovação ou de uma conservação de traços advindos da sócio-história da *Comunidade de Fala*. O controle da variável *faixa etária* procura resgatar comportamentos linguísticos com base na história da construção dos valores e atitudes de dadas épocas. Seria desnecessário dizer que somos homens históricos e, como tal nossas crenças, atitudes e valores refletem não só nossa forma de pensar, mas nossa forma de falar e nossa forma de avaliar o que outros falam e pensam que falam. Nossa análise caracteriza-se como *pesquisa transversal*, uma vez que os dados coletados observam a mudança em tempo aparente (TARALLO, 2007[1985]), característica encontrada na análise da aplicação da regra variável por falantes de diferentes idades em um determinado momento no tempo.

De acordo com Naro (2010), sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim sendo, a fala de uma pessoa com 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de vinte e cinco anos no passado. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada “gradação etária”. Ela corresponde, sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real.

Na Tabela 19, apresentamos os resultados acerca da variável *faixa etária*, fator considerado relevante pelo programa estatístico.

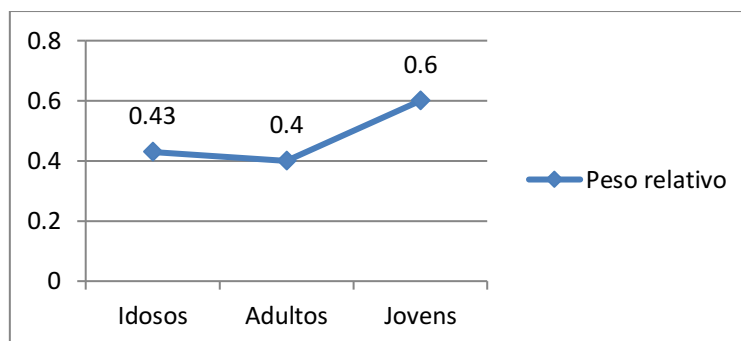
Tabela 19 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável *faixa etária*

Faixa etária	Ocorrências / total	Frequência	Peso Relativo
Jovens (25 a 35 anos)	471 / 1.473	32%	0,606
Adultos (45 a 55 anos)	185 / 1.037	17,8 %	0,408
Idosos (mais de 65 anos)	188 / 1.009	18,6 %	0,439
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria.

Os falantes mais jovens (25 a 35 anos) apresentam 32% de frequência de aplicação da regra e peso relativo de (0,606) no uso da variável padrão. Um pouco mais distante, os falantes adultos (de 45 a 55 anos) realizam a marcação de plural em 17,8% das ocorrências, com peso relativo de (0,408). Os falantes mais velhos (65 anos ou mais) apresentam um índice maior do que os adultos, realizando a aplicação da regra em 18,6% das ocorrências e apresentando peso relativo (0,439). A correlação encontrada é do tipo inclinada, com uso da variante inovadora pelos falantes mais jovens (25 a 35 anos) e o uso da variante conservadora pelas outras duas faixas (45 a 55 anos; 65 anos ou mais), ilustrado no Gráfico 7:

Gráfico 7 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável faixa etária



Fonte: Elaboração própria.

A hipótese inicial para a variável *faixa etária*, baseada em Lucchesi (2015), considera a polarização linguística do Português Brasileiro Rural, preconiza que no Português Popular os falantes mais jovens estão em processo de aquisição da variável mais próxima à norma culta urbana, revelando nesse nível de idade uma mudança em progresso. Na faixa etária I, os jovens (25 a 35 anos) aplicaram a regra de concordância com mais frequência do que as outras faixas analisadas. Assim, uma possível explicação para a utilização mais frequente da concordância nominal é que eles estão mais propensos à aquisição da norma padrão em razão de fatores como a recente modernização das escolas nas comunidades rurais, inserção no mercado de trabalho, as inovações tecnológicas e o aumento das vias de transporte que possibilitam e facilitam o fluxo de pessoas, mercadorias e informações, retirando a comunidade do isolamento que vivia no passado.

De acordo com Tarallo (2007[1985]), quando o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, a situação representa uma mudança em progresso.

Andrade (2003), em seu estudo sobre a variação da concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro, na comunidade de Helvécia, verificou um processo de mudança

aquisicional, devido aos falantes mais jovens realizarem a aplicação da regra de concordância com mais frequência (0,66) enquanto a faixa intermediária apresenta (0,46) e os falantes mais velhos (0,37), configurando uma distribuição inclinada, indicando que a comunidade está passando por um processo de mudança em curso.

Guimarães (2014), em sua pesquisa sobre a variação da concordância nominal de número no Português Popular de Vitória da Conquista, afirma que a comunidade de fala está passando por uma mudança em curso no sentido não da perda das marcas, mas na sua aquisição, pela influência dos fatores estruturais e sociais vivenciados pelos falantes da referida comunidade. Os dados apresentados pela pesquisadora indicam que os falantes mais jovens fazem maior uso da variável padrão, com peso relativo (0,58), enquanto os adultos representam o peso relativo (0,41) e por fim, os falantes mais velhos apresentam peso relativo (0,53). A variável padrão evidenciada na faixa etária I coloca os jovens como inovadores dentro do conjunto da comunidade.

O resultado obtido em Rio das Rãs se aproxima das pesquisas de Andrade (2003) e Guimarães (2014); assim, podemos afirmar que a hipótese inicial foi comprovada e que a variável *faixa etária* revela que a realização do fenômeno da concordância nominal de número é mais acentuada nos falantes mais jovens.

6.3.3 Escolaridade

A variável extralinguística *escolaridade* foi a terceira selecionada pelo programa estatístico *Goldvarb-X* (2005) como relevante para a aplicação da regra de concordância nominal no interior do sintagma nominal. A respeito de tal variável, assim se pronuncia Mollica: “A escolarização tem sido testada amplamente para se verificar o seu grau de influência sobre os falantes quanto à apropriação da norma de prestígio” (MOLLICA, 2010, p. 28).

Como tivemos a oportunidade de dizer em 5.9.2, a hipótese norteadora para controlar a *escolaridade* é que quanto maior o tempo de acesso à escolarização, mais próximo o falante estará da norma de prestígio. De acordo com Votre (2010), a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas por ela atingidas, atuando como preservadoras das formas de prestígio de acordo com as mudanças em curso.

A Tabela 20 diz respeito ao tempo de acesso à escola, correspondendo 17,3% de frequência da aplicação da regra de concordância para os informantes da escolaridade I (0 a 2 anos de escolarização), com peso relativo (0,430). O período de maior acesso à escolarização

representado pela escolaridade II (3 a 5 anos) corresponde a 31,5% da frequência de aplicação e (0,579) de peso relativo, conforme dados ilustrados na Tabela 20:

Tabela 20 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável Escolaridade

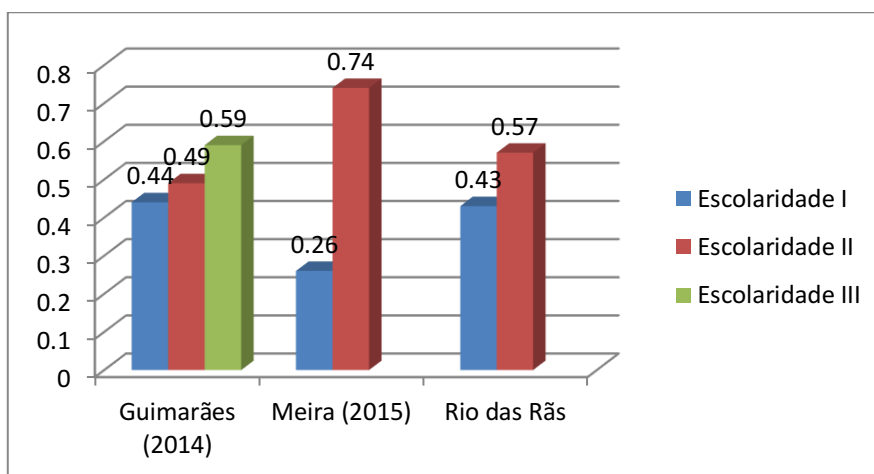
Escolaridade	Ocorrências/ total	Frequência	Peso Relativo
Escolaridade I (0 a 2 anos)	322 / 1.863	17,3%	0,430
Escolaridade II (3 a 5 anos)	522 / 1.656	31,5%	0,579
Total	822 / 2.689		

Fonte: Elaboração própria

É interessante observar que mesmo havendo pouco tempo de acesso dos informantes à escola, as duas faixas I e II se diferenciam, porque os falantes que frequentaram por mais tempo a escola, utilizam em uma gradação crescente a variante padrão. Diante dos dados apresentados, podemos concluir que a atuação da variável *escolaridade* condiciona o uso da marcação de plural entre os falantes da Comunidade de Rio das Rãs, e que também sua interpretação deve sujeitar-se ao cotejo de outras variáveis que compõem o comportamento de quem se submete à educação formal.

Comparando os nossos resultados com os dados de Guimarães (2014) e Meira (2015) para a referida variável, tivemos a seguinte configuração, como mostra o Gráfico 8:

Gráfico 8 – Presença de marca de plural no SN segundo a variável *Escolaridade* no português popular (GUIMARÃES, 2014) e culto (MEIRA, 2015) de Vitoria da Conquista e do português afro-brasileiro de Rio das Rãs



Fonte: Elaboração própria

Guimarães (2014) controla a variável *escolaridade* em três fatores: escolaridade I (de 1 a 2 anos), escolaridade II (3 e 4) e escolaridade III (5 anos de escolarização). Os dados da pesquisadora revelam que quanto maior tempo de escolarização maior é a tendência no uso da regra de concordância. Nos resultados de Meira (2015), os informantes de nível superior (0,74) lideram o uso da concordância em relação aos informantes de nível profissionalizante (0,26), que segundo Lopes (2001, p.32) “[...] é comum pressupor que os falantes de nível universitário façam a concordância em qualquer situação ou contexto”.

Moreno Fernandez (2009 [1998]) considera importante o estudo da variável *escolaridade* como uma variável independente, o que pode trazer consequências importantes no campo da mudança linguística, determinando diretamente a variação linguística, pois é normal que pessoas mais instruídas façam maior uso das variantes consideradas de maior prestígio.

6.3.4 Estada fora da comunidade

Atualmente, a Sociolinguística preocupa-se como os falantes expostos a outros indivíduos fora de sua comunidade, à mídia, à relação de trabalho externo e a diversas outras atividades fora do seu convívio são influenciados no uso de normas de prestígio, havendo motivação para a variação linguística e consequentemente apontando tendências de mudança. Controlamos como princípio norteador a *estada fora da comunidade* que, a nosso juízo, reflete contato com grupos externos que ensejariam a mudança do vernáculo.

Segundo a Tabela 21, a seguir, os informantes que estiveram fora da comunidade, por pelo menos seis meses, aplicam a regra de concordância com mais frequência, 26,2% das ocorrências e peso relativo (0,540) do que os falantes que pouco estiveram fora da comunidade, representando 20,8% das ocorrências e peso relativo (0,442). Conforme descreve a Tabela 21:

Tabela 21 – Presença de marca de plural no SN segundo Estada fora da comunidade

Estada fora da comunidade	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Esteve fora da comunidade por pelo menos seis meses	545 / 2.082	26,2%	0,540
Não esteve fora da comunidade por pelo menos seis meses	299 / 1.437	20,8%	0,442
Total	844 / 3.519		

Fonte: Elaboração própria

A variável *estada fora da comunidade* foi analisada por Andrade (2003) que observou a atuação desta variável entre os falantes que estiveram fora da comunidade (0,61) possibilidades em manter contato mais acentuado com outras variedades do que os falantes que não estiveram fora da comunidade (0,42).

De acordo com Romaine (2000 [1994]), os pesquisadores geralmente ignoraram a variação dentro da comunidade analisada, partindo do pressuposto de que todos os membros da mesma comunidade se comportarão de maneira semelhante. Esse tipo de estudo sociolinguístico enfatiza a natureza dos contatos e redes em uma sociedade. O conceito de rede social leva em consideração os diferentes hábitos de socialização dos indivíduos e seu grau de envolvimento na comunidade local, inclusive os contatos externos. Assim, os falantes que mantiveram contato (dito “imersão”) com outros grupos passaram a apresentar um comportamento linguístico um pouco afastado do vernáculo de sua comunidade, aceitando, portanto, valores adventícios.

6.3.5 Cruzamento das variáveis extralinguísticas

Em busca de um maior aprofundamento na análise dos fatores extralinguísticos, os cruzamentos dos dados foram realizados seguindo a orientação de Guy e Zilles (2007):

Fatores como sexo, idade e classe social, muitas vezes, não se comportam independentemente uns dos outros. Portanto, o pesquisador deve examinar os resultados para tais grupos de fatores cuidadosamente em qualquer análise, fazendo cruzamentos (usando o programa *Crosstab*) e outras investigações para examinar a possibilidade de interação entre eles (GUY; ZILLES, 2007, p. 221).

Em consonância com o pensamento de Guy e Zilles (2007), Mollica (2010) também sugere que o estudo detalhado dos dados, através dos cruzamentos, é imprescindível, porque as variáveis tanto linguísticas quanto não linguísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

É possível comprovar a importância do cruzamento dos dados conforme os itens a seguir.

6.3.5.1 Cruzamento das variáveis sexo e escolaridade

Esse cruzamento comprova que as mulheres com o maior tempo de acesso à escola são as que mais se aproximam da norma padrão, aplicando a regra de concordância de número, com 39% de frequência e com peso relativo de (0,611); em seguida, os homens, também da escolaridade II, com mais tempo de acesso à escola, com a frequência de aplicação da regra de concordância de 21,9%, com um índice de (0,578) no peso relativo. Os informantes de ambos os sexos com menor escolarização aparecem em seguida com menor frequência de aplicação da regra, conforme Tabela 22:

Tabela 22 – Presença de marca de plural no SN segundo cruzamento das variáveis *escolaridade e sexo*

	Escolaridade I (0 a 2 anos)		Escolaridade II (3 a 5 anos)	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso Relativo
Mulheres	22,4% 191 / 853	0,571	39% 350 / 898	0,611
Homens	13% 131 / 1010	0,439	22,7% 172 / 758	0,578

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar o cruzamento desses fatores, verificamos que, à medida que os informantes vão elevando o tempo de acesso à escola, eles vão utilizando com mais frequência a variante padrão, em destaque as informantes do sexo feminino.

6.3.5.2 Cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária

No cruzamento destas variáveis, são os jovens (25 a 35 anos) pertencentes a escolaridade II (de 3 a 5 anos de escolarização) que estão mais próximos da forma de prestígio – são eles que realizam com mais frequência a aplicação da regra de concordância de número. De acordo com os resultados apresentados pelo programa *Goldvarb-X* (2005), os falantes mais jovens e com mais tempo de acesso à escola aparecem com 46,2% da frequência e com peso relativo de (0,666), demonstrados na tabela 23 a seguir:

Tabela 23 – Presença de marca de plural no SN segundo cruzamento das variáveis *escolaridade e faixa etária*

Faixa etária	Escolaridade I (0 a 2 anos)		Escolaridade II (3 a 5 anos)	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Jovens (25 a 35 anos)	17,7% 130 / 735	0,547	46,2% 341 / 738	0,666
Adultos (45 a 55 anos)	15,6% 93 / 596		20,9% 92 / 441	
Idosos (65 anos ou mais)	18,6% 99 / 532	0,489	18,7% 89 / 477	0,343

Fonte: Elaboração própria.

O fenômeno descrito na Tabela 23 evidencia que quanto mais jovem e maior o grau de instrução, maiores são as probabilidades do uso da regra de concordância. Esse fato ocorre devido às melhores oportunidades encontradas pelos informantes mais jovens da comunidade, como: acesso à escola, inserção com mais intensidade na era digital e rede de relacionamentos sociais mais diversificadas dos que os demais falantes das outras faixas etárias, consequentemente isso proporciona um contato maior com as formas de mais prestígio da língua.

6.3.5.3 Cruzamento das variáveis escolaridade e estada fora da comunidade

O cruzamento destas variáveis apresenta maior influência da aplicação da regra de concordância para os informantes que estiveram mais tempo fora da comunidade, consequentemente ampliando suas redes de relações sociais. Como demonstra a Tabela 24 a seguir:

Tabela 24 – Presença de marca de plural no SN segundo cruzamento da *escolaridade e estada fora da comunidade*

Escolaridade	Esteve fora da comunidade por pelo menos seis meses		Não esteve fora da comunidade por pelo menos seis meses	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Escolaridade I (0 a 2 anos)	19,8% 202 / 1018	0,548	14,2% 120 / 845	0,443
Escolaridade II (3 a 5 anos)	32,2% 343 / 1064		30,2% 179 / 592	

Fonte: Elaboração própria.

Com base nos dados expostos na Tabela 24, podemos afirmar que a variável *estada fora da comunidade* tem forte influência sobre a *escolaridade*. Os falantes que estiveram fora da comunidade por mais tempo e, assim, ampliaram suas redes de relações sociais, aplicaram mais a regra de concordância nominal, percebendo levemente a influência do tempo de permanência na escola.

6.3.5.4 Cruzamento da faixa etária e sexo

Esse cruzamento de fatores comprova que as mulheres mais jovens (25 a 35 anos) são as que mais aplicam a regra de concordância nominal de número na comunidade de fala de Rio das Rãs, com 46,2% de frequência e com peso relativo de (0,652), confirmando as hipóteses iniciais para as duas variáveis. Em seguida as mulheres mais velhas (65 anos ou mais) aparecem com 23,1% de frequência e peso relativo de (0,456), realizando a regra de concordância com mais frequência do que as mulheres adultas, conforme a Tabela 25:

Tabela 25 – Presença de marca de plural no SN segundo faixa etária e sexo

Faixa etária	Feminino		Masculino	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Jovens (25 a 35 anos)	46,2 % 320 / 692	0,652	19,3% 151 / 781	0,537
Adultos (45 a 55 anos)	18,1% 87 / 480	0,336	17,6% 98 / 557	0,514
Idosos (65 anos ou mais)	23,1% 134 / 579	0,453	12,6% 54 / 430	0,416

Fonte: Elaboração própria.

Os homens apresentam frequência menor do que as mulheres nas três faixas etárias. Eles demonstram como o comportamento linguístico masculino mantém uma hierarquia em que os jovens, os adultos e os idosos numa ordem decrescente apresentam-se mais próximos da norma de prestígio. Realidade que não se verifica entre as mulheres, o que demonstram uma alteração mais acelerada no comportamento das mulheres mais jovens.

De acordo com Eckert (2007), o estudo da faixa etária está na interseção entre o estágio da vida e o lugar na história. A faixa etária pode refletir a mudança na fala da comunidade à medida que avança o tempo (mudança histórica) e também na mudança da fala do indivíduo que se move ao longo da vida (gradação etária).

6.3.5.5 Cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade para o sexo feminino

Os dados apresentados na Tabela 26 mostram que as mulheres mais jovens com maior grau de instrução são as detentoras da norma padrão.

Tabela 26 – Presença de marca de plural no SN segundo *faixa etária e escolaridade* para o sexo feminino

Faixa etária	Escolaridade I (0 a 2 anos)	Escolaridade II (3 a 5 anos)
Jovens (25 a 35 anos)	67 / 288 23%	253 / 404 63%
Adultas (45 a 55 anos)	54 / 272 20%	33 / 208 16%
Idosas (65 anos ou mais)	70 / 293 24%	64 / 286 22%

Fonte: Elaboração própria.

O estudo da variação entre as formas extralinguísticas relacionadas à faixa etária, escolaridade e sexo aponta claramente para uma mudança linguística, que ocorrerá gradualmente em substituição às variantes conservadoras ao longo do tempo.

6.3.5.6 Cruzamento das variáveis faixa etária e escolaridade para o sexo masculino

Na Tabela 27, a fala dos informantes masculinos é analisada mais detalhadamente. Logo, é possível perceber que a variável *escolaridade* apresenta influência maior do que a variável *faixa etária*.

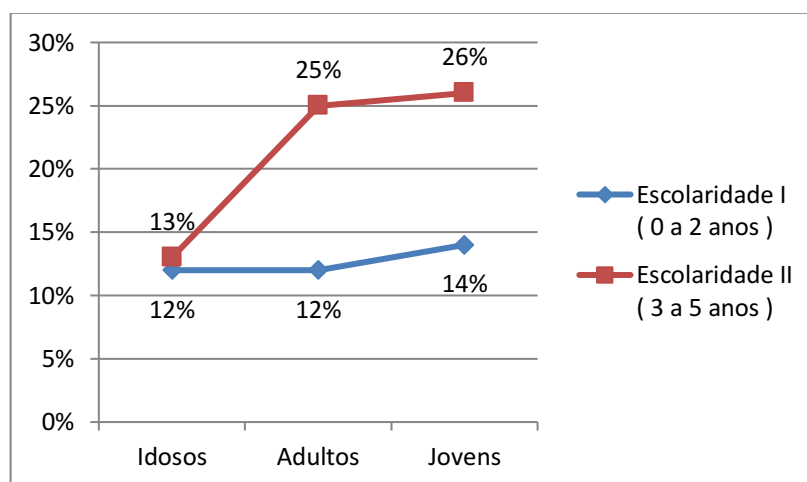
Tabela 27 – Presença de marca de plural no SN segundo *faixa etária e escolaridade* para o sexo masculino

Faixa etária	Escolaridade I (0 a 2 anos)	Escolaridade II (3 a 5 anos)
Jovens (25 a 35 anos)	63 / 447 14%	88 / 334 26%
Adultos (45 a 55 anos)	39 / 324 12%	59 / 233 25%
Idosos (65 anos ou mais)	29 / 239 12%	25 / 191 13%

Fonte: Elaboração própria.

A tabela mostra que o fenômeno da concordância nominal acontece com a influência predominante da variável *escolaridade* – os homens com mais tempo de escolarização realizam mais a regra. No tocante à variável *faixa etária*, revela-se um padrão linear entre os jovens e adultos da escolaridade II (3 a 5 anos de escolarização) e entre todos os falantes da escolaridade I (0 a 2 anos). Percebemos um padrão curvilíneo, com um aumento suave da variante padrão nas extremidades, como demonstra o Gráfico 9:

Gráfico 9 – Presença de marca de plural no SN segundo *escolaridade* e *faixa etária* para o sexo masculino



Fonte: Elaboração própria.

Ao apresentar o cruzamento das variáveis extralinguísticas, enfatizamos que a utilização sistemática desta ferramenta amplia a visão de análise das influências e interação que as variáveis apresentam dentro do contexto da comunidade de fala.

Ao final desta seção, após apresentar os dados sobre as categorias extralinguísticas, podemos concluir que tais variáveis favorecem fortemente à marcação de plural no interior do sintagma nominal e o estudo da correlação entre elas aponta a variável que mais fortalece a aplicação da regra de concordância.

A variável *sexo* indica que as mulheres realizam com mais frequência a concordância de número, especialmente as mais jovens. A faixa *etária* demonstrou haver maior influência quanto aos falantes mais jovens, especialmente do sexo feminino. A variável *escolaridade* pôs em evidência a perceptível atuação sobre o fenômeno, desde a análise isolada e também quando confrontada com os demais fatores. E por último, a variável *estada fora da comunidade*, de forma geral, propicia, com mais frequência, o uso da variante padrão pelos falantes que estiveram por mais tempo fora da comunidade e, assim, ampliaram suas redes de

relações sociais. Essa variável também foi influenciada fortemente pela *escolaridade*. Assim, pelos resultados apresentados, podemos afirmar que a variação na concordância nominal é perfeitamente explicável pelas variáveis extralinguísticas na comunidade de fala de Rio das Rãs.

7 CONCLUSÕES

O objetivo central deste estudo foi analisar a variação linguística quanto à aplicação da regra de concordância de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal (SN), pela abordagem atomística e não atomística, na fala da comunidade quilombola de Rio das Rãs, município de Bom Jesus da Lapa – BA. Nosso estudo mais uma vez demonstra que a variação de número no SN é um fenômeno variável na Língua Portuguesa e fenômeno recorrente na norma popular. Ao contrário do que postulam aqueles que acreditam na variação livre, o uso das marcas de concordância não fazem parte de um jogo de vale-tudo, mas antes estão inseridas naquilo que se convencionou designar de “envelope da variação” (COELHO *et al.*, 2012).

Talvez seja o sonho do homem viver uma *recta via*, mas sinuosos são os caminhos da linguagem e a variação não fugiria de ser pautada nesta discussão. A nossa proposta foi demonstrar, embora a via não seja *recta*, pistas que nos levam a descobrir em que momentos do percurso o vernáculo de um povo aproxima-se da idealização da gramática normativa; por isso, fizemos um percurso analisando o que dizem e o que encontramos.

Chegamos a conclusões provisórias, as quais precisam ser cada vez mais apuradas, limadas, aperfeiçoadas. Assim, nossos resultados apontam para a variação na concordância de número no SN, sendo que, para a perspectiva atomística, foram estes os fatores condicionantes: *marcas precedentes, tonicidade, saliência fônica, posição do constituinte com referência ao núcleo e classe gramatical*.

Os resultados para a variável *marcas precedentes* apontam a influência favorável desta variável linguística, predominantes nos fatores *quantificadores com marca de plural* (0.742) e *presença de marca formal no constituinte imediatamente precedente* (0.542), e enfraquecidas pelos fatores *ausência de elemento anterior* (0.002), ausência de marca no constituinte imediatamente precedente (0,006) e quantificadores sem marca de plural, confirmando a hipótese de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”(SCHERRE,1988). Os dados também revelaram a forte ligação com a variável *classe gramatical*, elevando a influência do fator *quantificador* (0.655) na aplicação da regra de concordância.

No tocante à *tonicidade*, os dados revelaram que as palavras paroxítonas (0.588) e as palavras proparoxítonas (0.527) favorecem mais a aplicação da regra de concordância do que as palavras oxítonas (0.396) e monossílabos tônicos (0.083), como tínhamos previsto na hipótese baseada em Scherre (1988) e Lopes (2001) de que as sílabas tônicas seriam alvo do acréscimo do morfema de plural, essa hipótese não foi confirmada.

Quanto à variável *saliência fônica*, de forma geral, foi confirmado o princípio de que os itens irregulares (0.539), portanto mais salientes, são mais marcados do que os itens regulares (0.486). Analisando isoladamente cada fator, mostraram-se favoráveis a marcação de plural, os *itens em -l* (0.823), os *itens em -s e -z* (0.703) e os *itens em -m/ -em/ -ã/ -um/-ão* (0.596). Os itens regulares (0.475), portanto, menos salientes, apresentaram o peso relativo abaixo do ponto neutro, o que desfavorece a marcação de plural, que por sua vez, também confirma a hipótese inicial. Os demais fatores irregulares, como os *itens em -ões* (0.390), *itens em -r* (0.338) e *plural duplo* (0.173) desfavorecem a marcação de plural, divergindo da hipótese levantada.

Em relação à variável *posição do constituinte com referência ao núcleo*, os resultados demonstraram que o fator *primeira posição à esquerda do núcleo* (0.525) confirma a hipótese de que quanto mais à esquerda do SN, maior o índice de marcação de plural em relação às outras posições, como ocorreu no *corpus* pesquisado, a *segunda posição à esquerda do núcleo* (0.45) e a *terceira posição à esquerda do núcleo* (0.202) apresentaram índices que desfavorecem a marcação de plural.

No que se refere à variável *classe gramatical* ficou constatado que os elementos que atuam como determinantes, como: *artigo definido* (0.442), *artigo indefinido* (0.414) e *pronome possessivo* (0.409) não foram marcados em maior escala do que as demais classes gramaticais, não confirmando a hipótese inicial. No entanto, os fatores *quantificador* (0.655) e *numeral* (0.623) apresentaram valores elevados, influenciados pela variável *marcas precedentes*, considerada a mais relevante pelo programa estatístico. O fator *substantivo* (0.536) foi fortemente influenciado pela variável *posição do elemento nuclear, categorizada em primeira* (0.99), *segunda* (0.49) e *terceira posição em diante* (0.573). A variável *classe gramatical* está relacionada fortemente com a *posição linear do constituinte*, como esta variável não foi selecionada pelo programa quantitativo como significativa nesse *corpus*, atribuímos que a hipótese levantada não foi confirmada por esse desvio.

A partir da análise da perspectiva não atomística, identificamos outras variáveis linguísticas que condicionam a variação do fenômeno da concordância nominal no Português Brasileiro. As variáveis condicionantes foram: *função sintática*, *realização do núcleo*, *posição do SN em relação ao verbo* e *saliência fônica*.

A variável *função sintática* revelou que as estruturas regidas por preposição, como os fatores *adjunto/complemento nominal* (0.53) e *adjunto adverbial* (0.579) favoreceram a aplicação da regra, enquanto as estruturas não regidas por preposição, *sujeito* (0.449), *objeto direto* (0.409) e *predicativo* (0.501) desfavorecem a regra. Já o fator *constituinte solto* (0.627)

mostrou fortemente a sua influência na aplicação da concordância contrariando a hipótese levantada.

A análise da variável *realização do núcleo* constatou que os SNs com *núcleo preenchido* (0.518) favorecem a aplicação da regra, enquanto os SNs com *núcleo vazio* (0.34) desfavorece a marcação de plural.

No que concerne a variável *posição do SN em relação ao núcleo*, os dados obtidos indicaram que o fator *posição à esquerda do verbo* (0.53) tende a vir com mais marcas de plural do que a posição à direita do verbo (0.482) e também em posição indistinta (0.492), conformando a hipótese levantada.

Em relação a variável *saliência fônica*, ficou constatado que os SNs com *todos os itens regulares* (0.516) foram mais marcados com o morfema de plural do que os SNs com *pelo menos um item irregular* (0.453) contrariando a hipótese de que os itens mais salientes são mais marcados do que os menos salientes.

As variáveis extralinguísticas selecionadas foram as mesmas que propusemos em nossa metodologia: sexo, faixa etária, escolaridade e estada fora da comunidade.

De acordo com o que foi observado, a variável *sexo* aponta a liderança das mulheres (0.602) no uso da concordância, enquanto os homens (0.399) usam com menos frequência as marcas de plural.

A análise da variável *faixa etária* revelou que os falantes mais jovens (25 a 35 anos) com peso relativo (0.606) são os mais favorecedores do uso das marcas de plural, liderando o uso da variante inovadora, enquanto os falantes mais velhos (65 anos ou mais), com peso relativo (0.439) apresentam um índice maior no uso da concordância do que os falantes adultos (45 a 55 anos), com peso relativo (0.408), atestando o uso da variante conservadora para as duas últimas faixas etárias, confirmando a hipótese inicial proposta por Lucchesi (2001; 2015) de que a bipolarização linguística do PB, no português popular os falantes mais jovens estão em processo de aquisição da variável mais próxima à norma culta urbana, revelando nesse nível de idade uma mudança em progresso.

A variável *escolaridade* evidenciou que são os informantes pertencentes a escolaridade II (3 a 5 anos de escolarização) que favorecem o uso da regra de concordância, com peso relativo de (0.579), enquanto os falantes da escolaridade I (0 a 2 anos de escolarização) a desfavorecem, apresentando peso relativo de (0.43). A hipótese levantada de que quanto maior o tempo de acesso à escolarização, mais próximo o falante estará da norma de prestígio, foi confirmada em nossos dados.

No que tange a variável *estada fora da comunidade*, confirmamos a hipótese de que os falantes mais expostos a uma rede externa de relações sociais serão mais influenciados pelo uso da variante inovadora, como comprova os resultados obtidos: os falantes que estiveram por *pelo menos seis meses fora da comunidade* (0.54) realizam com mais frequência o uso da concordância do que os falantes que não estiveram fora *por pelo menos seis meses* (0.442).

Os cruzamentos das variáveis extralinguísticas revelaram que *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade* e *estada fora da comunidade* podem delinear um aspecto importante da concordância na comunidade de fala de Rio das Rãs, apontando para direções de mudança.

Foi possível observar no cruzamento entre as variáveis *sexo* e *escolaridade* que as *mulheres com mais tempo de acesso à escola* (0.611) lideram o uso da variante inovadora, do mesmo modo, que o cruzamento entre *faixa etária* e *escolaridade* revelou que os mais jovens com maior grau de instrução (0.666) realizam com mais frequência a regra de concordância do que os demais. Reforçando esses resultados, as mulheres mais jovens (0.652) estão aplicando a regra de concordância do que as demais faixas, de acordo com o cruzamento das variáveis *sexo* e *faixa etária*.

Um dado curioso que o *corpus* mostrou é que no cruzamento entre as variáveis *escolaridade* e *estada fora da comunidade*, esta última sobressai à primeira, revelando que o informante que esteve mais tempo fora da comunidade, e por tanto ampliando sua rede de relações sociais, apresenta em seu repertório linguístico a influência da variante inovadora, independente de fazer parte da escolaridade I (0 a 2 anos) ou da escolaridade II (3 a 5 anos de escolarização).

Em relação ao cruzamento das variáveis *faixa etária* vs *escolaridade* vs *sexo*, os dados revelaram que as mulheres mais jovens com maior tempo de acesso à escola são as maiores favorecedoras do uso das marcas de plural na comunidade de Rio das Rãs, o que aponta uma mudança linguística ao longo do tempo.

Labov (2008 [1972]), ao apresentar a Teoria da Variação social na língua, enfatiza o estudo dos fatores estruturais (linguísticos) e sociais (extralinguísticos), como descrevemos e analisamos neste trabalho, ao selecionar a variação do uso da concordância nominal de número na Comunidade Quilombola de Rio das Rãs como nosso objeto de estudo, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística e também de outros pressupostos teóricos que contribuíram para a análise dos nossos dados, considerando o uso de evidências empíricas definidas por métodos quantitativos que permitiram os estudos dos fatores que determinam a mudança linguística.

Por fim, acreditamos que a presente pesquisa possa contribuir para novos estudos sociolinguísticos, sobretudo sobre o vernáculo do oeste baiano, relacionados aos caminhos da variação e mudança linguística que remontam a sócio-história do Português Brasileiro (PB).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Evanilda Marins. A variação da concordância nominal num dialeto rural. *In*: PAULA, Alessandra de *et al.* **Uma história de investigações sobre a língua portuguesa: homenagem a Silvia Brandão**. São Paulo: Blucher, 2018 [1977].
- ANDRADE, Patrícia Ribeiro de. **Um fragmento da constituição sócio-histórica do Português do Brasil**. Variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Salvador, UFBA, 2003.
- ARAÚJO, Cristiane Nogueira de. **Estudo da concordância nominal de número em textos escritos de alunos do ensino fundamental II**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola Editorial. São Paulo. 2007.
- BAILEY, Charles-James. **Variation and Linguistic Theory**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics. 1973.
- BAXTER, Alan Norman; LOPES, Norma da Silva. O desenvolvimento de regras de concordância variável em variedades de português a partir de modelos-estímulos (inputs) diferentes. *In*: LOBO, T.; CARNEIRO, Z.; SOLEDADE, J.; ALMEIDA, A. e RIBEIRO, S., (Orgs.) **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique, Visconde de. **Dicionário de vocábulos brasileiros**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. N. York: Henry & Co. 1933.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração de redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAGA, Maria Luiza. **A Concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro**. Dissertação de Mestrado, PUC, Rio de Janeiro, 1977.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). **Laudo antropológico sobre a comunidade rural negra do Rio das Rãs**. Coordenação. Brasília, Nov. 1993.

CARVALHO, José Jorge de (Org.). **O quilombo do Rio das Rãs: histórias, tradições e lutas**. Salvador: EDUFBA, 1995.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAZUMBÁ, Meire. **Histórias da Cazumbinha**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Editora Nacional, 2009.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, (org). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2012.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

DUTRA, Nivaldo Osvaldo. **Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982- 2004)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo : São Paulo, 2007.

ECKERT, Penelope. Age as a Sociolinguistic Variable. In: COULMAS, F. (org). **The Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 2007.

ECKERT, Penelope; McCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. **Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FERNANDES, Marisa. **Concordância Nominal na Região Sul**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis: 1996.

GUIMARÃES, Maria Aparecida Souza. **Concordância nominal de número no português popular do Brasil: estudo de variação e mudança no vernáculo conquistense**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria. **Sociolinguística Quantitativa, instrumental de análise**. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

HOLM, John Alexander. **An introduction to pidgin and creoles**. Cambridge: Cambridge Press, 2000.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

HYMES, Dell. **On Communicative Competence**. In: Pride, J.B. e Holmes, J. Sociolinguistics. England: Penguin Books, 1972. p. 269-293.

HYMES, Dell. **Foundations of Sociolinguistics**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Norma da Silva. **Concordância nominal, contexto linguístico e sociedade**. 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

LUCCHESI, Dante. O conceito de transmissão linguística irregular e o Processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 272-284, 2003.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan Norman. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante; MACEDO, Alzira Teixeira de. Variação na concordância de gênero no Português de Contato do Alto Xingu. **Papia: revista de crioulos de base ibérica**, 9. Brasília: Universidade de Brasília: 20-36, 1997.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTIN, Robert. **Para entender a Linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Editora Contexto; 2018.

MEIRA, Gilberto Almeida. **Estudo comparativo entre as normas popular e culta do português de Vitória da Conquista**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.

MICEK, Francisco. **O primeiro peregrino da Lapa**: Francisco de Mendonça Mar. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2006a.

MICEK, Francisco. **Santuário de Bom Jesus da Lapa**: Guia de Peregrinos e Turistas. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2006b.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. **Para conhecer Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORENO FERNANDEZ, Francisco. **Principios de Sociolinguística y Sociología Del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 2009 [1998].

MYERS-SCOTTON, Carol. **Implications of abstract grammatical structure**: two targets in creole formation. *The journal of pidgin and creole languages*. 2001.

MYERS-SCOTTON, Carol; JAKE, Janice L. Four types of morpheme: evidence from aphasia, code switching, and second-language acquisition. *In*: KLEIN, Wolfgang et alii (ed.). **Linguistics**: an interdisciplinary journal of the language sciences. Vol 38-6. 2000a. p. 1053-1100.

MYERS-SCOTTON, Carol; JAKE, Janice L. **Testing the 4-M model**: an introduction. *In*: TRAVIS, C. *Linguistics. International journal of bilingualism*. Vol 4, 2000b, p. 1-8.

MYERS-SCOTTON, Carol; JAKE, Janice L. **Revisiting the 4-M model**: Codeswitching and morpheme election at the abstract level. *International Journal of Bilingualism*. 2016, p.1-27.

MEYERHOFF, Miriam. Communities of practice. *In*: CHAMBERS, J.K.; TRUGDILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) **The Handbook of Language Variation and Change**. 2004 [2002]. p. 526-547.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. Routledge, New York, 2011[2006].

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: O tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Propriedade, poder e transição: domínio fundiário no alto sertão da Bahia durante a colonização e a consolidação do Estado nacional no Brasil**. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

NOGUEIRA, Gabriela Amorim. *“Viver por si”, viver pelos seus: famílias e comunidade de escravos e forros no “Certam de Cima do Sam Francisco” (1730-1790)*. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Departamento de Ciências Humanas V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2011.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.117-133.

PAIVA, Maria da Conceição de. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010.

PERINI, Mário Alberto. **Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2009.

PERINI, Mário Alberto. **Para uma nova gramática do Português**. 11.ed. São Paulo: Ática, 2007.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2009.

PONTE, Vanessa Maria Lobo. **A concordância nominal de uma comunidade de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

PURIFICAÇÃO, Josemar Oliveira. **Educação escolar quilombola: um estudo sobre os aspectos difundidos no Quilombo Rio das Rãs**. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-Historical Linguistics: its status and methodology**. Cambridge University Press, 2009 [1982].

ROMAINE, Suzanne. **Language in society: an introduction to sociolinguistics**. London: Blackwell, 2000 [1994].

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso: 2013.

SANTOS, Lília Soares Miranda. **Sobre a ausência de concordância nominal no Português falado em São Leopoldo-MG**: uma abordagem variacionista. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, Sueli Almeida dos. **Bom Jesus da Lapa na rede urbana regional e os circuitos da economia urbana**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SANTOS, Tiago Rodrigues. **Entre terras e territórios**: luta na/pela terra, dinâmicas e (re)configurações territoriais em Bom Jesus da Lapa (BA). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SCARDUA, Juliana Rangel. **Análise de concordância nominal na fala de Vitória/ES**: o linguístico, o social e o estilístico. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da Concordância Nominal em Português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)** - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49, 1994.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Orgs.) **Padrões Sociolinguísticos**. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ, Tempo Brasileiro, 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. **Sobre a concordância de número no português falado do Brasil**. In: RUFFINO, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-177.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SEGURA, Turíbio Vilanova. **Bom Jesus da Lapa - Resenha Histórica**. 3.ed. São Paulo: Gráfica São José, 1948 [1937].

SILVA, Jorge Augusto Alves. **A concordância verbal no português afro-brasileiro**: um estudo sociolinguístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português**: sintaxe. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11.ed. São Paulo: Contexto, 2017. SILVA, Valdélcio Santos. "Rio das Rãs à Luz da Noção de Quilombo", in **Revista AfroÁsia** nº 23, 2000, Bahia.

SILVA, Valdélcio Santos. **Rio das Rãs e Mangal**: feitiçaria e poder em territórios quilombolas do Médio São Francisco. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SOUZA, José Evangelista de; ALMEIDA, Carlos Deschamps de. **Comunidades rurais negras Rio das Rãs - Bahia**. Documentário. DF: Arte e Movimento, 1994a.

SOUZA, José Evangelista de; ALMEIDA, Carlos Deschamps de. **O mocambo do Rio das Rãs**: um modelo de resistência negra. DF: Arte e Movimento, 1994b.

TABOSA, Maria Vanderlúcia Sousa. **A variação na concordância nominal de número no falar do Cariri cearense**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

TAGLIAMONTE, Sali A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. Key topics in Sociolinguistic. Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007[1985].

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. – 4. Ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

WEINREICH, Uriel; Labov, William and Herzog, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.P. and Malkiel, Y. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press. 1968, p. 95-189.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].